ANNO XXX. N. 152. QUINTA FEIRA 6 DE JULHO DE 1854.

Por 3 mezes adiantados 4,000
Por 3 mezes vencidos 4,500.

Por Anno adiantado 15,000.
Porte franco para o subscriptor.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPÇÃO.
Recife, o proprietario M. F. de Faria; Rio de Janeiro, o Sr. João Pereira Martins; Bahia, o Sr. F. Duprad; Maceió, o Sr. Joaquim Bernardo de Mendonça; Parahiba, o Sr. Gervazio Victor da Natividade; Natal, o Sr. Joaquim Ignacio Pereira; Aracaty, o Sr. Antonio de Lemos Braga; Ceará, o Sr. Victoriano Augusto Borges; Maranhão, o Sr. Joaquim M. Rodrigues; Pará, o Sr. Justino José Ramos.

CAMBIOS.
Sobre Londres 26 5/8, 27 d. por 1$
« Paris, 365 rs. por 1 f.
« Lisboa, 100 por 100.
« Rio de Janeiro, 1 1/2 a 2 0/0 de rebate.
Acções do banco 15 0/0 de premio.
« da companhia de Beberibe ao par.
« da companhia de seguros ao par.
Disconto de lettras a 7 1/2 a 12 0/0

METAES.
Ouro. — Onças hespanholas . . . . . 29$000
Moedas de 6$400 velhas . . . 16$000
» de 6$400 novas . . . 16$000
» de 4$000 . . . . . 9$000
Prata. — Patacões brasileiros . . . . 1$940
Peso columnarios . . . . . 1$940
» mexicanos . . . . . . 1$860

PARTIDAS DOS CORREIOS.
Olinda, todos os dias.
Caruarú, Bonito e Garanhuns nos dias 1 e 15.
Villa Bella, Boa-Vista, Exú e Oricury, a 13 e 28.
Goianna e Parahiba, segundas e sextas feiras.
Victoria, e Natal, nas quintas feiras.

PREAMAR DE HOJE.
Primeira á 1 hora e 18 minutos da tarde.
Segunda á 1 hora e 42 minutos da manhãa.

AUDIENCIAS.
Tribunal do Commercio, segundas e quintasfeiras.
Relação, terças feiras e sabbados.
Fazenda, terças e sextas feiras ás 10 horas.
Juizo de Orphãos, segundas e quintas ás 10 horas.
1.ª vara do civel, segundas e sextas ao meio dia.
2.ª vara do civel, quartas e sabbados ao meio dia.

EPHEMERIDES.
Julho 3 Quarto crescente as 4 horas, 1 minuto e 48 segundos da tarde.
» 10 Lua cheia as 4 horas, 6 minutos e 48 segundos da manhãa.
» 17 Quarto minguante a 1 hora, 44 minutos e 48 segundos da manhãa.
» 25 Lua nova aos 47 minutos e 48 segundos da tarde.

DIAS DA SEMANA.
3 Segunda. S. Eulogio m. Ss. Anatolio e Dathro.
4 Terça. S. Isabel rainha viu f. S. Oseas profeta
5 Quarta. S. Felomena v. S. Trifina m.
6 Quinta. S. Domingas v. m. S. Isaias profeta.
7 Sexta. S. Pulcheria v. imperatriz; S. Claudio.
8 Sabbado. Ss. Procopio e Priscilla mm.
9 Domingo 5. Ss. Cirillo e Bricio bb. S. Anatholia.

EXTERIOR.

CHRONICA DA QUINZENA.

Paris 14 de maio.

Em uma época tão fecunda em acontecimentos como a nossa, em que os espiritos tem passado por tantas impressões diversas e igualmente poderosas, só faltava uma ás gerações nascidas depois do imperio,—a forte e arrebatadora impressão de uma grande guerra, e esta mesma não lhe he poupada! A paz tinha creado tantos interesses, dos quaes tinha feito seus complices; tinha imprimido na actividade universal um curso tão differente, que, debaixo mesmo da acção dos ultimos esforços de negociações, tornados inuteis, ninguem podia crer nelle, e até espiritos ha que ainda o não creem, e todavia os primeiros tiros de canhão no mar Negro vieram marcar o termo final dessa tregoa de quarenta annos. Até hontem era a guerra declarada, preparada se o quizerem; hoje he a guerra começada, e, cousa estranha! essa paz continental, que as recentes commoções revolucionarias tinham deixado intacta, he destruida pela mão dos governos regulares! Como chegou a Europa a este ponto? Nada menos foi mister para isto do que uma questão de segurança universal, e não era preciso certamente mais do que isto, depois dos acontecimentos dos ultimos annos, depois da ressurreição do imperio em o nosso paiz, para reunir em um mesmo terreno, não dizemos ainda em um mesmo campo de batalha, a Inglaterra, a França, a Austria e a Prussia.

Se o imperador Nicoláo não estivesse tão cego por um pensamento fixo, tivera podido ver formar-se esta solidariedade européa, desde a primeira conferencia de Vienna, e observar desde então que por detraz da Turquia estava o Occidente. Tal he hoje o extremo em que elle voluntariamente se collocou, e he obrigado a encobrir aos olhos do mundo, dando á guerra que sustenta, uma cor mais ameaçadora ainda para a Europa, armando-se publicamente de todas as paixões, que sonham o assalto do mundo religioso oriental contra o mundo occidental. « A Russia, diz elle em seu ultimo manifesto, desviar-se-ha por ventura do fim sagrado, que lhe he assignado pela divina Providencia? A Russia não se tem esquecido de Deos.... ella combate pela fé christãa.... *Nobiscum Deus: quis contra nós?* Infelizmente o czar não faz o que fazem todos os revolucionarios, creando para si um direito superior a todos os direitos positivos e reconhecidos. Existia este direito positivo a favor da Russia? Não, sem duvida; a Europa se tem pronunciado solemnemente a este respeito. Sabemos muito bem que o imperador Nicoláo não reconhece em outros senão em si a autoridade necessaria para decidir de seu direito, e he justamente nisto, que elle imita sem o saber a todos os revolucionarios do mundo.

Os revolucionarios querem que os governos attendam aos seus votos, e se os governos resistem, elles os combatem pela insurreição, que he seu genero de guerra, pelas conspirações, por todas as difficuldades que lhes suscitam. O imperador Nicoláo intima ao sultão, que por meio de um tratado lhe ceda uma parte de sua soberania sobre onze milhões de homens, e se o sultão não consente, elle invade em plena paz suas provincias, excita as paixões religiosas das populações christãas do Oriente, e se a Europa intervem por sua vez, porque reconhece o direito da Turquia, e quer conservar intacto o equilibrio do Occidente ameaçado, oh! então não ha duvida, a Europa está constituida em flagrante delicto de antagonismo com a Providencia. Que fazia a Russia organisando ha pouco tempo uma legião valachia, e permitta-se-nos acrescentar aqui, que o Sr. de Nesselrode, á reclamação do ministro da Austria em São Petersburgo, declarava que era por ordem do imperador, que se tinha organisado aquella legião,—que faz ainda hoje a Russia enviando agentes ao Montenegro, pagando a insurreição grega, senão empregar todos os meios revolucionarios, inutilmente desfarçado com esse verniz do direito religioso, como se as potencias do Occidente procurassem fomentar movimentos no reino da Polonia? O divan pelo contrario tem recusado atequi, sem duvida a pedido dellas, autorisar a organisação de uma legião polaca contra a Russia. A verdade he que esta pretendida emancipação dos *correligionarios opprimidos*, de que falla o czar, he o pretexto menos especioso á vista dos actos reiterados, pelos quaes as potencias continentaes collocam em primeiro lugar nas suas preoccupações a consagração dos direitos civis e religiosos dos christãos do Oriente, e se por acaso tratar-se de sua independencia, todos sabem como a Russia a entende.

Quando o imperador Nicoláo eleva o conflicto á altura de uma grande luta religiosa, elle bem sabe que a Europa, conservando o justo ascendente do christianismo occidental, nenhum desejo tem de ir perturbar o povo russo em suas crenças, o que não he do interesse dos governos. O que a Europa quer he conter e limitar uma grande ambição desfarçada com o véo da religião. A luta que ella aceita, he em nome de um direito positivo, em nome de um interesse europeu, em nome da civilisação, e a prosegue pelos unicos meios, que a civilisação autorisa: moderando o mais que he possivel os crueis rigores da guerra. Não he este o caracter do bombardeamento de Odessa? Não foi de proposito deliberado que as esquadras combinadas executaram esta feliz e habil operação de guerra: foi depois que um navio parlamentar soffreu o fogo do canhão russo. A cidade foi poupada; o ataque se concentrou no porto imperial, nos estabelecimentos militares, nas baterias russas.

Os prisioneiros feitos em navios mercantes, no mar Negro como no Baltico foram restituidos. Fim, meios, execuções, tudo tem sido em harmonia, no primeiro passo que deram nesta guerra, a Inglaterra e a França não tem feito mais do que seguir o caminho em que tinham entrado pelas suas declarações sobre o commercio dos neutros. Ahi se revela seu verdadeiro pensamento, que he limitar-se ás hostilidades necessarias, e deixar o curso o mais livre possivel a todos os interesses commerciaes do mundo. Além disto observe-se que as declarações da Russia sobre os neutros não tem o caracter liberal das declarações da França e Inglaterra. O governo russo não só deixa de seguir as duas potencias neste terreno, senão reprova os principios de seu proprio direito maritimo.

He assim que a Russia declara boa prêza todo navio, a cujo bordo se encontrar objectos de contrabando de guerra, qualquer que seja a quantidade, ao passo que em virtude de seus antigos regulamentos e do tratado de 1787 com a França, o navio neutro aprisionado se punha ao abrigo de toda a captura, abandonando ao belligerante os objectos illicitos. He nestas circumstancias que se empenha a luta actual entre a Russia e as potencias occidentaes. Onde o imperador Nicoláo leva um pensamento de ambição envolvido em uma especie de mysticismo religioso, as nações europeas avançam, tendo na ponta de sua espada um interesse claro, evidente, reconhecido pela opinião universal. A Russia dispõe sem duvida de poderosos recursos defensivos; de seu lado, a Inglaterra e a França proporcionam cada vez mais seus meios de acção ao caracter sério, e ao desenvolvimento provavel da luta. O gabinete inglez acaba de pedir ao parlamento um novo augmento de forças de terra e de mar; o governo francez acaba de decretar a formação de dous campos, — um de cem mil homens, em Saint-Omer, outro de cincoenta mil em Marselha,— reservas respeitaveis promptas para todos os acontecimentos.

He este certamente um dos caracteres da guerra actual, cujos elementos se devem procurar em muitos pontos, — nas margens do Danubio, em Constantinopla, em Vienna, em Berlim, no Epiro ou em Athenas. Operações dos exercitos, perspectiva das potencias allemãas, insurreição grega, tudo isto se confunde, e todos estes elementos não fazem mais do que mostrar, debaixo de suas diversas faces, a grande questão, que traz a Europa em suspensão. Qual he hoje o estado da guerra no Danubio? O exercito russo parece não ter levado nas operações além do Dobrutscha, havendo-as limitado até aqui á passagem do rio, ao passo que do outro lado, evacuava a pequena Valachia. O marechal Paskewitsch está agora a sua frente. Quanto aos diversos combates, que tem tido lugar entre as tropas russas e turcas, e ao cerco de Silistria, ahi he que começa a incerteza, que nenhum dos belligerantes deseja sem duvida fazer acabar. O plano de Omer-Pachá he provavelmente esperar a presença dos exercitos europeus. Em Constantinopla he justamente na chegada destes exercitos, que se encontra o interesse o mais actual.

As tropas francezas e inglezas desembarcaram em Gallipoli ou em Constantinopla. Entretanto um incidente grave e inesperado parece ter vindo um instante fazer alguma diversão: foi uma difficuldade sobrevinda subitamente entre o embaixador de França, o general Baraguay-d'Hilliers e o divan a respeito da expulsão dos Gregos, em consequencia do rompimento recente entre a Porta Ottomana e o governo grego. Qual era o pensamento da França? Não podia ser evidentemente proteger no solo turco a presença de homens perigosos, e menos ainda transformar uma questão politica em uma questão religiosa, fazendo do titulo de catholico um motivo de isenção a uma medida geral. He sobre a applicação desta medida aos gregos da religião catholica, que appareceu, ao que parece, essa desintelligencia, a qual foi resolvida como devia ser, por uma transação muito simples: o divan em definitiva unico juiz de uma questão de segurança publica, designou nominalmente os subditos gregos autorisados a ficar na Turquia, não essencialmente por virtude de seu titulo de catholicos, mas em razão de seu caracter inoffensivo. He neste sentido que eram as instrucções do governo francez, e he sem duvida porque não ha mais vestigios deste incidente em Constantinopla, que o general Baraguay d'Xilliers foi chamado. Finalmente esta difficuldade não podia deixar de ser facil de resolver diante dos interesses, sob cujos auspicios está sellada a alliança da França e da Porta Ottomana, interesses certamente de tal natureza que podem dominar todas as complicações secundarias e as divergencias especiaes.

No estado em que se acha hoje a questão, não he realmente o que se poderia chamar o nó dessa terrivel questão? Esse nó continua a estar na Allemanha, e se acha debaixo de certo aspecto na Grecia, onde as populações parecem fatalmente arrastadas á mais chimerica das empresas, e onde se dizia que o proprio governo cede a uma especie de vertigem. Qual he neste momento a verdadeira attitude das potencias allemãas? Tem ella mudado por acaso nesses ultimos dias, e em que sentido se tem operado esta mudança? Para dizer a verdade, essas questões parecem estranhas, quando ha um mez apenas a 9 de abril, as quatro potencias representadas em Vienna, assignavam um protocolo, pelo qual resumiam as unicas condições possiveis da paz na integridade do imperio ottomano, não previa evacuação dos principados; quando ellas manifestavam de novo sua plemude e direito europeu, que armava a França e a Inglaterra, e prohibindo todo arranjo directo com a corte da Russia, que não fosse a sancção solemne destes principios. O tratado assignado entre a Austria e a Prussia e ratificado hoje, veio criar um modo particular de acção para as potencias allemães; mas este modo de acção emana do protocolo de 9 de abril. Como se admittiria que um outro principio prevalecesse em Berlim ou em Vienna? Como o sentido destes diversos actos não era duvidoso, e indicava bastante uma adhesão cada dia mais sensivel á politica das potencias accidentaes, os partidarios da Russia entenderam, que era chegado o momento de tentar um ultimo esforço para deier essa aproximação.

Em summa, a opinião geral na Allemanha he muito pronunciada á favor de uma acção commum com a Inglaterra e a França; infelizmente encontra-se em cada paiz um certo numero de homens, a cujos olhos toda a politica allemãa se resume na alliança com o czar. A questão do Oriente he pouca cousa para elles; he a alliança russa, que he a sua salvaguarda contra a revolução, e não veem que a Russia he neste momento a primeira das potencias revolucionarias.

São estas influencias, pouco numerosas talvez, porém activas, poderosas, que se fazem sentir sobretudo em Berlim, e acham como por momento um accesso natural no espirito fluctuante e inquieto do rei. Dahi essa serie de medidas, que se succederam em poucos dias, e são um novo enigma para a opinião da Europa. Em primeiro lugar a revocação do Sr. de Bunsen, ministro da Prussia em Londres, cujos sentimentos decididos a favor da politica do Occidente, não erão duvidosos; depois a substituição do ministro da guerra, o general de Bourin, que na discussão recente sobre o emprestimo, tinha tido a occasião de exprimir as mesmas opiniões. O proprio principe da Prussia, o qual passa por ser inclinado ás potencias occidentaes, deixou seu commando das provincias do Rheno e se retirou. Hoje he para a queda do presidente do conselho, o Sr. de Manteuffel que trabalham as influencias russas. Frederico Guilherme não gosta das opiniões que se manifestam na crise actual elle tem sua politica; mas conviria talvez que fosse uma politica e não uma velleidade perpetua, que não chega a ser uma vontade, o reflexo de uma imaginação impressionavel, e movel. Unido ao czar não só por antigos laços politicos, difficeis de romper, senão ainda por laços de familia, o rei da Prussia está em busca de um meio de pacificação universal; he esta certamente a occasião de o encontrar, ou então nunca, e offerece-lo ao reconhecimento da Europa, que, como pode-se dizer, não tem um amor desmedido da guerra por si mesmo. Se o rei Frederico Guilherme não encontrar esse meio, que outro partido lhe resta senão o da acção e de uma acção efficaz? Será este sem duvida o meio a que a Prussia será levada pelo poder das cousas, pela escolha do proprio rei e pelo interesse da Allemanha. A Austria, como se sabe, está cada vez mais abertamente decidida pela politica da Inglaterra e da França, e o tivera sido ainda mais, senão fossem as hesitações da Prussia e a necessidade de combinar seus esforços com os da côrte de Berlim. Finalmente não se pode deixar de reconhecer que os interesses austriacos estão mais directamente involvidos nos negocios do Oriente do que os interesses prussianos. Ha para a Austria necessidades de alguma sorte pessoaes de acção, que não existem para a Prussia, como seja hoje a insurreição do Montenegro, que veio responder as excitações da Russia. O! Vlaika da quelle pequeno paiz, proclamou por sua vez a guerra santa contra os Turcos, e dizem que a Austria deu ordem ao general Mamula de entrar no Montenegro ao primeiro movimento do hostilidade.

He deste modo que, por considerações de segurança propria, como pelo interesse do equilibrio da Europa, a Austria se achará inevitavelmente levada a um papel activo e decidido nos acontecimentos, que se preparam no Oriente. Neste momento mesmo, a Austria dirige por sua propria conta um ultimo appello á Russia, convidando a que fixe a data precisa da evacuação dos principados, e sua decisão dependerá inevitavelmente da resposta do czar. Seja o que for, existe entre a Allemanha e as potencias occidentaes o laço do protocolo de 9 de abril; cabe ás circumstancias deduzir delle cada vez mais o verdadeiro espirito e as consequencias.

Mas de todos os elementos que podem complicar e embaraçar a crise aberta no Oriente, a mais triste não he essa estranha e fatal paixão, que impelle as populações gregas a uma luta sem resultado possivel e a desastres sem gloria? Por ellas, as insurreições do Epiro e da Thessalia não teriam sido mais do que movimentos sem força e duração, se não houvesse a evidente e permanente complicidade do governo hellenico. Este desgraçado governo parece seguir cada vez mais esse caminho sem sahida, em que entrou. Qual he a parte da Russia aqui como no Montenegro? Ella não pode ser duvidosa á vista do procedimento dos agentes russos derramados naquelles paizes. He por meio de remessas de dinheiro que o imperador Nicoláo entretem o espirito insurreccional. Dizem que o gabinete grego recebe um subsidio de um milhão por mez. E por ventura sabe-se o verdadeiro resultado destas tentativas? He que o reino hellenico está entregue á anarchia e a depredação. A pirataria começou outra vez a infestar os mares da Grecia; no Epiro e na Thessalia taes excessos tem sido commettidos pela insurreição, que esses infelizes christãos, aos quaes se ia livrar, tiveram de appellar, em mais de um ponto, para as autoridades turcas afim de os garantir de seus estranhos libertadores. Em summa, estes deploraveis acontecimentos, só tem servido talvez de enfraquecer o interesse, que ha muito tempo se liga ao nome da Grecia, e aos esforços de suas populações para achar, senão a gloria de uma raça illustre, ao menos uma civilisação mais elevada e mais regular. O governo grego não terá contribuido pouco para essa nova decepção; elle terá contribuido para ella, favorecendo-a. Os diversos actos diplomaticos, que ha poucos dias tem tido lugar, mostram o melhor possivel a posição, em que está collocado o gabinete de Athenas.

Quando o encarregado de negocios da Porta fez ver as connivencias do governo grego nas insurreições do Epiro, entendeu aquelle governo atirar á Turquia a injustiça de uma invasão do territorio grego, e dirigio sua nota aos representantes das potencias protectoras. Depois de examinar-se, vio-se que nenhuma verdade existia absolutamente nessa asserção, e os ministros da França e da Inglaterra o fizeram ver com severidade ao gabinete do rei Othon.

He certo que o governo não tem attendido ás representações, que a França e a Inglaterra não tem deixado de lhe dirigir, e não só tem deixado de attende-las, como as tem dissimulado ao proprio paiz, deixando crer as populações, que elle obedecia ás inspirações da politica occidental.

As camaras foram dissolvidas sem terem recebido communicação alguma sobre o estado real do paiz. A insurreição parece estar agora quasi vencida no Epiro; e campo de Peta, que era um dos pontos disputados, está em poder dos Turcos; os voluntarios gregos foram batidos e dispersados ou repellidos para suas fronteiras; comtudo parece que o governo grego não abandona seus projectos. Affirma-se que elle imagina um novo plano, o qual consistiria em reorganisar a insurreição por uma sorte de jerarchia estabelecida entre os chefes, e entrar elle mesmo resolutamente em luta com a Turquia. A execução deste plano seria confiada ao general Vlacopoulos e ao general Spiro Milio, escudeiro-mór da coroa, muito conhecido por suas relações com a Russia. O movimento está em toda parte: em Athenas os alistamentos continuam, alguns deputados dirigem-se á fronteira para reanimar a insurreição desalentada; ainda mais, os fugitivos, que entram em Athenas, são presos e obrigados a tomar armas. Complice secreto até aqui dos insurgidos o governo do rei Othon torna-se seu complice official e seu chefe. Resta saber se as potencias occidentaes, depois de terem representado inutilmente ao gabinete grego o perigo de sua politica, ficarão inactivas em presença desta nova phase da questão. A Inglaterra e a França não podem evidentemente recuar diante das medidas efficazes desde o principio das complicações já sufficientemente perigosas. O erro mais deploravel dos Gregos he crerem que o interesse, que se lhes tem, pode mudar em connivencia, he nutrir sobretudo uma illusão singular sobre sua situação e sobre a possibilidade de tirar partido de uma crise, em que outros tantos interesses estão empenhados. Anima-los a Russia em suas tentativas, he cousa muito simples; ella acha alli auxiliares, aos quaes diz de ante-mão, que não tolera o imperio byzantino, que elles sonham; ella recebe um soccorro momentaneo, que lhe custa pouco dinheiro e algumas circulares contra a oppressão turca. Mas não he evidente que toda a empreza, que tomar hoje o caracter de um acto de hostilidade contra as potencias occidentaes, não pode deixar de ir contra o seu fim, e não só contra o seu fim mais actual, como ainda pode pôr em questão tudo que existe na Grecia? Tal he a consequencia de uma escolha fatal feita entre os incitamentos, soccorros onerosos da Russia e as sympathias desinteressadas da politica occidental, que não pode deixar de ser util ás populações gregas.

Em todo o caso a França e a Inglaterra tem bastantes interesses para proteger nas vicissitudes desta crise para sujeitar sua politica aos arrastamentos de um governo mal inspirado. Em summa o que ellas empenham nesta luta com a vida de seus soldados, e os recursos de suas finanças, he o desenvolvimento de seu commercio, a segurança de sua industria, uma infinidade de elementos de sua situação interna respectiva.

O que a simples perspectiva da guerra já tem custado pode deixar presentir o que a guerra custará, os esforços que necessita em armamentos de terra, em construcções navaes, em preparativos de toda a sorte, dão a medida da gravidade da empreza. A França, como se sabe, tem tres esquadras, das quaes duas occupam o mar Negro e o Baltico com as esquadras inglezas; tem no Oriente um exercito de terra, cuja cifra primitiva não pode deixar de augmentar, e já o tem feito sem duvida; vai ter, como diziamos, dous campos; em em Saint Omer e o outro em Marselha, cuja força se eleva a cento e cincoenta mil homens. Os acontecimentos da guerra parecem ter chamado a attenção do governo para outra creação, a qual não deixaria indubitavelmente de ter lugar em tempo de paz, he a creação de uma guarda imperial *restabelecida* por um decreto recente. A nova guarda imperial, destinada a formar uma reserva, se recrutará nos antigos militares reformados, ou que tenhem chegado ao seu ultimo anno de serviço. Além disto, as unicas vantagens do serviço na guarda imperial para officiaes e soldados, consiste em um fardamento especial e um soldo relativamente mais elevado. Deste modo se multiplicam, se transformam ou se organisam as forças militares de nosso paiz sob o imperio das circumstancias actuaes. Se alguma cousa pode atenuar o que ha de censuravel nestas circumstancias para todos os interesses e emprezas, de que se compõe a vida interna, he o cuidado que a França e a Inglaterra tem empregado em multiplicar as garantias a favor do commercio pela distancia do theatro da guerra. Por isto pode-se antes observar algum melhoramento na situação material, não obstante a influencia necessaria e inevitavel dos acontecimentos. O ultimo relatorio do Banco prova isto, apresentando um crescimento notavel de fundos em caixa, e com esta volta de dinheiro para os cofres do Banco coincidio uma medida favoravel ao commercio: a diminuição da taxa de desconto. Arriscando imaginar o impossivel, não fôra para desejar ver todos os interesses seguirem a mesma marcha? De um lado estão as emprezas de utilidade publica, que devem ir ao seu fim, do outro lado, as questões legislativas para resolver.

Ha um certo numero deste genero, com que o corpo legislativo se acha occupado, estuda e vota successivamente; ellas versam sobre a instrucção publica, systema de correios, que he o objecto de uma nova reforma, e regimen penal modificado em dous pontos principaes. Uma destas modificações, como sabe-se, diz respeito á morte civil, a outra refere-se á applicação da pena de trabalhos forçados, e he a consequencia da suppressão da galé, decretada como principio em 1852. He por meio de colonias penaes, que as galés foram substituidas; existe já uma destas colonias na Guyãna, e a lei não faz mais que consagrar o principio deste systema, que recebeu um começo de execução.

Estas colonias penitenciarias, onde o trabalho, real e efficaz, se junta aos rigores do castigo, são certamente destinadas a substituir vantajosamente essas cloacas de perversidade organisadas nas galés; mas qual será a situação dos condemnados, emquanto soffrerem sua pena? qual será seu regimen? Isto esta reservado para a decisão administrativa, que terá de fazer uma escolha entre os diversos systemas de disciplina penitenciaria. Não he os systemas que faltam, ainda uma vez mais elles se tem achado diante um do outro. Cousa estranha, no meio dos factos contemporaneos observa-se uma simples lei penal: não se pode ver nisto um como reflexo de toda a vida politica de um paiz? Conforme as circumstancias e a natureza dos acontecimentos, pelos quaes passa um paiz, a penalidade diminue e se acha desarmada, ou reassume uma força nova. Segundo as doutrinas dos homens, e as influencias moraes, que reinam na sociedade, ella toma uma especie de caracter religioso e terrivel, ou he considerada como uma sorte de tyrannia, á qual convém apressar-se o mais possivel em subtrahir os criminosos, cercando-os de cuidados minuciosos, quasi de commodidade. Examine-se a fundo, he o resumo de todas as lutas moraes de uma sociedade.

O novo mundo tem sua vida propria, seus factos de todo o genero, que se desencadeiam, se desenvolvem sobre aquelle immenso theatro da America do Norte e do Sul. Os factos não são sempre dignos daquella scena grandiosa: muitas vezes são tristemente vulgares, outras vezes cheios de uma estranha brutalidade. O que lhes dá um interesse particular, he que acima de tudo, acima das revoluções sem grandeza da America do Sul, como acima dessas sugestões da força, que quasi sempre são o cunho da politica da America do Norte, não deixa de haver esse problema interessante de sociedades, que se formam e se estabelecem aos nossos olhos. Dahi o caracter das questões, que aparecem e são o alimento habitual das preoccupações universaes: povoar territorios, crear industrias, transformar rios em arterias de civilisações, abrir communicações atravez dos continentes. Qual era a questão que se agitava ultimamente no senado dos Estados Unidos? Era uma discussão sobre a distribuição das terras, e sobre as vantagens, que se deve offerecer aos estrangeiros. A emigração tem sido indubitavelmente, ha um meio seculo, um dos elementos principaes do grande augmento dos Estados Unidos. He um elemento de engrandecimento, e tambem um elemento de perigo: não obstante o que ha de poderoso nessa fusão de todas as raças no territorio da União, sem embargo da rapidez com que todas as populações estrangeiras parecem transformar-se, e entrar por assim dizer no molde americano, ainda ha que perguntar, o que produzirá esse trabalho gigantesco, junto ao espirito de conquista, que só faz accumular elementos de incoherencia. Houve mais de uma voz no senado para combater o systema das distribuições gratuitas das terras, e as vantagens demasiadamente multiplicadas a favor dos estrangeiros, que não estão ainda no paiz, ou que intervem muitas vezes nos negocios publicos. Estabelecer esta questão, que não está resolvida ainda, he ventilar a questão da civilisação americana, que acha sua força, e seu perigo nas emigrações, que se tornaram um dos factos mais consideraveis de nossa epoca.

Finalmente a politica conta mais de um incidente caracteristico nos Estados-Unidos. Um dos mais recentes e dos mais notaveis he a discussão do tratado Gladsden pelo senado. O tratado Gladsden, como sabe-se, he aquelle que, negociado, ha poucos mezes com o Mexico, estipula por certa somma de dinheiro, a cessão para os Estados-Unidos de uma porção bastante extensa do territorio mexicano, e regula a questão da via de communicação pelo isthmo de Tehuantepec. Este tratado, tal qual tinha sahido da mão dos negociadores, esteve a ponto de ser inteiramente condemnado pelo senado, apezar dos esforços do presidente Franklin Pierce e seus ministros. Com muitas emendas que modificam as suas condições, he que o senado o ratificou finalmente em suas clausulas essenciaes. O tratado assim modificado comprehende sempre a cessão de territorio, termina a discussão sobre o valle de Messilla, e conserva o direito de transito atravez do isthmo de Tehuantepec. Uma somma de 10 milhões de dollars deverá ser paga ao Mexico como indemnisação. O que dahi póde resultar de mais evidente para a republica mexicana, he pôr a mão em 10 milhões de dollars e ficar em paz com os Estados-Unidos.

Outro facto que agita as paixões americanas, he o tratamento, que teve de soffrer em Havana o navio *Black-Warrior*. O capitão do *Black-Warrior* estava em seu direito, como sustentam os Americanos? Tinham razão as autoridades hespanholas para impor-lhe uma multa pela violação das leis de alfandegas? He esta exactamente a questão, que as asserções contradictorias do consul dos Estados-Unidos em Havana e do capitão general de Cuba a fazem mais incerta. Mas não he evidente que um tal incidente teria tido infinitamente menos importancia, se não fossem todas as paixões sempre promptas a desencadear-se na America, quando se trata de Cuba, e as doutrinas approvadas pelo proprio governo, levado violentamente a conformar com ellas sua conducta? Com effeito que succedeu? Antes da questão ser deferida ao governo hespanhol, o presidente da União, Franklin Pierce, fez della o objecto de uma mensagem ameaçadora. O commodoro Newton, que se dirigio a Cuba, recusou saudar o pavilhão hespanhol, ao passo que se via renascer todas as ambições disciplinadas nessa sociedade da *Estrella solitaria*, organisada, como se ha de estar lembrado, no pensamento de conseguir a annexação de Cuba. Hoje a solução desta questão, tornada mais difficil por estas mesmas circumstancias, depende inteiramente das negociações abertas em Madrid por Mr. Soulé, ministro dos Estados-Unidos.

Seja como for, emquanto esta questão não for resolvida directamente entre os dous governos ou por uma intervenção, he certamente uma das difficuldades mais graves, como todas aquellas que existem nas relações dos Estados-Unidos e da Hespanha a respeito de Cuba. E como he mister que no meio de todo este movimento da vida americana, as excentricidades tenham sempre seu lugar, as mesas volteantes tiveram sua sessão solemne no senado. Uma petição com quinze mil assignaturas pedia a nomeação de uma commissão encarregada de proceder a um exame. As mesas volteantes tem, como ve-se, sua maravilhosa fortuna. Só nos Estados-Unidos o espirito occulto toma outras muitas formas além da de uma mesa. Elle se manifesta algumas vezes por fulgores inexplicaveis ou por sons mysteriosos, que respondem á vontade, ao murmurio do vento, ao estrondo do trovão, á voz humana ou a um instrumento de musica; outras vezes elle interrompe as funcções animaes e até consegue curar as enfermidades as mais incuraveis. He sobre estes factos que um senador, Mr. Shields, fez um extenso relatorio, que não deixou de divertir o auditorio, e Mr. Shields teve a consciencia ou a ousadia de confessar que o imperio de semelhantes aberrações denotava um systema defeituoso de educação, ou um desarranjo parcial das faculdades intellectuaes, produzido por alguma desorganisação physica. He com esta irreverencia que Mr. Shields tratou uma das maravilhas dos nossos dias. (*Revue des Deux Mondes.*)

INTERIOR.

RIO DE JANEIRO.

SENADO. (*)

Dia 27 de maio.

A's dez horas e meia da manhãa, estando reunido numero sufficiente de Srs. senadores, abre-se a sessão, e approva-se a acta da anterior.

O 1.º secretario dá conta do seguinte expediente:

Um officio do 1.º secretario da camara dos Srs. deputados, acompanhando a seguinte proposição:

« A assembléa geral legislativa resolve:

Art. 1.º He o governo autorisado a restituir ao quadro do corpo de saude de marinha o 2.º cirurgião Francisco Marciano de Araujo Lima.

« Art. 2.º Revogam-se as disposições em contrario.

« Paço da camara dos deputados, em 26 de maio de 1854. *Visconde de Baependy*, presidente—*Francisco de Paula Candido*, 1.º secretario *Francisco Xavier Paes Barreto*, 2.º secretario.»

Vai a imprimir, não o estando.

Um requerimento das Ordens Terceiras de S. Francisco da Penitencia, Nossa Senhora do Monte do Carmo e do Senhor Bom Jesus do Calvario, pedindo que lhes seja permittido fundarem os seus cemiterios em Catumby.— A' commissão de saude publica.

O Sr. Dantas reclama contra inexactidões com que o *Diario* publicou o que S. Ex. disse a respeito da publicação dos debates.

O orador não sustentou que o *Jornal do Commercio* havia contratado todos os tachygraphos para arreda-los do *Diario*; observou que quando se apresentou pretendendo a empreza ja tinha feito contratos com todos os tachygraphos.

O Sr. Viveiros vai apresentar um requerimento para que se resolva a questão da publicação dos debates, que está indecisa desde que o senado deliberou que houvesse publicação official, mas não póde decidir qual seria a folha, por dar-se empate entre o *Diario* e o *Jornal do Commercio*.

O Sr. Presidente pondera que não houve empate. O senado resolveu que houvesse publicação of-

(*) Sendo extraordinaria a irregularidade com que o *Diario do Rio* publica os trabalhos do senado, temo-nos aproveitado varias vezes do resumo dado pelo *Jornal do Commercio*. *Os RR.*

FOLHETIM.

UMA HISTORIA DE FAMILIA. (*)

POR MERY.

IV

A avenida do Observatorio.

O mão humor do conde Caetano soffreu uma diminuição rapida, elle aventurou um leve sorriso, que parecia pedir desculpa á sociedade pela sua arrebatação de mão jogador, e disse em tom brando:

— Eu não devia jogar nunca! Não he a perda do dinheiro que temo, he a perda do meu bom humor.

Servio-se o chá, a conversação tornou-se geral, fallou-se em theatros e artistas, segundo o costume. As novidades dramaticas foram passadas em revista, cada um fez seu folhetim. O conde Caetano declarou-se partidario das sãas doutrinas, e em tom de convicção animou-se contra as tendencias do máo gosto contemporaneo. Citou Laharpe, Lebatteux, Dorgeron e demonstrou que fóra desses mestres só havia decadencia e confusão. As duas velhas dormiam esperando o dia. Isaura não comprehendia a conducta do conde Caetano durante toda essa noite, seu instincto de mulher aconselhava-lhe, que abrisse a bocca para pedir explicações, seu interesse ordenava-lhe que se calasse, e o interesse prevaleceu sobre o instincto.

Ao alvorecer o conde Caetano levantou-se e todos os convidados levantaram-se tambem.

— Tenha a bondade de ensinar-me sua casa, disse o conde a Saint-Servais, as dividas de jogo pagam-se no dia seguinte.

— Oh! respondeu Saint-Servais, o senhor me dará isso a primeira vez que nos encontrarmos...

— Não! Permitta-me que insista, tornou o conde rindo, quando eu tiver pago a divida, não pensarei mais em meu desmancho. Deixe-me livrar-me quanto antes deste cuidado.

Saint-Servais inclinou-se e entregou um bilhete ao devedor.

O conde despedio-se da dona da casa, saudou e desceu a escada cantarolando uma aria alegre: era uma ultima desculpa que dava para fazer esquecer seu máo humor.

Depois da sahida do conde de Sullauze, Isaura testemunhou um vivo descontentamento, e pronunciou a excusa feminina de enxaqueca, a qual he de ordinario uma despedida polida feita aos visitadores.

As velhas levantaram-se e perguntaram aos mancebos se nenhum delles morava no quarteirão Rochechonart, sempre perigoso para as mulheres alta noite. Isto era sollicitar indirectamente o braço officioso de um cavalleiro acompanhador. Os mancebos responderam unanimemente que moravam todos na rua Rivoli, e as duas jogadoras septuagenarias deram um suspiro que era a satyra inarticulada, mas terrivel da mocidade do dia.

Isaura apoiava os cotovelos na mesa e a fronte nas mãos para suster o peso da enxaqueca, e dispensar-se assim de pronunciar a multidão de phrases banaes, que acompanham o fim de um chá. Pouco depois só restava na sala Saint-Servais, o qual desenhava sobre o tapete arabescos com os tentos.

— Ah! eu pensava que o senhor tinha sahido com os outros! disse Isaura parecendo despertar.

— Sahido! oh, não! disse Saint-Servais em tom de zombaria, quero saber que juizo devo fazer desse personagem, que deve-me quarenta luizes.

— Esse personagem, já que o senhor assim o chama, ha de pagar-lhe, não tenha receio.

— Oh! isso me he indifferente, senhora!

— Então, senhor, não o comprehendo.

— Sua enxaqueca offende-lhe agora a intelligencia, senhora; por isso vou explicar-me com clareza. A que titulo Mr. de Varrieres he recebido em sua casa?

— O senhor não tem nenhum direito de fazer tal pergunta, disse Isaura offendida; pois, não he meu marido nem meu tutor.

— Então tudo fica comprehendido, observou maliciosamente o mancebo.

— Então nada fica comprehendido, repetio Isaura no mesmo tom.

— Senhora, tornou Saint-Servais, suspeito Mr. de Verrieres de ser ao menos seu tutor.

— O senhor escolhe mal os momentos para representar uma scena de comedia, disse Isaura olhando para o relogio. Os espectaculos estão fechados por toda a parte, e o publico está deitado.

— Na verdade a senhora tem esta noite um humor singular. Eu tinha julgado dever esperar mais depois de nossas primeiras entrevistas...

— Espere ainda, senhor.

— Oh! sou obstinado, senhora!

— Obstine-se, senhor.

— Só gosto das conquistas diff[illegible] por ter-me enganado, a senhora he o p[illegible] Ranelagh. Procurei uma cidade aberta, e acho u[illegible] praça forte, tanto melhor!

— Em nome do céo, Mr. Saint-Servais, disse Isaura dirigindo-se para a porta como para mostrar-lhe o caminho, em nome do céo diffira sua amabilidade para amanhãa, o mundo não acabará esta noite. Se respondo-lhe, não he minha intelligencia que lhe falla, he minha enxaqueca. Assim perdemos ambos nossas palavras, o que val pouco, e uma hora de somno, o que val muito.

— Pois bem, tornou Saint-Servais levantando-se, esperarei a volta da intelligencia; porém, a senhora me dirá adeos com ar mais amigavel, mais risonho, não he?

— Sim, sim, respondeu Isaura em tom de mulher, que quer livrar-se a todo o custo de uma importunação intoleravel; sim, eu lhe direi o adeos que o senhor quizer.

— Oh! só peço lhe um sorriso, bella Isaura.

— Eis o sorriso, retire-se.

— E permitte-me que lhe diga até amanhãa?

— Abra esta porta, tornou Isaura, ponha-se no primeiro degráo da escada, que tudo lhe permittirei.

Saint-Servais deu um suspiro e obedeceu.

— Até amanhãa, disse elle.

Isaura respondeu fazendo um movimento com a cabeça, tornou a fechar a porta e deixou o mancebo nas trevas da escada.

Esta pequena scena dará uma idéa justa da posição moral, que Saint-Servais occupava na casa de Isaura. Convinha esclarecer este ponto para a continuação da historia.

O conde de Sullauze voltou para sua casinha do Luxemburg a pé e lentamente: ia reflectindo. Sua sahida e sua volta tinham sido feitas de maneira que ninguem as observou, a filha, o criado e Leonia dormiam ainda. Assim entrando furtivamente como um joven aventureiro, elle mudou a roupa e sahio ao jardim para reflectir com descanso sobre as particularidades de uma visita preparada ha muitos dias em seu todo.

A' força de girar no mesmo circulo de idéas, o conde Caetano experimentava ás vezes essa especie de delirio, que a vertigem dá ao cerebro. Nesse momento sobretudo depois de uma noite sem somno a febre da fronte parecia augmentar, e tudo o que na vespera elle achava tão claro e tão evidente cobria-se de uma nevoa espessa, e convertia a consolação em desespero.

Esse Saint-Servais que a Providencia parecia ter lançado no caminho, onde passa a vingança, apparecia então á imaginação do conde Caetano, como um mancebo injustamente suspeito de um crime abominavel. Examinando-o de perto, estudando-o toda a noite, o conde reconhecera nelle maneiras amaveis, um ar modesto, uma brandura de caracter manifestada pela brandura da voz, emfim todas as qualidades apparentes que annunciam a bondade do coração. Seu rosto observado com cuidado tinha essa frescura limpida, essa côr serena que annunciam um rapaz bem comportado.

Esta nova apreciação do caracter de Saint-Servais parecia ainda mais justa ao conde Caetano na proximidade da hora decisiva. Se a suspeita cahisse em [illegible] outra vereda de pesquizas conviria lan[illegible] [illegible]gios do verdadeiro culpado [illegible] immensidade desesperadora, a[illegible] [illegible]mo profundo, em que os olhos deve[illegible] o atomo designado.

Sob o dominio desse horrivel cuidado o conde Caetano não ouvira um rumor de passos no jardim. Branca sua filha sahia de casa e caminhava lentamente para o pai tendo na mão um diario. Branca era ainda igualmente bella, mas o brilho de seus olhos e sua tez haviam desapparecido debaixo de uma sombria camada de tristeza. Ella abraçou o pai, e designando-lhe com o dedo uma passagem do diario, deu-o fazendo-lhe signal de que o lêsse. O conde reprimio um movimento de terror, e tomou a folha. Tratava-se de um processo criminal, no qual entrava uma mulher em qualidade de autora. Um joven advogado da parte contraria *usando dos direitos illimitados da defeza* exprimia-se assim:

« Não quero fazer aqui allusões ultrajantes a ninguem; mas o interesse de meu cliente deve fazer-me sahir do circulo das considerações vulgares. Como os senhores ouvirám, e todas as testemunhas reconheceram, meu cliente he um mancebo estudioso, moral, bem procedido, escravo de seus deveres, e que não dá nenhum motivo de suspeita em uma accusação tão grave. A senhora...pelo contrario tem antecedentes levianos, he cortezãa em toda a expressão da palavra, ama com furor os bailes, os espectaculos e as reuniões estrondosas, Existem em minha mão cartas que eu poderia ler, e que provariam se preciso fosse, que a affectação de hoje não tem sempre a selvagem virtude de outr'ora...»

O conde Caetano amarrotou o diario, e parou. A filha encarava-o com uma expressão, que foi logo comprehendida.

— Querida Branca, disse-lhe elle, não receies nada, adevinhei teu pensamento. Sim, he inutil occultar-te, já que minhas longas ausencias te esclarecem, sim, dou passos activos para descobrir o autor do crime; mas juro-te que o mais profundo segredo envolverá sempre esse negocio, juro-te que elle não resoará perante um tribunal. Deos julgará.

— Então, disse Branca com voz tremula, Vmc. pretende expôr seus dias, e...

— Não exporei nada, interrompeu o pai; o coronel Caetano de Sullauze não he homem para ser morto com uma estocada...Ouve-me, minha filha...descendes de uma antiga raça militar, e deves ter a coragem de teu sangue. As mulheres de nossa familia hão sempre visto sem chorar partirem os irmãos, os pais e os maridos para as guerras ou para os duelos. Não sejas a primeira a esmorecer neste momento; pois uma lagrima tua me abrazaria o coração, e me provaria que temos degenerado em nossa familia. Querida Branca, deixa-me toda a minha força, toda a minha presença de espirito. Preciso dellas não para pegar de uma espada, mas para firmar a voz. Este dia que começa ha de dizer-me talvez um grande segredo...

Branca estremeceu, tomou vivamente a mão do pai, e seu silencio expressivo solicitava uma explicação mais longa.

— Querida filha, tornou o conde, já disse demais, foi minha culpa, tua dor perturbou a minha; mas que queres? afflige-me passar diante de ti com a bocca muda, e não responder jamais ao teu silencio. Quiz desabafar-me um momento, e fazer brilhar a teus olhos um raio de esperança...Sim, minha filha, a esperança não está perdida. Adevinho tambem o que não te atreves a dizer-me, e vou satisfazer-te quanto posso. Teu casamento com o conde San-Nereo não está desfeito, se Deos me ajudar espero que esse bom mancebo será teu marido; mas temos ainda alguns obstaculos... Queres saber tudo, minha filha? Lamenta-me por não poder dizer-te tudo. Ha cousas que me he impossivel explicar-te... Demais não as comprehenderias...Baste-te saber isto...Agora esse casamento he impossivel; conheço o caracter de San-Nereo... serias desgraçada toda a vida... Teu olhar pede-me outro esclarecimento, o qual não posso dar-te... Sim, comprehendo bem teu pensamento, adevinho tudo o que não ousas dizer-me em tua delicadeza de moça, e meu coração fecha-se á resposta que guarda... Da-me tua confiança, querida filha, eu te tornarei a dar a felicidade; convém aniquilar o passado para ter tranquillidade no futuro.

Branca inclinou a cabeça em signal de obediencia e de resignação.

O conde Caetano apartou-se lentamente da filha para não mostrar-lhe um semblante afflicto pelo desespero no momento em que pronunciava palavras de confiança, e esforçava-se por tranquillisa-la.

Branca retirou-se a um canto solitario do jardim para reflectir sobre as palavras mysteriosas do pai e adevinhar-lhes o sentido. A pobre moça havia perdido a jovialidade, e todas as suas ingenuas alegrias. Tinha-se-lhe extinguido nos labios essa melodia de palavras que encantava aos que a ouviam. Agora ninguem podia ve-la sem tristeza, assim como vem-se em um viveiro esses brilhantes passaros indios de azas de esmeralda, de topazio, de saphira e de escarlate, que em um dia de neve não fazem mais ouvir suas notas de ouro, e conservam a immobilidade da agonia esperando a volta do sol!

O conde Caetano tirou da carteira o bilhete de Saint Servais, e tornou a lê-lo. He permittido apresentar-se a qualquer em casa do credor para pagar-lhe o dinheiro devido; porém nessas raras occasiões devem-se guardar certos usos, e um devedor muito encarniçado na procura do credor pode parecer suspeito. O conde depois de ter reflectido, fixou a visita dos quarenta luizes ao meio-dia. Mas como empregar as quatro horas seculares que o relogio do Luxemburgo conservava em suas rodas eternas até ás doze badaladas do meio-dia?

Quatro horas que nos separam de um momento solemne parecem não ter de acabar, muito principalmente se os olhos aferram-se a ver o ponteiro de um mostrador, essa imagem movel da immobilidade.

A vizinhança do jardim do Luxemburgo inspirou ao conde Caetano de Sullauze a idéa de emprehender um desses passeios que abreviam as horas, obrigando-nos a percorrer uma alea até ao fim e a voltar para tornar a começar. Esse jardim foi inventado para os passeios da meditação e da tristeza; porém nelle ha uma avenida areiada de melancolia, uma avenida que he antipoda do passeio italiano, a que termina no Observatorio, monumento edificado para a noite, e sempre sombrio de dia. Assim o conde Caetano que procurava uma natureza em harmonia com suas dores atravessou rapidamente o lado alegre do jardim, e ganhou a avenida do Observatorio, onde vagavam ja como almas eliseas alguns estudantes insolvaveis, e alguns rendeiros taciturnos, todos moradores da rua do Inferno.

A graça de uma manhãa de verão não projectava nenhum raio sobre essa zona de Luxemburgo, o conde Caetano ahi estava a gosto, e achava mesmo algum prazer em ver as figuras melancolicas ou somnolentas que desfilavam entre essas eternas ordens de arvores alinhadas tristemente como um funebre cortejo do mundo vegetal.

Vinte passos diante delle caminhava um mancebo que parecia desterrado nessa zona, porque suas duas mãos cruzadas ás costas retinham um *stick* de preço em um par de luvas elegante sem dobras, o que ás oito horas da manhãa annunciava um passeiador de alta distincção, ou um par de França adormecido profundamente na vespera por um discurso da sessão do Luxemburgo, e esquecido sobre uma poltrona pelo porteiro em sua visita da noite.

O conde apressou o passo com um sentimento de curiosidade ociosa para examinar de perto esse phenomeno, e um cacho de cabellos pretos sobre uma face morena produzio no pai de Branca o effeito de uma assignatura lida antes da carta. Elle ia retirar-se quando por um desses mysterios magneticos que a approximação faz funccionar entre dous entes unidos pela sympathia, o mancebo voltou-se e estremeceu suffocando uma exclamação.

Era o joven San-Nereo...O vulgo chama esses encontros uma obra do acaso; porém talvez seja tempo de a Providencia desthronar esse deos falso.

O conde de Sullauze precipitou-se sobre San-Nereo, agarrou-lhe o braço e fez-lhe o signal que significa: venha.

Transformado como estava nos cabellos, no trage e nas maneiras o conde não foi logo reconhecido por San-Nereo; mas depois que fez uma saudação familiar com a mão, o joven conde chegou-se encarando com estupefacção o conde Caetano remoçado.

— He Deos quem o envia para salvar-me, disse San-Nereo.

— He vossê, respondeu o conde em tom severo, he vossê que caminha para sua perda esquecendo-se da promessa que me fez.

— Que promessa? interrompeu o mancebo.

— Eu tinha exigido de vossê, conde San Nereo, que não apparecesse em publico.

San Nereo fez um pantomimo tão expressivamente italiano que arrancou ao conde um sorriso, o qual se teria elevado até á risada em uma occasião menos triste. Esse pantomimo acompanhado do olhar significava:

— O senhor chama apparecer em publico passeiar na avenida do Observatorio!

— Sim, disse o conde com brandura, comprehendo-o... Mas emfim, vossê encontrou-me, e podia encontrar a outrem...

— He impossivel! Charo conde, aqui nunca se encontra ninguem. Não he um lugar publico, e até não posso dizer que encontrei-o; porque o senhor não parece o conde Caetano, he outro homem, e se está aqui he porque tem como eu uma razão, que obriga-o a não apparecer em publico.

— San-Nereo, disse o conde Caetano, tudo isso he especioso, vossê commetteu uma grande falta, não tem nenhuma experiencia das cousas deste mundo, não sabe que deve chegar até ao ridiculo das precauções, quem quer ser bem succedido? Quando a desgraça nos acommette, devemos passar sobre um atomo. Veja! accrescentou o conde Caetano olhando em torno de si, o coração bate-me e os pés tremem-me... Confesso corajosamente que tenho medo!

— E que receia o senhor aqui? perguntou ingenuamente San-Nereo.

— Vossê he um menino, meu amigo, tornou o conde, não conversemos mais tempo... Ganhe o campo pela barreira mais proxima, e volte para sua casa em um carro esta noite.

— Quer ir ao jardim botanico? perguntou San-Nereo lá conversaremos mais a gosto.

— Porém não tenho nada que dizer-lhe, meu charo Nereo.

— Nada, absolutamente nada! replicou o mancebo com voz accentuada por um desespero agudo.

E tomando o conde Caetano pelo braço conduzio-o a escada do jardim botanico, e levou-o para esse outro deserto virgem dos botanicos.

— Oh! disse o conde Caetano descendo a escada, eu não conhecia este lugar.

— Temos ainda outro lado, tornou San-Nereo, o antigo cercado da Cartuxa.

— Mas, disse o conde Caetano condoido do estado desesperado desse mancebo, mas vejo que vossê conhece maravilhosamente todos os cantos e recantos desta solidão...

— Essa he boa! eu aqui faço escolha do domicilio. Eis minha vida, meu charo conde Caetano, e Vmc. julgará se he tempo de isto acabar. Para obedecer á sua senha saio todas as madrugadas da casa, e atravesso Paris. Nessa hora só encontram-se varredores que chegam, e velhacos que voltam, e de certo não receio ser reconhecido por essa população. Chego ao Luxemburgo seguindo toda a sorte de caminhos de atalho, e passo o dia na avenida do Observatorio. A's onze horas e ás seis faço dous simulacros de comida na rua Madame em um gabinete particular. Dizer-lhe o que soffro nesta avenida do Purgatorio he impossivel! Tenho esgotado mil conjecturas sobre as combinações provaveis que podem desfazer um casamento ao pé do altar, em todas essas conjecturas nada tenho achado de satisfactorio. Agora não penso mais, não quero mais pensar, ando vagando como uma fera em minha prisão sem achar sahida. Uma esperança que diminue de dia em dia sustenta-me um pouco neste passeio febril de dezeseis horas. Espero achar uma carta sua de noite ao voltar para casa, porém a carta promettida, a carta esperada não chega jámais. Conde Caetano, esta vida he intoleravel, he a agonia perpetua sem a morte. Em nome do céo, nosso encontro de hoje não seja esteril, venha em meu soccorro com uma boa palavra, ou mate-me com a revelação de seu segredo.

O conde Caetano olhou para o céo, tomou affectuosamente a mão do mancebo, e disse-lhe:

— Creia que de nós dous eu sou o mais desafortunado. Tenho tambem o desespero no fundo da alma, e conservo-o. Meu Deos! meu Deos! accrescentou derramando algumas lagrimas, não pergunte-me nada.

— Pois bem! tornou o rapaz em tom resoluto, pois bem! minha resolução está tomada.

— Que pretende fazer? perguntou o conde com susto.

— O que faz o desespero esgotado.

Houve um momento de silencio, o conde Caetano olhava para o chão, e parecia meditar profundamente. Depois erguendo altivamente a cabeça disse:

— Conde San-Nereo, vossê quer levantar contra si mãos violentas, o pensamento de um suicidio está pintado em sua fronte.

O mancebo nada respondeu.

— Pois saiba ainda esperar oito dias. Terminado este prazo, se eu não poder chama-lo meu genro, irei a sua casa, e dir-lhe-hei: Conde San-Nereo, juro-lhe pela minha honra, que o filho de meu antigo amigo não morrerá sosinho. Morreremos ambos.

San-Nereo cruzou as mãos, elevou-as á cabeça, e exclamou.

— Mas que segredo horrivel he esse que aconselha-lhe tambem a morte violenta?

— Accita? perguntou o conde Caetano com voz firme.

— Aceito a demora de oito dias, que o senhor me dá, respondeu o mancebo apertando a mão do pai de Branca.

— Então nem uma palavra de mais! tornou Caetano. Separemo-nos, e ate daqui a oito dias!

Ditas estas palavras, elle subio lentamente a escada do jardim, e foi pagar a divida a Saint Servais.

(*Continuar-se-ha.*)

(*) Vide o *Diario* n. 151.

ILEGÍVEL

MUTILADO

ficial, mas que não fosse feita pelo *Diario* nem pelo *Jornal do Commercio*.

Lê-se o seguinte requerimento do Sr. Viveiros :

« Requeiro que a mesa fique autorisada a contratar a publicação dos debates com o *Diario do Rio* pela quantia pedida pelo *Diario*.»

O Sr. Montezuma pede a palavra.

O Sr. Presidente declara adiado o requerimento.

O Sr. Viveiros requer urgencia.

O Sr. Montezuma pergunta se a urgencia interromperá a ordem do dia.

O Sr. Presidente diz que não, e que só terá por effeito occupar com a discussão da materia os primeiros tres quartos de hora da sessão.

O Sr. Montezuma julga necessario mandar examinar quaes são os precedentes a respeito de urgencia de requerimentos, para informação da casa. Entretanto não he este negocio de tal magnitude que exija celeridade na sua decisão ; e espera que os nobres senadores não instem, não dêm mais aso a que o *Diario* continúe a insultar aos senadores que não lhe dão o seu voto, como ainda hontem fez.

A urgencia he apoiada, mas rejeitada sem debate.

Passando-se á ordem do dia, he approvado sem debate em ultima discussão o parecer da commissão da mesa supprimindo o lugar vago de official da secretaria do senado.

He approvada sem debate em 3.ª discussão a emenda da camara dos Sr. deputados á proposição do senado que estabelece a competencia dos auditores de marinha para processar e julgar os réos mencionados no art. 3.º da lei n. 58 de 4 de setembro de 1850 ; afim de ser enviada a dita proposição á sancção imperial, indo primeiramente á commissão de redacção.

Continúa a 1.ª discussão, adiada pela hora na ultima sessão, do projecto da resposta á falla do throno.

O Sr. Montezuma não entraria nesta discussão se o discurso do Sr. presidente do conselho não lhe tivesse suggerido duas questões constitucionaes, e se não necessitasse dirigir algumas observações ao Sr. ministro dos negocios estrangeiros.

O Sr. presidente do conselho disse, que os membros do governo tinham, como qualquer cidadão, o direito de intervir nas eleições, e que não havia razão para que, abandonando-as ao jogo dos partidos, não usassem desse direito que a todos toca. O orador não duvidaria concordar com o nobre ministro, se S. Ex. facultasse um meio pratico de distinguir nessa intervenção a acção do poder da influencia pessoal dos que o exercem. Mas convencido de que não he possivel achar o meio de fazer essa distincção, acredita que S. Ex. reconhecerá que muitos males podem resultar de semelhante doutrina e sua pratica.

O orador he de opinião que, ainda que esse direito seja formulado expressamente, não deve ser exercido, por tornar-se impossivel, como disse, achar um meio pratico de distinguir a influencia do governo da dos membros que o compoem, e ser evidentemente anti-constitucional a influencia do poder nas eleições. O resultado seria que ambas as camaras não exprimiriam senão o pensamento do ministerio ; ficando por tanto vedado o exame de seus actos pelo corpo legislativo. Se esse perigo se dá quanto aos representantes temporarios, de muito maior importancia he elle pelo que respeita ao senado, que deve servir, a respeito de nossas instituições politicas, de verdadeiro fiel de balança, porque o seu fim he pôr em equilibrio a grande machina constitucional representativa adoptada pela nação. A continuarem as causas assim, estabelecer-se-ha uma especie de senado de Veneza, cujas opiniões serão sabidas de ante-mão desde que for conhecida a vontade do governo.

Tendo emittido a sua opinião relativamente á não interferencia do governo nas eleições, desejaria que o nobre presidente do conselho attendesse bem para as consequencias ultimas de ter S. Ex. tomado alguma parte nas eleições de S. Paulo : foi por isso que aconteceu todo esse desaguisado de publicação de cartas, e discordancia entre alguns honrados membros que apoiam a administração. Nada disto haveria se S. Ex. tivesse abandonado taes eleições ; ou por outra, o nobre ministro abandonou-as, mas não acreditaram, tal he o costume de ver o governo proceder de outra maneira.

Quanto as eleições de Goyaz, crê que estão feitas.

O Sr. visconde de Mont'Alegre : — Ainda amanhãa he que devem ter lugar as eleições primarias.

O Sr. Montezuma sabe disso ; mas como o candidato chegou, he seguramente porque tudo está arranjado.

Reconhece que a machina governativa he difficil, sobretudo em paizes novos ; sabe pois attenuar alguns actos do governo, que, dadas outras circumstancias, não deveriam ser supportados. Mas estas reflexões não destroem no orador a convicção de que he necessario ir caminhando para a total abolição do principio de intervenção do poder nas eleições.

Quando não, reforme-se o senado ; sejam os senadores nomeados pela corôa, estabeleçam-se as classes donde devam ser tirados ; reconheça-se este principio francamente, porque do contrario, continuando a interferencia do poder nas eleições, continuando esta maneira de illudir o povo, dizendo-se-lhe : « Tendes o direito de eleger », mas não o deixando exercê-lo, ha de chegar-se ao total descredito do nosso systema ; tanto mais quando o governo muitas vezes não tem a liberdade de fazer uma boa designação e he obrigado a aceitar a imposição de certas influencias locaes. A proseguir-se nestes termos, por mais inimigo que o orador seja de reformas constitucionaes, acha melhor acabar com isto, o dar francamente o direito á corôa de escolher e nomear os senadores como mais conveniente entender.

A outra questão he concernente á interpretação do artigo constitucional relativo ás incompatibilidades do exercicio de empregos publicos com as funcções de membros do corpo legislativo. Vai com o maior acanhamento emittir sua opinião a este respeito, e não o faria se não tivesse de fazer um protesto.

O nobre presidente do conselho concordou com a deliberação da outra camara. O orador não tem em vista chamar a discussão do senado essa deliberação da camara dos deputados ; tem unicamente por fim fazer um protesto ; isto he, sustentar que semelhante deliberação não póde ter influencia alguma sobre o senado, que fica em pé o direito que tem o senado de resolver a tal respeito o que melhor entender se algum dia o presidente do Banco for membro da casa.

Ora, sendo livre ao senado pensar diversamente a tal respeito, póde-se dizer que houve interpretação ? De certo que não, porque se houvesse era obrigativa para ambas as camaras. E se não houve interpretação, então o que houve ?...

Foi a necessidade deste protesto que obrigou o orador a tocar em tal materia.

Dentro em pouco tempo ha de se querer sustentar que o exercicio de presidente de provincia, não he incompativel com o de representante da nação durante a reunião das camaras. O presidente da Bahia já veio ? Não. O do Pará já está alli ? Não. Estão exercendo a administração daquellas provincias ? Estão. Para isso deu-se licença da camara ? Não. Logo não ha incompatibilidade. Ora, se se póde continuar um mez nessas presidencias, porque não se póde continuar dous e tres ? Torna-se portanto desnecessaria a licença da camara, e as incompatibilidades da constituição hão de desapparecer de todo.

Feitas estas observações, para que chama a attenção do Sr. presidente do conselho, passa a occupar-se com as relações exteriores. A repartição dos negocios estrangeiros he actualmente uma das que mais tem que fazer para zelar os grandes interesses da nação ; os seus actos publicados em annexo ao relatorio do Sr. ministro, posto que ainda não fossem todos os que conviria levar ao conhecimento das camaras e do paiz, todavia tornam este relatorio digno de ser comparado aos relatorios dos ministros de outros estados ; com effeito, póde-se dizer que já temos o nosso *livro azul* ; porque sem duvida póde ser assim considerado o relatorio do Sr. ministro dos negocios estrangeiros.

Deixando de parte, por ser questão que não está ainda resolvida, tudo quanto he relativo á interpretação do art. 6º § 1º da constituição do imperio, a respeito dos estrangeiros nascidos no Brasil, o orador se occupará em primeiro lugar do que he concernente á repressão do trafico de Africanos. Apenas sobre aquelle objecto dirá que com muito prazer notou que o governo tratou mui dignamente de materia tão importante.

Nas questões do trafico ha um ponto que mui justamente mereceu do Sr. ministro de negocios estrangeiros mais séria attenção : falla do *bill* Aberdeen. Deu occasião ás reclamações de S. Exc. o facto de ter o brigue de guerra inglez *Bonetta* aberto o manifesto do hiate nacional *Lagunense*, sellado com as armas imperiaes. O Sr. ministro não podia deixar de fazer sentir a inconveniencia de semelhante procedimento, e assim o fez. O ministro e o almirante inglez o reconheceram, dando este ordem para que taes desacatos se não repetissem ; mas accrescentaram que os commandantes dos cruzeiros, não podendo abrir os despachos sellados com as armas do imperio, não podem ser responsaveis por qualquer detenção inconveniente a que algum navio mercante brasileiro possa ser sujeito por suspeito de empregar-se no trafico. Então reconheceu o Sr. ministro de negocios estrangeiros que estava em pé o direito de visita tal qual era exercido em 1848, apesar das seguranças dadas pelo nosso ministro em Londres de que estava suspensa a execução do *bill* Aberdeen.

O orador, depois de ler a correspondencia que houve a este respeito, observa que o diplomata inglez procurou quanto foi possivel illudir a questão, e que a existencia de semelhante *bill* he um dos factos contra os quaes não póde haver expressões bastante energicas e fortes na boca de um representante da nação.

(Ha um aparte, do qual só ouvimos : « Já protestamos. »)

Pondera o orador que esse protesto perdeu toda a força pela prevenção de que o governo do Brasil era protector do trafico ; hoje a situação e outra, esse preconceito tem desapparecido completamente, e portanto alguma cousa mais se deve fazer. Não dirá ao nobre ministro o que ; a S. Ex. compete descobrir e empregar o meio mais efficaz para conseguir o desejado fim ; mas o silencio em que nos conservamos sobre ponto tão grave e capital não he de forma alguma conveniente.

Lendo a ultima nota de S. Ex. a respeito da violencia praticada com o patacho *Lagunense*, observa que o nobre ministro tinha toda a razão para crer que a execução do *bill* Aberdeen estava suspensa : dahi para ser revogado o caminho he curto, e não ha razão para que o ministro inglez sustente nesta epoca uma injuria atroz assim attirada a face do imperio ; e pede a S. Ex. que applique a conveniente solução deste negocio a sua mais ampla estenção.

Nada dirá sobre a maneira por que o ministro inglez entende dever tratar destas questões com o governo imperial. He preciso uma paciencia de Job para estar de penna aparada, e sempre prompto para responder a quanta idéa passe pela cabeça do representante da Gran-Bretanha ; não se pode fazer idéa do ponto a que chegaram as suas condições e exigencias ! Já quiz até ensinar aos jurisconsultos do paiz o que he emancipação e liberdade ! Vivemos debaixo de um protectorado, e o orador está vendo que a Gran-Bretanha, que actualmente se oppõe com todas as suas forças a que a Russia exerça o protectorado sobre os que seguem a sua religião no imperio turco, ha de daqui a dous dias querer exercer no Brasil o protectorado dos Africanos livres, e pôr em risco os elementos de ordem do nosso paiz !

Occupa-se em seguida com a questão da navegação do Amazonas, segundo o tratado celebrado com o Perú, lendo a correspondencia havida entre a legação imperial em Lima e o governo daquella republica, acompanhando essa leitura de differentes considerações sobre a pretenção do governo peruano aos mesmos direitos que tem as outras republicas ribeirinhas aquella navegação, e notando que o ministro brasileiro nunca em sua correspondente fizesse distincção entre direito perfeito e imperfeito. Como o Sr. ministro dos negocios estrangeiros não publicou no relatorio a sua opinião relativa a esta questão, ou a nota em que respondeu ás communições do ministro brasileiro no Perú, pede a S. Ex. que alguma cousa diga a tal respeito, porque o objecto he de grande importancia.

Do mesmo objecto se trata tambem no Rio da Prata a respeito de todos os rios em que o Brasil he ribeirinho ; e associado com essa questão esta, no entender do orador, o modo inaudito e estranho porque se comportou o governo do Paraguay com o ministro brasileiro na Assumpção. Diz — associado com essa questão — porque está persuadido de que não foram motivos particulares, mas publicos, a questão de limites e navegação dos rios, que fizeram com que o presidente do Paraguay se discartasse com tal premptidão e sem ceremonia do nosso ministro alli residente.

O que o faz pensar assim são os artigos que leu na folha official da republica, e a maneira porque o seu presidente se declarou ao ler o decreto do governo do Brasil que facilitava o porto de Albuquerque ao commercio ; esse decreto foi considerado um offensa feita pelo Brasil aos direitos de Paraguay. Pelo artigo 3º do tratado entre o imperio e a republica reconhece-se expressamente o direito de navegarem os Brasileiros nas aguas do territorio pertencente ao Paraguay, e aos Paraguayos nas aguas do territorio do Brasil ; entretanto o presidente daquella republica não consente nem que passe uma canoa, e animado, cheio de orgulho pelo actos a que se submetteram os representantes das duas poderosas nações do mundo, a França e a Inglaterra, quando quizeram chegar até á Assumpção, não faz caso algum do Brasil. He verdade que os Inglezes e Francezes sujeitaram-se a esses actos e fariam ainda mais, porque o fim não era procurar distincções nem primazias, porem fazer tratados, e então o sacrificio não era grande, porque não he o Paraguay que ha de dar nem tirar importancia á Inglaterra e á França, destes actos não lhes resultava nenhum desar; mas o que he certo he que, animado com este procedimento, trata-nos do modo porque se vê.

Em sua opinião o negocio não he para grandes sacrificios ; mas o governo tem meios para fazer valer seus direitos. Não he possivel, em vista do artigo 3º do tratado a que se referio, que a provincia de Matto-Grosso esteja trancada pela vontade unica e despotica do presidente do Paraguay. Se não houvesse o tratado, o orador diria ao governo que cuidasse de negociar alguma cousa a esse respeito, por que a prosperidade e existencia daquella provincia depende inteiramente da maneira por que esta questão for resolvida ; mas como existe o tratado e o artigo he clarissimo, o que resta ? Não haverá Brasileiro que não responda a esta questão.

Foi este o motivo porque disse que o objecto não era particular nem pessoal. Tudo o leva a crer que o presidente do Paraguay, não querendo satisfazer as obrigações a que estava ligado, quiz descartar-se do Sr. Leal, e tudo inventou, tudo disse para chegar a seu fim que foi este.

Por occasião desta questão não pode deixar de observar com prazer que os Estados-Unidos tem reconhecido a plenitude dos direitos do Brasil sobre a navegação dos rios interiores do nosso territorio, aproveitando-a tambem para dizer ao senado que ainda não leu notas que mais o satisfizessem do que as escriptas pelo nosso ministro plenipotenciario em Washington, dignas em tudo dos maiores elogios. Não era possivel que á vista dellas o governo dos Estados-Unidos resolvesse de outro modo. De não menos elogios he credora toda a correspondencia da legação norte-americana nesta corte.

Tratando das relações do Brasil com a republica oriental do Uruguay, começa por perguntar de que termos e deve servir para designar a marcha de tropas brasileiras para Montevidéo. Não se pode chamar intervenção, porque alli não havia nada em que intervir, não havia partes dissidentes, questões pendentes. A corôa e o relatorio dizem que a força foi para pacificar a republica, e o Sr. ministro exprimio-se mais extensamente, que he para que aquelle Estado firme a sua paz em bases solidas e estaveis.

Essa acto do governo não pode ser filho do tratado de 1851, porque a proteção e auxilio de que elle falla refere-se ao presidente que for eleito constitucionalmente depois da sua celebração ; só por uma intelligencia extensiva he que pode aproveitar a outros. Ora, se o Sr. ministro entendeu que não devia dar ao tratado essa intelligencia extensiva para satisfazer da sua parte a um dever para com o presidente Giró, como lh'a ha de dar quando se trata de outro presidente que não he aquelle a que se refere o mesmo tratado ? Se hoje no Estado Oriental se fizer outra revolução, se se eleger outro presidente estará ainda o Brasil obrigado pela lettra desse tratado, que foi onerosissimo ao paiz, que nos fez carregar ás costas com a republica do Uruguay, que nos fez dispender dinheiro e de mais a mais derramar sangue, para ganharmos unicamente seu odio e nenhuma affeição ? Havemos de dar-lhe uma intelligencia extensiva para irmos tomar ainda sobre nós a sustentação de todos os presidentes que as revoluções ou as facções alli nomearem durante quatro annos, quando a lettra de modo algum estabellece semelhante intelligencia ?

Em seu conceito o acto do governo enviando tropas a Montevidéo foi um acto de politica nova que cumpre que o senado e o paiz apreciem ; mas para isso he necessario que o governo seja mais franco, mais explicito quanto aos motivos que teve para inicia-la, que declare mesmo a sua duração, para que se saiba por quanto tempo se terá de fazer a despeza. Por ora o prazo he indefinido. A força foi para que a republica Oriental firme a sua paz em bases solidas e estaveis ; mas isto pode durar muitos annos, principalmente julgando-se o governo ainda obrigado á lettra do tratado.

Não tendo elle orador approvado nem a politica seguida em 1851, nem os tratados celebrados no mesmo anno com a republica do Uruguay, deve para ser coherente, approvar tudo quanto for restricção á lettra dos mesmos tratados, não pode adoptar intelligencias extensivas. Como brasileiro leal e como senador do imperio não podia desconhecer as obrigações que taes tratados impozeram ao governo do Brasil ; quer pois que elles se cumpram religiosamente, mas para isso he necessario que o governo não vá além da sua lettra. Ora tendo o Sr. ministro dado a intelligencia que necessariamente se deduz da lettra do 5 e 6 artigos, não pode deixar de merecer a sua approvação, porque na realidade os factos que occorreram em julho e setembro do anno passado não produziram o *casus-fœderis* para que o governo fosse autorisado a dar auxilio ao governo do Sr. Giró.

O Sr. D. Manoel : — Mandou-lh'o offerecer pela nota de 30 de outubro.

O Sr. Montezuma, continuando, diz que entende essa nota como chamando a attenção do Sr. Giró para que se collocasse nas circumstancias do tratado para se dar o *casus-fœderis*, o que foi um mal, porque deu causa aos pronunciamentos que produziram derramamento de sangue na republica. Alguem fez o ministro brasileiro em Montevidéo responsavel por aquelle sangue. O orador não chega a esse ponto, mas parece-lhe que não se exprimiria como se exprimio aquelle ministro na sua nota.

Se o Sr. Giró ainda na cadeira de presidente, para prevenir uma revolução imminente, se tivesse dirigido ao governo do Brasil mostrando-lhe, depois de ter attendido aos conselhos razoaveis que em taes occasiões sempre se ministram e são geralmente faltando bem acolhidos, que não havia outro meio para o salvar senão a realisação do soccorro, do auxilio estabelecido no tratado de alliança, o governo do Brasil não lh'o poderia negar. Mas elle pedio-o depois que já não era presidente, e deixou de ser presidente por sua vontade.

O orador recorda por esta occasião ao senado que em 21 ou 22 de setembro lhe disse naquelle mesmo lugar com voz prophetica, que o presidente do Uruguay se achava coacto. No dia 25 realisava-se a revolução, dando-se o mesmo motivo. De modo que o orador foi, não só feliz quanto a prophecia, mas até quanto á época, porque, se o movimento se demorasse, podia dizer-se que as suas vozes e dos que assim se exprimiram foram as que provocaram aquella revolução.

O Sr. D. Manoel : — Apoiado. Assim o diz o Sr. Paranhos, segundo me consta.

O Sr. Montezuma prosegue observando que, apezar de tudo, os artigos 5. e 6 do tratado não podiam deixar de ser interpretados da forma porque o foram Houve no seu entender falta de previdencia no Sr. Giró, cidadão digno a todos os respeitos de dirigir os destinos daquelle paiz, e da parte dos que o aconselhavam, falta de previdencia que collocou o governo da republica fóra do *casus fœderis*, e por isso não podia ter lugar o soccorro que se pedio. Quanto porém ao reconhecimento do governo provisorio, entende que não pode ser isso objecto de questão.

O Sr. visconde de Abrantes: — A questão estava decidida.

O Sr. Montezuma, respondendo ao aparte diz que a questão he outra, isto he, se se deve auxiliar aquelle presidente que estava fora da constituição, e accrescenta que cada vez se lisongeia mas de haver perguntado em 1851 o que tinha o Brasil com o Uruguay. Ainda repete a mesma pergunta. O que se ha de ganhar com estes actos he o odio de todos partidos em que aquelle povo se dividir. Conviria mais se fortificassem as fronteiras do imperio e que nellas fossem empregadas essas forças que foram servir de espetaculo ao Uruguay, porque vão ensinar-lhe a disciplina, dar provas de valor, justificar o estado de civilisação elevada em que se acha o imperio, ao passo em que este não ganhará nem um ceitil de sympathia, só adquirirá odio.

Ja o orador leu em um jornal europêo que o Brasil prosegue com a maior solicitude no protectorado de Montevidéo ! Se se attender bem ao que aconteceu entre a França e a Suissa quando este paiz se achava com a mais devoradora anarchia, ver-se-ha que nos espera o mesmo a respeito da republica Oriental. Quando o governo imperial entender que deve retirar as forças brasileiras do Uruguay, dir-se-ha, como se disse quando as tropas francezas se retiraram da Suissa :— Retirai-vos para animar a anarchia e poder assim melhor cumprir vossos desejos, satisfazer vossas ambições.— Se ellas não sahirem, ha de dizer-se que o Brasil continuará a opprimir a republica, a exercer um protectorado inqualificavel. De qualquer modo as circumstancias hão de ser as mesmas. Já porque o governo da republica entendeu que a liberdade da imprensa não era compativel com a ordem e segurança publica, e por conseguinte restringio-a por um decreto, foi o ministro brasileiro accusado como conselheiro dessa medida, e nem o as declarações em contrario, nem o caracter pessoal daquelle ministro poderão talvez convencer o povo oriental de que assim não he. Elle ha de ficar persuadido de que o governo quer acabar com a liberdade de imprensa para não se ouvirem os seus queixumes contra a violencia e vexame que suppuzer exercida pelas baionetas brasileiras ; e quaesquer outras medidas que appareçam hão de ser consideradas como filhas da politica do Brasil. Tudo o que tender a fazer prosperar a republica não ha de ser obra do imperio, ha de attribuir-se ao governo oriental, mas o imperio ha de ser inculpado por todos os actos que não produzirem esse resultado.

Tudo isto demonstra, no entender do orador, a necessidade de fixar-se um prazo além do qual não deve continuar a permanencia das tropas brasileiras em Montevidéo, o de 2 annos, por exemplo, que he o da duração da actual presidencia.

O Sr. visconde de Paraná:—Para que declarar se se póde encurtar?

O Sr. Montezuma diz que não obstante achar muito judiciosa a observação vê por outro lado grande inconveniente, a absoluta impossibilidade de retirar as forças repentinamente.

Concluindo, o orador declara que tinha de fazer observações sobre o estado de algumas provincias do imperio, principalmente o Maranhão. Pelas cartas e jornaes que dali tem recebido vê que ha factos sobre os quaes he bem que o governo instrua o corpo legislativo, entre elles o da fugida de um fulano Amaro que estava aferrolhado em uma cadeia ou casa particular. O orador tem as melhores idéas do presidente daquella provincia, está persuadido que se elle he responsavel por alguma cousa, provem isso naturalmente de seus maos conselheiros. Em outra occasião, porém se occupará desta materia.

O Sr. visconde de Paraná (presidente do conselho) diz que tem grande sentimento de não poder responder desde já ao nobre senador que o precedeu e que elevou a discussão á altura em que ella devia estar. Não se pode discutir mais pertinentemente, com razões mais dignas de consideração e de resposta do que o fez o nobre senador e he para lamentar que havendo questões de ordem tão elevada como as que o nobre senador acaba de apresentar, tenha sido necessario descer as de natureza pessoal, a questões muito pequeninas, que desviam a discussão do seu verdadeiro fim.

Não entra já no debate sobre as relações externas, não só porque julga conveniente que o Sr. ministro dos negocios estrangeiros responda em primeiro lugar, como porque um nobre senador que tambem se tem occupado daquellas questões, ainda não terminou o seu discurso, e mesmo tem declarado em outras occasiões que se está preparando para tirar as conclusões. Tem portanto de occupar-se ainda com as pequeninas questões que se hão trazido ao senado.

Antes porém de faze-lo, recorda que se disse na casa em uma das sessões anteriores que elle orador tinha praticado um acto vil e baixo de vingança.

Reconhece no senado e na camara dos deputados o mais amplo direito de censura, e esta prompto a responder por todos os actos que tiver praticado. Sabe até onde se estende o direito dos membros das camaras para examina-los, taxa-los de arbitrarios, de contrarios ás leis, de attentatorios ás liberdades publicas. Está prompto a ouvir essas censuras e a responder-lhes; mas não reconhece em nenhum membro das camaras o direito de insulta-lo, de injuria-lo.

As expressões a que se refere são personalidades que atacam o caracter individual, que dizem respeito ás intenções, e se seriam estranhaveis na camara dos deputados, que póde accusar os ministros, muito mais o são no senado, que he o seu juiz. Quando foram proferidas, o orador disse da sua cadeira que responderia ; ouvindo-se isto, fez-se uma promessa de treplica, uma ameaça provavelmente de augmentar o insulto !

Por sua parte não deseja disputar a alguem a primazia em aggravar um insulto que uma vez tenha sido feito. Ser-lhe-hia facil tirar uma desforra, examinar os actos publicos de quem o insulta, e tambem julgar mal de seu caracter e de suas intenções; mas nem o seu direito como senador, nem os seus deveres como ministro, lhe permittem que siga este caminho. E pois não o fará.

O Sr. Presidente declara que quando ouvio as expressões a que o orador se refere, chamou a ordem o honrado membro que as proferio, declarando-lhe que não eram parlamentares.

O Sr. visconde de Parané, continuando, observa que o nobre senador que assim o tratou, parecendo reconhecer por algumas observações que se fizeram que aquellas palavras eram descomedidas, que importavam personalidades, offereceu-se para retira-las, masque e o Sr. presidente, posto que tivesse feito uma advertencia, não ordenou essa retirada. Não inculpa a S. Ex., porque talvez não ouvio bem de que se tratava com aquellas expressões, por isso não insistirá sobre este ponto.

O Sr. Presidente : — Como elle declarou que estava prompto a retira-las...

O Sr. visconde de Paraná diz, que para evitar taes descomedimentos o orador tinha o meio, se fosse simplesmente senador, de declarar que não discutiria mais com o nobre senador a quem se refere, mas como ministro não deve declarar que não discute com qualquer dos membros do senado, cumpre-lhe responder a todos, ainda áquelles que estendem até ao abuso o direito de fazer arguições.

Está pois resignado a aceitar todas as consequencias do posto em que se acha, mas tambem todas as vezes que iguaes desvios apparecerem ha de reclamar a ordem, porque, como disse , não reconhece em nenhum membro das camaras o direito de insulta-lo. Se apezar disso se pretender continuar com taes phrases, que são verdadeiras injurias, fará a diligencia para supporta-las. Mas tudo no mundo tem seus limites, ser-lhe-ha mais facil resignar o poder do que aceitar isso indefinidamente.

Feitas estas observações, occupa-se o orador com os topicos do discurso do Sr. Montezuma que não se referiram á politica externa, começando pelo que respeita á interferencia do governo nas eleições.

Não ha paiz em que o systema representativo esteja consolidado, em que se diga que os ministros tem absolutamente renunciado a toda a influencia nas eleições. Os liberaes, que no Brasil fizeram a lei de responsabilidade ministerial e o codigo criminal, não tiveram nunca a pretenção de dizer aos ministros (interessados na prosperidade do paiz, e que tem de aconselhar a corôa a seguir uma marcha) que deviam conservar-se inteiramente estranhos aos actos eleitoraes, deixando que seus inimigos empregassem todos os meios para derriba-los. O codigo só julga que ha suborno quando se fazem promessas de recompensa e ameaça de violencias solicitando-se votos para qualquer cargo eleitoral. Quando porém um ministro respeita as leis, não acoroçoa as fraudes, antes as proscreve, e só escreve uma carta recommendando uma lista para o caso de haver candidatos da opposição, não se póde dizer que exerça sobre a eleição uma influencia indebita. Neste sentido era escripta, como já se mostrou, a confidencial pelo orador dirigida ao ex-presidente de Goyaz, e que por um acto que não tem nome, e que mereceu de um nobre senador os maiores elogios, foi apresentada aos adversarios sem que antes se fizesse sobre ella quaesquer observações.

Referindo-se a esta carta não póde tambem deixar de notar, que o nobre senador apenas se limitasse a mencionar o que podia parecer máo, occultando o que ella pudesse conter de bom ; e bem assim a contradicção que se observa entre differentes membros que quando alliados do poder, ou desejosos de partilhar sua influencia, querem que elle a exerça e louvam a tal ou tal ministro que dirigio uma carta de recommendação a favor de alguem, mas que collocados na opposição não enxergam no mesmo acto que viram com benevolencia, que aceitaram como bom, senão uma ordem para se vencer de todos os modos ! isto não obstante dizer-se : — Não vos imponho a obrigação de vencer, se a provincia quizer o contrario fazei a vontade da provincia.

Seja porém como fôr, não se arrepende do acto, por isso que tem consciencia de não ter ultrapassado nelle os limites do dever. Emquanto o contrario não se provar, não reconhece a legitimidade da censura.

O mesmo diz quanto á eleição de S. Paulo. Repetindo a exposição que já fez sobre a maneira porque procedeu, vem a igual conclusão, de que nunca sahio dos limites do honesto.

Sobre a decisão que tomou a camara dos deputados a respeito de um de seus membros que occupa o cargo de presidente do Banco, está perfeitamente de accordo com o nobre senador pela Bahia em crer que aquella decisão não he obrigatoria para a camara vitalicia, que dando-se o caso com um emprego do que seja senador he ao senado, que compete decidir a questão da compatibilidade. Não he porém da opinião do nobre senador quando elle entende que a camara dos deputados praticou um acto de interpretação da constituição. Praticou-se o que se faz a cada passo em ambas as camaras quando dão ás leis aquella intelligencia que no seu espirito julgam que he a mais compativel, sem que por isso cada uma dellas se julgue obrigada a conformar-se com a decisão da outra. Neste caso está, por exemplo, a intelligencia dada pelo senado ao art. 61 da constituição, as decisões das duas camaras sobre a validade dos poderes de seus membros em relação ao que dispoem as leis eleitoraes e outras.

Quanto ao facto em que tocou o nobre senador no fim do seu discurso, nada pode responder porque não tem conhecimento algum delle, e mesmo quando o nobre senador accrescentasse mais circumstancias para que elle pudesse ser avaliado, teria o orador de recorrer ao Sr. ministro da justiça ou ao presidente da provincia do Maranhão para habilitar-se com as necessarias informações.

Concluindo declara que não renuncia a entrar na discussão da politica externa, e a defender e explicar os actos do governo a esse respeito, e mostrar que o gabinete procurou sempre proceder de conformidade com os interesses permanentes do paiz. Sente que em alguns pontos não seja apoiado o governo pela opinião do nobre senador, mas nem por isso deixa de respeitar a opinião de S. Exc., e agradece-lhe muito particularmente a delicadeza com que entrou na discussão.

O Sr. D. Manoel começa procurando restabelecer os factos, narrando a occurrencia que deu lugar, e que já foi publicada, a que elle dissesse que o acto a que se referia o Sr. presidente do conselho era um acto baixo e vil de vingança. Naquella occasião foi o orador advertido pelo Sr. presidente de que as expressões não eram bem cabidas, quer em relação a um membro da casa, quer a respeito de um ministro da corôa ; respondeu a S. Exc. que não estava convencido de que tivesse havido injuria, mas que por deferencia e respeito á sua pessoa, e só por isso, retiraria as expressões se S. Exc. julgasse em sua sabedoria que o devia fazer. Pedio depois licença para referir um facto que tinha toda a analogia com a questão.

O Sr. Presidente observa, que o honrado membro podia referir o facto e censura-lo, mas não empregar os termos — vil e baixo ; — isto he o que não julga parlamentar.

O Sr. D. Manoel : — E eu então disse que retirava as expressões se V. Exc. o ordenasse ; mas como V. Exc. pareceu acquiescer ás minhas reflexões...

O Sr. Presidente : — Eu não acquiesci ; como o Sr. senador disse que estava prompto a retirar...

O Sr. D. Manoel : — Sem duvida, em attenção á consideração profunda que tributo a V. Exc...

O Sr. Presidente : — Não, senhor, não deve ser só por isso ; eu entendo que não se podem empregar semelhantes termos, que importam uma verdadeira injuria.

O Sr. D. Manoel : — Mas emfim, eu hoje não os empreguei, o que se passou está passado, não tenho nada a retirar.

Em seguida pergunta se o que se disse importara uma ameaça de algumas novas scenas no recinto do senado. Não he ministro da corôa, mas he senador do imperio, e he D. Manoel de Assis Mascarenhas, e declara que tambem ha de manter seus direitos como membro da casa e como cavalleiro que he. Se ha pois alguma ameaça, e se alguem pensa que elle recuará, engana-se, já o devem conhecer. Não tem medo de nada, ha de arrostar as iras do poder, ha de continuar a cumprir o seu dever como representante da nação.

Não se occupa mais com as eleições de S. Paulo, e não voltaria mesmo ás de Goyaz se o negocio não lhe tocasse tão de perto. Fez e repete o elogio do ex-presidente de Goyaz por não se querer curvar as ordens do Sr. presidente do conselho, por ter preferido a demissão a praticar um acto contra sua consciencia, a excluir um candidato, que elle tinha a profunda convicção de ser o da provincia uma vez que o governo não empregasse a sua influencia. Sim, porque aquella provincia não faz desordens, não resiste, ha de cumprir o *firman*, nenhum homem dos mais desinteressados que se conhecem quereria, á custa de desordens, de uma conflagração na sua provincia, occupar uma cadeira no senado. A acção má fique com quem a praticou. Esse homem, eminentemente desinteressado, continuará a rir sempre e a escarnecer desse poder, limitando-se ao exame dos seus actos e á leitura dos seus livros. Reunidos, o orador e seu irmão desafiarão esse idolo de pés de barro, sem consistencia, sem base, sem as qualidades que tornam o poder verdadeiramente amado e respeitado.

O Sr. Presidente : — Isso he uma perfeita personalidade.

O Sr. Manoel diz, que falla em geral, que não pronuncia nome algum, e continuando declara que mesmo quando tudo corresse mal, teria sempre um bocado de pão para repartir com o seu maior amigo. Não tem necessidade do poder para passar, não se lhe hão de curvar : não hão de humilhar-se, e muito menos aviltar-se ; preferiam a morte.

Tendo observado, ainda em defeza e elogio do ex-presidente de Goyaz, que a carta a que se referio não podia ter o caracter de confidencial, que papeis dessa ordem são a justificação dos presidentes honrados, maravilha-se do modo por que se pretendeu mostrar o direito de influenciá do governo criminal nas eleições ; recorrendo-se ao codego e á lei da responsabilidade dos ministros. Se o acto foi meritorio, se se cumprio um dever, não sabe porque o Sr. ministro tanto se angustiou com o procedimento do ex-presidente de Goyaz. Nem era preciso mandar fazer perseguições nessa provincia para se obter a eleição. Uma carta como a que se escreveu, uma carta assignada pelo Sr. presidente do conselho, cortava tudo. A eleição ha de fazer-se como elle quer, ja voltou o candidato. que se diz levou bom dinheiro, ajudas de custo, etc. Não será um acto destes eminentemente immoral ? um acto praticado só para se tomar vingança do orador na pessoa de seu irmão, porque não a podem tomar delle directamente ? Não podem, repete, porque, graças a Deos, tem o necessario para viver. Se não póde jogar nos fundos, ganhar uns 50 ou 60 contos de réis, se não he agiota, tem o indispensavel..

O Sr. Presidente ; — Observa ao orador que se se refere a algum dos membros da casa, está fora da ordem.

O Sr. D. Manoel declara, que falla em geral, que não se refere a ninguem, e ao que ia dizendo accrescenta que não deve nada, que quando precisou pedio, mediante o premio razoavel, pagou tudo, e pode hoje passar, posto que com parcimonia, sem dependencia. O Sr. presidente do conselho sabe disto..-

O Sr. Presidente do conselho : — Não sei nada.

O Sr. D. Manoel... nenhuma significação podia ter por tanto o aparte de S. Ex. em uma das sessões passadas.

Depois de outras considerações no mesmo sentido, responde o orador á censura que lhe pareceu enxergar nas palavras do Sr. ministro, quando disse que o Sr. Montezuma tinha elevado a presente discussão á sua devida altura. Tendo tratado de quasi todas as questões com que se occupou hoje esse nobre senador, posto que não o fizesse com a mesma habilidade, não lhe cabe semelhante reparo. Houve um ou outro incidente, mas a isso deu causa o Sr. presidente do conselho com alguns apartes. a que o orador não podia deixar de responder sempre, porque está no seu posto, e não espera que o segundo Manoel soffra o que soffreu o primeiro, que venha algum sargentão chamado Marcier arranca-lo do lugar em que o collocáram o povo e o monarcha. Os seus discursos vão sendo publicados, quem os lêr he que ha de decidir se elle orador se ha ou não occupado das questões que tem relação com o voto de graças so bre o qual já fallou 10 horas, e ha de continuar discutindo com o Sr. presidente do conselho, embora não possa competir com essas immensas capacidades... No seu entender, accrescenta, os discursos de S. Ex. são tão amarellos, tão pallidos, tão magros como o seu relatorio...

(Ha alguns apartes.)

O Sr. Presidente reclama a attenção, e adverte novamente ao orador que a discussão não deve ser pessoal.

O Sr. D. Manoel ultimamente occupa-se com o que se passou na camara dos deputados a respeito do presidente do Banco. Quando fallou na medida tomada naquella camara foi só para provar a influencia do Sr. presidente do conselho, não fez mais do que narrar um facto como lhe contaram, facto que ainda hoje lhe foi confirmado por um membro da mesma camara, accrescentando-se que o Sr. presidente do conselho chegou a agarrar em deputados para irem votar no sentido do parecer da minoria da commissão. De sorte que S. Ex. foi do senado o toda a pressa para alterar uma decisão em que havia assentado a grande maioria ! Não admira, porque todos viram o que o Sr. ministro praticou aqui com a eleição das commissões, indo de banco em banco para que se votasse no sentido que desejava.

O Sr. Presidente : — Isto não tem cabimento.

O Sr. D. Manoel : — São factos.

O Sr. Presidente do conselho : — Estou no meu direito.

O Sr. D. Manoel : — Então não se deve agoniar. Se o Sr. presidente do conselho diz que está no seu direito, posso referir o facto.

O Sr. Presidente : — Mas tudo isto he muito alheio á discussão do projecto de resposta á falla do throno.

O Sr. D. Manoel observa, que estando a dar a hora não póde occupar-se de objectos de alta importancia.

O Sr. Presidente : — Faltam poucos minutos.

O Sr. D. Manoel : — Então paro aqui.

O Sr. visconde de Paraná (presidente do conselho) diz que não póde deixar de notar a tendencia para as personalidades com que continúa o orador que o precede.

Elogiou o discurso do Sr. Montezuma, dizendo que elle tinha elevado a discussão á altura em que devêra estar, porque havendo na politica externa objectos importantissimos que podiam ser encarados de modo diverso porque o foram pelo governo imperial, S. Ex. se havia occupado com elles. Declarou depois que não trataria ainda em responder ao nobre senador, posto que lhe agradecesse o comediamento com que havia tratado essas questões, porque entendia que a preferencia devia ser dada ao Sr. ministro dos negocios estrangeiros, e porque havia um nobre senador que ainda não tinha terminado as suas observações sobre a politica externa.

Não quiz dizer que o nobre senador não tinha ainda tocado nesse objecto ; poderia pensar [illegible] ainda não tinha abordado [illegible] mas não fez compa[illegible] ás personalidades q[illegible] senador esteja apurando tud[illegible] o prazer de continuar a dizer cousas des[illegible]adaveis.

Ninguem dirá que esteja na altura da presente discussão o que o nobre senador disse que se passou no senado por occasião de elegerem-se as commissões nem as anecdotas que contou sobre a votação na camara dos deputados, desfigurando inteiramente os factos.

No dia em que houve a votação a que o nobre senador se referio, levantou-se cedo a sessão do senado, o orador foi ao thesouro e a outros lugares e só chegou aquella camara ás 2 horas da tarde.

Tocava-se então a campainha para a votação, havia varias pessoas fóra, algumas diziam que não havia casa, o orador que ia do salão (não sabendo ainda quem votava pró ou contra) disse que havia numero para se votar, e pedio a alguns Srs. deputados que entrassem; foi uma solicitação de um momento.

Declarando que está prompto como o nobre senador a estigmatisar a agiotagem, e fazendo algumas considerações contra o que se está passando na praça do Rio de Janeiro a tal respeito, pede a S. Ex. que aborde qualquer questão que tenha relação com esse objecto, porque sem explicação não pode saber a que se refere.

Por ultimo explica o aparte que deu em uma das sessões passadas, quando se citou uma conversa entre elle orador e o irmão do nobre senador. Esse aparte sobre palavras que se disseram proferidas pelo orador, e de que elle não se lembra, só a si se referia. Disse que nunca tinha tido precisões no Rio Janeiro e fallou com exactidão, porque so deveu quando, tendo a feliz inspiração de converter em terras os capitaes que possuia, quiz dar maior desenvolvimento ao seu estabelecimento. Antes disso foi sempre credor e nunca devedor.

A discussão fica adiada pela hora.

O presidente marca a ordem do dia e levanta a sessão ás 2¼ horas da tarde

PERNAMBUCO.

COMARCA DE SANTO ANTAO'

Victoria 3 do corrente.

Va esta sem preambulo, sem preparação, ex-abrupto, he um corpo sem cabeça, mas que importa ? Não ha por aqui tanta gente troncada ? Trabalham estes cavillosos com todo o esforço, para ver se cedo algum passo do terreno, em que gyro; forte toleima. Papalvos ! maquinem muito embora, ponham em pratica pensamentos infernaes ; me acharão sempre inabalavel : ameacem de qualquer maneira que quizerem, eu sempre o mesmo : excogitem os meios mais vis, as astucias mais covardes, eu impavido Pensais acaso, *ó homens dos segredos*, que o Victoriense trepida e recua diante de vossos vis e diabolicos manejos ? pois enganais-vos, irei sempre avante com este bom pensar —*N'entreprenez rien témérairement ; mais quand vous avez resolu quelque chose, exécutez-le avec vigueur* —Não espereis que d'aqui me afaste, em quanto respirar o halito desta vida passageira ; os vossos ardis para mim nada valem, eu os desprezo, porque he só o que merecem. Para que malhais em ferro frio ? impossivel he chegardes aos fins que imaginais. Sr. correspondente, quer Vmc. saber uma cousa, que parece de pouco credito, mas que he certissima? Toda a opposição que este seu servo soffre aqui de meia duzia de loucos, que nenhum conceito merecem, e nem gozam, entre as pessoas sensatas, he por fallar a verdade núa e crúa, (o que não se deve fazer, segundo dizem alguns), e especialmente por fallar em mudança de feira. Oh ! isto he aqui um gravissimo peccado ! Quando o Victoriense falla em feira, mil imprecações e injurias, por entre cerrados dentes sahem á manifestar o sordido interesse, de que estão animados estes genios *philantropicos* ; quando um povo inteiro pede a sua mudança, elles gritam, não ; não falla ahi senão o amor de lucro. Cousa tão facil e simples como a tal mudança, tem dado lugar á uma verdadeira luta. Nestas occasiões me lembra com gosto do que dizia um exagerado — dai-me um grão de arêa, e levantarei com elle uma montanha.

Na minha ultima, disse que me constava haver aqui quem estivesse arranjando uma representação, que devia ser dirigida ao Exm.Sr. presidente para se effectuar a tal mudança da feira, pois bem, agora me não consta, mas tenho toda a certeza, porque vi com estes olhos (vá o pleonasmo) e por signal que a representação vinha assignada por 300 e tantas pessoas, e se fossem precisas 2,000, tantas assignariam. A estas horas o Sr. presidente tem em suas mãos este importante documento, e sem duvida o despachará favoravelmente, porque o benigno coração de S. Exc. não resistirá por certo a um povo docil e bom, que pede o seu melhoramento. Foi promovido este abaixo assignado pelo negociante talvez mais forte desta cidade, o qual, tendo sua casa de negocio no lugar da feira, sacrifica o seu interesse particular ao bem commum : merece, pois, por isso, o Sr. Manoel José Pereira Borges Junior todo o louvor e elogio. — Oh ! minha feira, como he risonho o teu porvir ? como ficarão contentes os teus frequentadores ? como . . . estava com um bom pensamento quasi a cahir dos bicos da minha penna, quando m'o fez evaporar um energumeno, que me veio fallar. Dei ao demo tal pancada, que em semelhaute occasião me veio interromper : ficou a feira sem ás expressões que tanto me tinham custado, e que em um momento se desvaneceram tão subtilmente como o fumo, dou bem cavaco, quando me succede tal cousa : sendo eu um ninguem em litteratura, ponho em grandes tratos a minha pobre e acanhadissima cachola, quando lhe quero escrever, e he por isso que fico com as minhas boas zangas, quando vejo assim fugirem pensamentos, que tanto me custam.

Vi pelo seu importante *Diario* o estrago, que fez a terrivel cheia por essa capital, e o meu coração se encheu de magua ; consolando-me com tudo, por ver que ainda ha corações bemfazejos e humanos. O Exm. Sr. presidente da provincia, pela actividade em expender as suas ordens em tão criticas circumstancias, e pelos actos de caridade e beneficencia que exercitou para com os pobres e mizeraveis, está ácima de todo o encomio. Confesso-lhe, Sr. correspondente, que tenho pena não ser litterato para poder tecer um elogio como S.Exc. merece. Louvores tambem á estes bons e activos empregados, que tanto concorreram para minorar os males de tantos afflictos. Gosto muito quando vejo corações bem formados, e sensiveis aos males, que affligem a triste humanidade. — Oh ! doce philantropia, te idolatro, e mil cultos te rendo ! . .

Meu charo, agora he que lhe posso ir dando noticias mais circumstanciadas a respeito da cheia: com esta muito soffreram os engenhos daqui e alguns de fóra, como tenho sabido. O engenho Conceição do Dr. João Beltrão, cahio todo, tendo assim esse senhor grande prejuizo, e Bento Velho de outro seu irmão o Dr. Pedro, tambem soffreu muito. Os engenhos Una e Mocotó, do Sr. Duarte, e o de Minhocas, e outros, ficaram sem açude, e muito arruinados.

Na Escada o açude de Noroega foi-se todo, ficando o engenho arruinado. Recreio (engenho) cahio todo ; e ficaram quasi a ponto de desabar o do Barão de Ipojuca e o de Duas Barras, e mais seis situados á margem do Serinhaem : Autas ficou quasi todo debaixo d'agua, e ainda não se sabe o que aconteceria : Firmeza, ficou tão cheio, que eram necessarias jangadas para se andar dentro, e o senhor de engenho perdeu todo o mel e assucar, não podendo salvar um só torrão, e se a obra não fosse nova e tão forte, certamente ficaria completamente arrazada, como dizem que aconteceu a alguns, cuja noticia ainda não se verificou com certeza.

Na Escada as casas que ficavam mais perto do rio, quasi todas cahiram. Que grandes prejuizos não se tem soffrido ! calcula-se em grandes quantias. O que for sabendo lhe irei transmittindo, como he meu dever.

Foi recolhido a cadeia o pronunciado por nome Francisco, mais conhecido por—bode ligeiro : entraram no dia 2 deste na cadeia 4 ladrões de cavallos e 1 desertor. Quero lhe dar a tabella curiosa dos presos que tem povoado a cadeia desde que o nosso bom e digno delegado actual, tomou conta a 4 de janeiro até hoje 3 : — 13 criminosos de morte, 22 desertores, 4 ladrões de escravos, 26 ladrões de cavallos, 3 por crime de tentativa, 2 pronunciados e 6 por offensas phisicas. Agora sube de mais 11 para correcção, e para averiguação 98.—Mil louvores a esse activo delegado, que incansavel se tem mostrado no exercicio de seu emprego.

[illegible] brigaram na cadeia na noite do dia 2, [illegible] que era ladrão de cavallos, com 4 [illegible] que julga-se não escapar ; houve algum alvoroço na cadeia, e o que deu as facadas, estando já preso por crime de morte, andava em diligencias para matar outro, com quem tinha intriga. Do pequeno destacamento que havia, alguns soldados tinham sahido á uma diligencia muito urgente, ficando muito poucos de guarda a uma cadeia cheia de presos e pouco segura ; no meio do motim de presos appareceu em pessoa o delegado, e não sei como se houve para accommoda-los ; o caso merece séria attenção do Exm. Sr. presidente : temos grande necessidade de uma força, que possa occorrer a algumas necessidades, esperamos que o mesmo Exm. Sr., tome isto em consideração.

Sexta-feira 30, houveram nos curraes 340 bois : os de 12 arrobas se venderam a 31$000, os de 9 ditas a 25$000, os de 10 ditas a 26, os de 8 ditas a 20$000 réis.

Sabbado foi pouco abundante a feira de viveres de primeira necessidade ; a farinha deu de 240 rs. a 400 a cuia ; o feijão de 280 a 560 rs., e o milho de 200 a 320 rs.

Adeos até breve. *O Victoriense.*

(Carta particular.)

COMARCA DO RIO FORMOSO.

16 de junho.

Para descrever-lhe minuciosamente as noticias contradictorias, as intriguinhas e os enredos que emmaranham a sociedade deste infeliz Rio-Formoso, seria preciso iniciar-me no tenebroso *club* que para mais aterrar a imaginação se reune proximo ás catacumbas da nossa matriz. Mas tudo o que sabe desse *club* he destituido de fundamento, e contrario do que Vmc. exige, afim de poder formar-se uma opinião sobre os negocios da nossa comarca, que quasi sempre se adulteram e não são devidamente apreciados nessa capital, sendo causa deste mal os noticiadores exagerados, e a distancia que nos separa.

Procurarei inteira-lo do que tem apparecido de mais saliente. O mais notavel, e que em todos os lugares se deve considerar como facto importante, he a correição a que está procedendo o nosso juiz de direito interino o Dr. Menezes Drummond. Vmc. não pode fazer uma idéa aproximada das prevaricações, dos abusos, e de todos os males produzidos por grande parte dos homens togados e seus satelites. O juiz de direito trabalha impressionado das correições effectuadas por um dos luzeiros da nossa magistratura, circumstancia favoravel que talvez se conheça pelo seu provimento geral.

Segundo me disse o mesmo Doutor, não sei como se enxergaram certos juizes, que supponho serem mais os *dias de estada* marcado nos inventarios do que aquelles por elles passados entre nós. Sobre tudo os autos orphanologicos, apresentam *hireoglyphos*, que os champollions não seriam capazes de decifrar ; arithmetica forense que n'uma somma pela antiga dariam 8:000$, por aquella sómente contou-se 5:000$; emfim, o foro desta terra descende antes daquella *cova*, que existia na Iberia do que do povo-rei.

No dizer do Dr. corregedor só uma *amnystia* lançaria uma cortina sobre as estantes dos cartorios ; ao que um dos *loups-cerviers* do foro respondeu mui ingenuamente que se o governo assim procedesse o pederia ; ao menos este tem o *merito da franqueza*. Para mim tenho assentado que desta vez o Hercules he impotente contra a *cova*.

O que se descobre no foro, apparece em tudo mais. A respeito da camara municipal, sabe-se que os seus trabalhos são eleusinos ; ella não se conhece por um só acto exterior, a não serem as cobranças monopolisadas com o titulo de arrematações, que existe uma corporação com patrimonio destinado para as despezas municipaes.

As ruas estão quasi intransitaveis ; algares profundos, immundices de toda a qualidade, ainda não despertaram a lethargica apathia dos illustres vereadores. A conservação do aterro e ponte, que por uma portaria dessa presidencia ficou ao cuidado da camara, ainda não mereceu um digno olhar da mesma, e a continuar como até hoje, brevemente se inutilisarão os melhoramentos que tão caros estão aos cofres publicos.

Para compensar a esse respeito o estrago causado por uma celebre lembrança do Lopes, que lançando uma cerca sobre o aterro, e dando passagem ao publico de lado, o que immediatamente estragaria a rebanceira do mesmo, a não ser a vigilancia do nosso digno delegado, que mandou extorvar o infeliz intento do *commendador*, o nosso fiscal com a fleugma e impassibilidade que o caracterisa, mandou arrumar meia duzia de gravetos ao correr da ponte para impedir o transito por este lugar. Nestes 8 dias, que tanto tem de durar a obra, preservara a estrada do estrago, depois veremos. Não fallo da escripturação e cobrança dos dinheiros, temendo cahir nesse poço sem fundo.

Felizmente estamos com um agente policial de todo conceito, e a prova disto he não ser sympathisado pelos homens do *club*.

O nosso delegado he o capitão do exercito Wanderley, militar traquejado nessas commissões, sempre apoiado pelo governo por conhecer que nos seus actos policiaes desenvolve a promptidão militar e justiça de um funccionario independente ; qualidades que tem empregado, affugentando criminosos, ou prendendo e processando os que se fiavam no patronato sempre detestavel ; um dos patronos levou o cinysmo a ponto de querer peita-lo de uma maneira grosseira, mas ficou desapontado, procurando remedio na fuga para fora deste termo, no qual hoje não se conta um só criminoso como tal conhecido.

Acha-se preso, e sujeito a um processo, o celebre sargento Henriques, ex-commandante de batalhão ! a tanto chegou a relaxação da guarda nacional deste lugar, que o sargento intitulava-se seu commandante interino. Parece-me que com o actual delegado não se repetirão espancamentos e cutiladas em pleno dia nos cidadãos pacificos. O governo prestando apoio sincero e prompto a funccionarios energicos e justiceiros, conhecera que os nossos colossos teem pés de argilla.

O que nestes dias tem entretido os desoccupados desta cidade, he a viagem do Lopes á essa capital ; fez-se acreditar no seu circulo que hia exigir do governo a retirada peremptoria do nosso delegado, depois do que lhe arrancaria a banda por ter a insolencia de impedir os seus desvarios, dizendo que para conseguir seus fins, faria as pazes com Manoel Henrique, por intermedio do Dr. Alvaro ; exigindo tambem do Exm. Dr. Nabuco a confirmação do commando do batalhão.

Mas estou desde já acreditando que o novo Barcocheba, será na sua volta qualificado por seus sectarios de Bom-Koziba, ou o filho da mentira, porque além do personagem não merecer, por seus actos, attenção do governo, como muito bem deve estar inteirado o dignissimo Dr. chefe de policia, acresce que está impossibilitado phisicamente para o commando de batalhão, por ser completamente surdo, tendo assim de voltar, faltando ás asseverações dos seides.

Muito nos alegrou a noticia da chegado á essa cidade, do nosso juiz de direito, por esperarmos que sua vinda para a comarca nos ha de trazer uma completa organisação no foro, livrando-nos das interinidades, pois esse magistrado passa por ser um funccionario que por sua illustração e posição elevada he capaz de expôr ao governo as necessidades da comarca ; emfim tudo esperamos delle.

Ha dias appareceram alguns pasquins dirigidos em cartas fechadas a diversos cidadãos, não sei quaes os castigados em taes pelourinhos, só sim que receitaram umas pilulas ao Barcocheba, e como os não lêse, não lhe digo a composição, desejando somente que não reappareçam tão mesquinhas lembranças.

Um objecto de que o governo tanto se empenha, não poupando onerosas despezas, acha-se infelizmente viciado entre nós ; não sei a quem attribua, se a má organisação dos regulamentos, se ao indifferentismo do pessoal encarregado da observancia dos mesmos : fallo da instrucção publica. Existe somente nesta cidade duas aulas de ensino primario, uma do sexo femenino, regida por uma senhora ; não obstante o systema rotineiro e pouco adiantamento das discipulas, he sua aula muito frequentada, sendo isso devido sem duvida ao alto conceito e illibado caracter de que goza a digna professora, que certamente a compensa, por suas qualidades os defeitos do magisterio. Outro tanto pode-se dizer do professor publico ; esse moço, antigo alumno do collegio dos orphãos, he sobrinho do antigo cirurgião Nascimento, velho honrado, de cuja raiz degenerou o fructo ; o seu magisterio consiste em ser um dos ardentes sectarios do Barcocheba, inspirando-lhe idéas ignobeis, fazendo-o persuadir que a sua intelligencia he vasta, e capaz até de praticamente ensinar a theoria dos *descasamentos*.

A mais de 8 annos que permanece entre nos, não se contando um discipulo por elle habilitado ; no entanto que, as aulas particulares estão cheias de numerosos alumnos, e os filhos dos pobres permanecem desamparados, não obstante o estado pagar a um professor ! A sua aula consta de seis meninos, dirigidos por um delles, emquanto que o nosso Marat de aldeia occupa-se em insultar cinycamente a tudo que he honesto.

Não fallo para o mundo da lua, appello para o muito digno inspector do circulo litterario que ha de ter informado ao Exm. director da instrucção publica qual o numero dos seus alumnos, e os daquelles que frequentam cada uma das aulas particulares.

O governo deve ter em muita consideração a nomeação dos professores, visto como para o espoletismo já nos sobra o que temos de lavra, faltam-nos somente homens morigerados e dignos de serem preceptores da mocidade, para não lamentarmos, como Bejamim Franklin, despeitado com o governo inglez, por enviar para America os degradados e perversos.

Não sei dizer-lhe se a policia dos outros termos da comarca, está tão desassombrada como a deste ; o que he certo porém; he que o assassino do infeliz Mi-

ILEGÍVEL MUTILADO

guel Silvino ainda não fora preso, e consta-me que na occasião de sua perseguição, o inspector parára na porteira de certo engenho, não sabendo se por fatigado, ou receiando o *Castellão*.

Na seguinte dir-lhe-hei o que souber a respeito. Saude e bôas patacas he o quanto lhe apetece o

Gamberna.

REPARTIÇÃO DA POLICIA.

Parte do dia 5 de julho.

Illm. e Exm. Sr.—Participo a V. Exc. que, das partes hoje recebidas nesta repartição, consta terem sido presos: á minha ordem, o major da Guarda Nacional Americo Jansen Telles da Silva Lobo Junior, por desacato a pessoa do conselheiro presidente da relação desta provincia; á ordem do subdelegado da freguezia de Santo Antonio, João Marcolino por crime de jogos prohibidos; á do subdelegado da freguezia de S. José, a preta Jacintha do Rego, e Rosa escravas, ambas por briga, e o preto Izidro de Goes, por infracção de posturas municipaes; e a do subdelegado da freguesia da Boa-vista, a preta Maria Francisca do Rosario e Balbina Maria Salomé, ambas por suspeitas de serem escravas.

Por officios de 19 e 28 de junho findo, communicou-me o delegado do termo de Serinhãem os seguintes factos criminosos; que em a noite do dia 11 fora assassinado Manoel Carlos, morador no engenho S. Vicente em sua propria casa, por Francisco Vicente com duas estocadas, uma sobre o peito direito e outra abaixo do braço esquerdo, que o atravessara, sendo que no mesmo momento e acto da briga que dera origem a tão deploravel successo, o menor Manoel Carlos Junior filho do assassinado valendo-se de uma arma de fogo disparára um tiro sobre o assassino de seu pai, o qual ficava a espirar, atravessado de uma balla e cinco caroços de chumbo que se empregaram sobre o peito direito, pondo-se immediatamente o *dito menor em fuga*. Accrescenta o delegado, que tem sido dadas as providencias, não só para ser recolhido a cadeia Francisco Vicente, se escapar do grave estado em que se acha mas tambem para ser capturado o seu assassino, procedendo-se contra ambos nos termos da lei.—Que na manhãa de 24, José da Silva Soares morador no engenho acima referido, assassinára com uma facada sobre o hombro esquerdo que traspassara o coração a sua propria mulher Joanna de tal, gravida de 8 *mezes*, segundo consta sem motivo algum conhecido, e que evadindo-se o assassino foi na mesme manhãa preso no engenho Vicente Campello pelo seu proprietario, de quem fora valler-se, sendo logo remettido ao subdelegado do primeiro districto daquelle termo, que contra elle está procedendo na forma da lei.

Por officio do 1.º do corrente participou-me o delegado do termo do Limoeiro, que no dia 18 do p. p. mez, na barra de Cussatuba uma mulher soffrera um tiro de espingarda dado casualmente por um seu primo, sendo que a offendida não pereceu segundo lhe communicára o respective subdelegado, no entretanto que a respeito deste facto se estava procedendo as diligencias necessarias para se entrar no conhecimento da verdade.

Deos guarde a V. Exc. Secretaria da policia de Pernambuco 5 de julho de 1854.—Illm. e Exm. Sr. conselheiro José Bento da Cunha e Figueiredo, presidente da provincia.—*Luiz Carlos de Paiva Teixeira*, chefe de policia da provincia.

COMMUNICADO.

A BONINA.

A audacia e pedantismo com que *certos* individuos que se inculcam de amantes da litteratura, e que fingem seguir a vereda da civilisação, e que em vez de faze-la progredir, não fazem senão desacreditar a tão importante classe daquelles que a desempenham, dando a luz em uma cidade como esta, rica de ilustrações, e á face de litteratos, como sejam os Srs. Marques Rodrigues e Torres Bandeira, moços estes, que honram a heroica provincia de Pernambuco, e outros que deixamos de enumerar para não tornar extenso este communicado, nos impelliram depois de um longo silencio, filho sómente da nossa demasiada condescendencia para com *alguem*, á fazer algumas reflexões ácerca do apparecimento da *Bonina*, periodico que *se diz litterario e recreativo*, transcrevendo abaixo um dos seus bem rabiscados artigos, que tem por epigraphe a — *Noiva* — para que os nossos leitores fiquem sabendo uma vez por todas, o que significa a *Bonina*.

O que he, pois, a *Bonina*?

A *Bonina* he um artificio com que os ganhadores de vintem, procuram embasbacar as crianças, e papalvos, fazendo ver por meio de illusão optica *grandes palacios, cidades e castellos*, como se fossem realidades, quando não são mais do que pontos quasi imperceptiveis, augmentados pela mente do *bem* conhecido redactor em chefe com visos de *Marmoteiro*, e que produzem uma ficção que só illude a quem he tolo.

A *Bonina* he periodico que instrua ou moralise? Tem ella plantado principios sãos? Tem-se occupado com a propalação de idéas progressivas, litterarias e civilisadoras, procurando por meios justos e ligitimos, proselitismo e apoio? Ninguem a não ser eivado de parcialidade, responderá pela affirmativa: ninguem podera asseverar, sem receio de um desmentido formal, que tem o dito periodico seguido o rumo conveniente e louvavel, isto he, o caminho da litteratura.

Ahi estão quatro ou cinco numeros que tem sahido para attestar o nenhum talento e refinado pedantismo senão. . . . ou ambição do seu *pobre* redactor de ver o seu nome tornar-se *celebre* na litteratura.

Agora perguntaremos, o que tem produzido a *Bonina*, e quaes os seus mais importantes escriptos?

Temos visto que em nenhum dos numeros (5 numeros ! !) que tem sahido apparece escripto algum, em que sobresaia a eloquencia e elegancia, nem mesmo um pensamento bom, não queremos fallar daquelles que elle (redactor) tem fillado de alguns escriptores; ao contrario tem elle empanzinado os nossos benevolos leitores com *Noivas, Mulheres—Cheias*—e pessimas poesias, que parecem producção de algum menino que cursa as escolas primarias.

Vencendo os maiores obstaculos, promettemos aos nossos leitores, seguir a *Bonina, pari passu*, não deixando passar camarão pela malha: não nos afastando das regras que prescreve a civilisação e cortezia, propomo-nos a censurar a *Bonina* ou ao seu redactor, quando assim se fizerem merecedores, para o que temos a precisa coragem e presença de espirito; porquanto nada receiamos destes *novos argonautas, que sulcando as salsas ondas do oceano, lançam-se a esmo em um mar sempre encapellado, e mais terrivel que as cataduspas do Nilo, para quem pela primeira vez, sem a bussula de talentos, sem o pharol de habilitações, ousado (! ! !) se anima a sulca-lo á despeito dos perigos que se lhe antolham.*

O Calouro.

A NOIVA.

Candido vestido de seda, um pouco longo, lhe lambia (1) a pequenhez de dous pés (2) de brasileira; um alvissimo véo, mui raro, preso a um pente de fina tartaruga que lhe segurava o cabello, toucado a Stuart; dalli se debruçava como um mar de leite por sobre suas bem torneadas espaduas; uma volta de brancas perolas lhe cingia o collo de alabastro; uma capella de alvas flores de laranja lhe coroava a fronte de donzella; lhe adornava o casto e avaro (3) seio um cravo branco, orgulhoso (4) por estar aquecido pelo seu calor, e embalado por seu arfar; finalmente um ligeiro rubor, colorido expressivo do pudor feminil, lhe paramentava as faces . . . . .; se a visseis, a dissereis um cherubim celicola (5), a dissereis o condão de uma fada, a fada de um sonho, um sonho de poeta. . . . . e ella era uma virgem americana preparada para ir ao templo do Senhor, receber um dos sacramentos da igreja— o matrimonio. . . . . era uma noiva. . . . .

Concorrem mil convidados trajados de gala, agglomeram-se, (6) acompanham ao templo a noiva entre mil demonstrações de alegria, maiores que os applausos que levavam *Corina* triumphante ao *Capitolio*. Ei-los chegados ao templo, onde um esbelto mancebo acompanhado de outra multidão já os aguardava; a virgem noiva mal o avistára, um sorriso de alegria lhe dourou os labios, e uma nuvem de rubor lhe tingindo as faces, fe-la baixar os olhos . . . o mancebo empallideceu. . . . . Eram os effeitos de amor.

Um sacerdote levou os nubentes ás sagradas (7) aras de Deos, e á face da igreja, ante os homens, e o mundo acabou de apertar os laços que a natureza tinha principiado. Voltam todos á casa do velho pai que tinha os olhos humedecidos de lagrimas, que, a não serem causadas pelo prazer de vê-la venturosa — a filha que tanto amava, eram sem duvida pelo apartar-se della . . . . .

Era o amor paternal. (8)

Depois de chegados, principiára o sarão; todos eram alegres, tudo se sorria entre a harmonia da musica, entre o doudejar da dansa; ligeiras walsas, folgasonas polkas se misturavam nos differentes salões; todos com alegria desenhada nos semblantes, applaudiam as bodas. . . . . (9) e a noiva amarguramente chorava, abraçada com a sua melhor amiga, afastada da sociedade que se embriagava nos prazeres, embrenhada no jardim, cujas flores confidentes do seu amor, quasi sempre saudadas pelo seu sorriso, eram agora borrifadas com seu pranto. E quando tudo se sorria, quando ella acabava de realisara sua escolha, quando via despontar a sua felicidade, o que chorava? que sombra lhe empanava o painel da vida, da sua vida que representava uma das mais solemnes e aprasiveis scenas do drama da felicidade? . . . que motivo occasionava a contradição de suas lagrimas, o que ellas significavam? . . . Não fôra ella que escolheu, que approvou, que sellou com seu juramento o acto que acabava de praticar? . . . porventura as lagrimas nos olhos das mulheres não tem significação? . . . Não, ella sentia, e tanto sentia que chorava, e o seu pranto. . . . (10).

Eram saudades das brancas roupas de virgem que ja despir. . . . (11) eram saudades da candida capella que lhe cingia a fronte, que em breve tinha de ser trocada pelo sceptro domestico . . . . (12) eram saudades da idealidade do seu amor, dos seus sonhos de donzella . . . . era a realidade que, fria como sempre, se lhe tinha apresentado! . . Ella chorava sobre a campa de seu ultimo dia de virgem, ainda mesmo no bruxolear da sua felicidade . . . . .

A verdadeira felicidade não existe no mundo; no mundo só existem circumstancias que attenuam, minoram e dulcificam a continua cadeia de soffrimentos que nos liga do berço a campa, da vida á morte, de um mundo a outro mundo: e ainda na phase mais cheia destas circumstancias, que deixe antever atravez de um prisma o quadro colorido de certos gozos, a que se dá o nome de felicidade, os vislumbres da realidade transsudam (13) de cada um delles, e mais tarde apparece uma nuvem que, se condensando, o occulta aos olhos do que o contempla; e assim se dissipam os vaporosos sonhos que lhe douravam a vida . . . .

He a realidade! . . . (14)

Recife —junho —1854. *C.*

(1) Então os vestidos já lambem? Heim?

(2) Melhor fôra que tivesse um e fosse aleijada.

(3) A que vem ahi avaro? Que he isto, homem de Deos ? !

(4) Onde se vio orgulho em flores ?...

(5) Havera tambem cherubim infernal ?

(6) Como sardinhas em tigellas e . . . .

(7) E quaes são as insacras aras de Deos ?

(8) Oh ! que escorrencia !

(9) *Applaudiam* tantas asneiras.

(10) Era da desgraça do redactor . . .

(11) Logo ficava n . . . .

(12) Oh ! que sceptro ! ! ! . . .

(13) Oh ! senhor, que termo he este ? Não se empoie tanto ! . . .

(14) Será certo ? Não será o pedantismo em seu auge ? Pedantes, *tremei, tremei ! O' gloria és minha !*

CORRESPONDENCIAS.

AO PUBLICO.

O Sr. João Pinto de Lemos Junior, esmagado pela mão da policia, e sacudido violentamente pela tempestade da opinião publica, respirou essa atmosphera pesada que abafa e suffoca aos que não podem soccorrer-se do ar puro de sua consciencia. Nesse transe porém não lhe faltou o instincto de perversidade. Ave sinistra e agoureira cacarejou-lhe ao ouvido, inspirando-lhe pensamentos tão negros como o espirito que os acolheu.

Dahi partio esse boato insidiosamente propalado, segundo o qual o acto de uma policia honesta não era mais do que uma conjuração infame contra certa burra tão phtysica, que os melhores facultativos já tinham *protestado* que ella havia de fallecer, se não fosse como o ultimo recurso, procurar os pastos pingues dessa terra, onde artistas finos tão habilmente estampam as estrellas do Brasil. Julgou-se necessario aturdir a opinião publica, e desvia-la dos moedeiros falsos, apresentando-os como pessoas tão opulentas, que excitavam a avidez das autoridades, pela sua supposta riqueza.

Não bastavam porém as vibrantes declamações daquelles que seguem a theoria, de que muitas vezes convém dizer aquillo que senão sente. Não bastava atropelar os passos de um respeitavel ancião, que tropeçou quando fez um comprimento desasado a esse accusado, ao qual devia antes dar as costas, e evitar-lhe o contacto impuro. Era preciso mais uma farça; e realçava mais o plano de defeza traçado pela ave nocturna a intervenção de um amigo intimo do delegado, o honrado Sr. Dr. Carlos. Eis-me pois entregue ao Sr. João Pinto, que sem reflexão, sem medir os riscos da empreza, teve em pouco jogar com o credito alheio, negocio em que na verdade não arriscava capital. Como um desses jogadores freneticos que tudo tendo perdido collocam o seu ultimo recurso em uma carta, na qual pregando olhar desvairado, com a cabeça perdida e agitação febril, esperam o golpe da sorte; assim esse louco *em duas cartas que comprou*, jogou o ultimo sentimento que acompanha o espirito humano, ainda mesmo em sua maior depravação: cuspio a mão officiosa da piedade, e mordeu-a envenenando-a.

He certo que arrastrado por um sentimento de compaixão, talvez mal entendida, e recordando-me de uma amisade nascida nas escolas da mocidade, desci a ir visitar esse pobre fatuo, e fui em companhia do meu amigo o Dr. Bento José da Costa Junior, o qual acabava de me relatar o facto de sua prisão, que até então eu ignorava. Em caminho lastimamos ambos esse fracasso, que causava algum ruido na cidade, porque os crimes desta ordem tomam sempre grande vulto pelo alvoroço que causam no commercio. He certo que sempre dominado pelo mesmo sentimento de compaixão, fiz alguns offerecimentos a esse infeliz, declarando-lhe que era amigo do Dr. Carlos, a quem o desgraçado se confessou nesta occasião muito obrigado pela delicadeza e urbanidade com que se portou em todo o procedimento inquisitorio, e mais ainda no acto da prisão, requisitada pelo mui digno promotor: unico a quem o cobarde respeitou, aterrado sem duvida pela posição que occupa esse joven funccionario, integerrimo observador da lei. He certo, que prometti de ver se podia ler as peças de indagação e interceder naquillo que fosse possivel, junto do meu honrado amigo Dr. Carlos, pelo mizero accusado; e depois retirei-me em companhia do Dr. Bento, que assistio a toda a minha conversa, sem apartar-se de mim um só instante.

Voltei pesaroso lastimando os desastres que acarretam a certos homens a cobiça atiçada pela insaciedade de prazeres dispendiosos. Da fortaleza dirigi-me a casa do Dr. Lobo a quem não tinha visto ainda depois deste acontecimento, e a vista do que examinei, fiquei confundido, sem saber ainda de que modo podesse favorecer ao Sr. João Pinto de Lemos Junior. Por esta mesma occasião esteve o Dr. Carlos em minha casa em companhia do Dr. Bento, Dr. Manoel Clementino, Dr. Costa Machado, deputado pela Parahiba, e Dr. João Antonio Cavalcanti, aos quaes, supponho que a todos, mostrei a carta do Sr. João Pinto, abaixo transcripta, que acabava de receber, e em que elle supplicava a minha protecção junto ao delegado, apezar dessa philaucia estulta que affecta diante de um publico, que bem o conhece, e melhor ainda o tem sabido julgar nesta causa.

Ora bem se vê do conteúdo de sua carta, que nenhuma proposta menos honesta lhe poderia ter feito, e só ella basta para provar tudo quanto hei dito, sem que para isso me seja mister recorrer ao testemunho do Sr. Dr. Bento, do qual me sirvo só por luxo e ostentação de provas.

No dia seguinte sempre arrastrado poresse pendor irresistivel que impelle as almas caridosas a praticar o bem, dirigi-me a fortaleza, e foi então em companhia do meu respeitavel amigo Dr. João Antonio. Este assistio á minha conversa com o Sr. João Pinto, e ouvio, e presenciou tudo quanto lhe disse com franqueza delicada, isto he que elle se tinha compromettido no interrogatorio por abandonar-se com leviandade. Nem eu podia, e nem devia fallar-lhe de outra maneira. O Sr. João Pinto retorquio entregando-me umas cartas para ler, que dizia servir para sua defeza, e retirou-se com o Dr. João Antonio, do alpendre em que estavamos, para a sala em que foi almoçar, ficando eu só esses unicos instantes que empreguei em ler as ditas cartas. Findo isto dirigi-me a referida sala e entreguei aquellas cartas com estas palavras, sempre ouvidas pelo Dr. João Antonio: « o que cumpre fazer he; remetter os autos o mais breve possivel á autoridade competente». E retirei-me sempre em companhia do Dr. João Antonio, nunca sahindo da boca do Sr. João Pinto as palavras inseridas nos dous bellos documentos, que elle teve o talento de agenciar e a sem ceremonia de offerecer ao publico: plano estulto e imbecil, que só podia ser delineado por uma cabeça vasia e aceito por um ediota!

Estas duas visitas foram as unicas que fiz a esse encarcerado, e da maneira porque foram feitas, sem o menor mysterio e em companhia de pessoas muito conspicuas (uma das quaes, o Sr Dr. Bento, he amigo muito affeiçoado do Sr. João Pinto,) se vê claramente que de minha parte não houveram e nem podiam haver, propostas menos honestas: invoco ainda o testemunho do Dr. João Antonio, o qual não vai junto do pela distancia em que mora este Sr.

Sahindo da fortaleza tocamos em casa do Dr. promotor, a quem pedi que se naquelle dia encontrasse primeiro do que eu o Dr. Carlos, lhe rogasse de minha parte prompta remessa dos papeis, manifestando o mesmo promotor por essa occasião igual desejo. Dahi parti sempre em companhia do Dr. João Antonio, para o sitio de um amigo, onde passamos o dia juntos, dormimos e voltamos para a minha casa, deixando nella o Dr. João Antonio, e sahindo eu para fazer uma viagem ao meu engenho, doze leguas distante desta cidade, voltei quinze dias depois, e quando cheguei foi que sube com indignação, porém ainda perplexo sobre a sua veracidade, alguns boatos que só podiam ser propalados por um cobarde e fementido, nos quaes se dava ás minhas duas unicas visitas essa intenção que não ousou expressamente declarar o Sr. João Pinto em seu communicado, mas que se acha bem patente nas cartas de que se servio no seu jogo de desesperada defeza.

He o que me cumpre dizer ao publico, a quem me dirijo com todo o respeito, e peço que examinando reflectidamente a minha exposição e os testemunhos tão respeitaveis que invoco, lance o ultimo firman de condemnação a aquelle, que conspurcando a verdade ousou tão vilmente enxovalhar o meu nome. E com quanto as palavras honra e brio, manchadas por entre os labios desse *moço fidalgo*, soaram ridiculamente, cumpre-me ainda dizer-lhe, que sustentarei face a face, por qualquer forma e maneira nobre que me for exigida, tudo quanto tenho enunciado. — *Lourenço Bezerra Carneiro da Cunha.*

Affirmo pela minha honra, que tudo quanto diz o meu amigo o Dr. L. B. C. da Cunha nesta correspondencia, invocando o meu testemunho, he exactissimo.

5 de julho de 1854. — *Bento José da Costa Junior.*

Amigo Loula.—Desejo que mi comoniques o que á respeito o que ficastes de fazer, pedindo-te, uma vez que és meu amigo, a fazer todo o possivel porque possa ser remettido logo ao cheffe de policia, esperando que tú farás o que poder, para obstar qualquer cousa que por eu não prestar attenção na narração, possa influir para supporem mão juizo.

Adeos e desponha de quem com amizade se assigna, amigo collega obrigado, *Lemos Junior.*

6 de maio de 1854.

Uma breve replica.

Não admira, Srs. redactores, que o despeito confundido pelo som vibrante da verdade, refocillando-se em sua infernal colera, ahi surgisse de novamente o collo em completo ardimento, começando por debuchar intenções e emprestar-me factos, tão alheios de mim, quanto são proprios do aleive, e da mão sinistra d'aquelle que desfarçadamente demittindo de si a responsabilidade dos dizeres, soccorre-se caculadamente á —fama publica—afim de que por este modo legalmente não podesse eu no encalço imprimir-lhe o ferrete de calumniador.

Os fructos correspondem á arvore que os produz. Sendo certo que ja não ha ahi alguem que possa ignorar á quem infelizmente cabe a paternidade do homicidio á que se refere o Sr. Manoel Lobo de Miranda Henriques, em sua ultima correspondencia, desprezo, se não zombo de sua tão perfida como calumniosa insinuação, somente ditada pela negrura de sua alma, trazida no carecimento de melhores factos (por ventura minha) que me possam deslustrar. Mas, he que na phrase evangelica o mão homem tira o motivo de suas más acções do mão thesouro do seu coração!

Entretanto, o publico que nos tem acompanhado em todos os nossos passos, bem pode avaliar qual a razão e verdade, que preside aquelles, que apartando-se do raciocinio, exclusivamente recorrem a um mistiforio de palavras, doestos e infamias, as quaes resvallando por sobre aquelle contra quem são atiradas, tem de cahir só e só sobre a fronte do inurbano e infrene provocador.

Sim, provocados como desde os principios temos sido, honremo-nos de expôr por nossa vez a verdade das occurrencias, fazendo-o, porém, com aquella dignidade propria de nós, e posto que em justa represalia, limitando-nos a quanto era bastante.

Mas, agora em vista de nossas reciprocas publicações, dirá a imparcialidade em seus commentarios, se não subsiste em nosso favor tudo quanto temos dito, se temos sido ainda que de leve comfutados em nossos documentos, nem mesmo por essa carta fornecida pela promotoria, nossa melhor defeza.

Assim que, pela ultima vez por nossa parte, e para a vergonha do provocador, cumpre que façamos conhecer ao publico, recordando aquelles que já o saibam, quaes algumas d'entre as graves importações que teem pesado sobre o Sr. Miranda Lobo, á respeito de quem, condoido em principio, não quizemos tudo dizer, o que ora he forçoso fazê-lo em vista da sua insolencia e pertinaz desejo de insultar-nos.

E o fazemos, não traiçoeiramente apoiado n'uma inculcada fama publica, mas, baseados em irrefragaveis documentos officiaes, quaes os que abaixo se transcrevem compilados do *Jornal do Commercio* de 29 setembro e 11 de outubro de 1841.

Attenda-se e conheça-se.

Rogando a inserção destas nossas linhas em seu conceituado jornal, Srs. Redactores, farão um novo serviço ao seu assignante. — *João Pinto de Lemos Junior.*

Recife, 3 de julho de 1854.

TENTATIVA DE ASSASSINATO CONTRA O PRESIDENTE DA PARAHIBA.

Illm. e Exm. Sr. — Um enorme attentado acaba de ser praticado nesta provincia, de que por bondade da Divina Providencia escapei de ser victima.

Eu passo a referi-lo afim de que V. Exc. se sirva leva-lo ao conhecimento de S. M. o Imperador. Na tarde do dia 21 do mez findo, indo eu para o engenho Saboeiro passar um dia de recreio, em caminho, no lugar chamado Manema, a duas leguas de distancia desta capital, malvados assassinos, escondidos entre os matos, dispararam tres tiros sobre mim e a minha comitiva, que nesse momento se compunha de 15 pessoas. Felizmente só fomos levemente feridos, eu e o juiz de direito do civel o doutor Antonio Thomaz de Luna Freire, cujo cavallo cahio immediatamente morto, traspassado por duas balas. Dahi segui para o engenho Tibiri, distante meia milha, aonde me demorei poucos instantes para descansar e tomar algumas providencias, depois do que voltei para cidade, a qual vim achar em agitação pelo alarma que a noticia havia derramado entre os seus habitantes.

Entretanto que com a minha presença os animos tomavam mais alguma calma, a gente da fabrica do engenho Tibiri, que eu havia pedido immediatamente depois do momento do perigo do seu proprietario o tenente-coronel Manoel Maria Carneiro da Cunha, afim de explorar o matto e ir em seguimento dos criminosos, houve-se nesta diligencia com tanto tino e presteza, que ao escurecer da mesma tarde pôde apanhar dous dos assassinos, os quaes foram encontrados ja com armas de novo carregadas.

Pelas confissões destes, se veio no conhecimento de que cinco eram os facinorosos que estavam postados no lugar da espera, havendo dous deixado de disparar as armas, ou por medo, ou por precaução, sendo para notar que entre elles se achava o recruta Angelo José Dias Botelho, cuja segurança eu muito havia recommendado ao presidente da provincia de Pernambuco, em consequencia de sua malvadeza.

Dizem os dous presos haverem sido mandados commetter o crime, um por Alexandre Francisco de Seixas Machado, cunhado do deputado Coelho Bastos; e outro pelos vice-presidentes Manoel Lobo de Miranda Henriques e Luiz Vicente Borges. Ha mais compromettidos neste negocio, como V. Exc. verá dos interrogatorios que remetto por copia, sendo para lamentar que não fossem capturados os outros facinorosos, afim de que se podesse melhor conhecer o fio todo deste horroroso trama. Entretanto, não padece duvida que estava elle ligado a um plano politico, como muitos dados concorrem a patentear.

A qualidade e numero dos compromettidos, a alegria que se divisava em todos os desordeiros nos dias proximos ao acontecimento, as noticias que successivamente chegam do interior de que nutriam elles esperanças proximas de uma alteração na administração provincial, as promessas de empregos publicos com que se accenou a alguns dos assassinos, o rapido desapparecimento dos influentes do partido anarchista logo que se divulgou haverem sido aprehendidos os mesmos assassinos, tudo isto serve de confirmar o que venho acima de dizer.

Uma circumstancia mui notavel accresce, e vem a ser, que todos os vice-presidentes pertencem a essa facção de cacete, que com a minha chegada deixou de dominar esta provincia.

Não podendo elles subir ao poder por meio de uma rusga pelo estado de impotencia em que os tenho collocado, assentaram de se desfazer de mim por meio do assassinio, porque então com a minha morte á algum delles tocava a presidencia, e ei-los por esta maneira, sem maior risco, chegados ao desejado mando afim de satisfazer ás suas vinganças e reproduzirem as luctuosas scenas do Pará. Este pensamento occorre naturalmente á vista das circumstancias descriptas e do caracter dos homens a quem elle he applicavel.

Felizmente a Providencia salvou meus dias e poupou a esta provincia muitas desgraças, pois que os amigos da ordem não estavam dispostos a ceder o passo aos anarchistas, tendo ainda a memoria fresca das oppressões porque os fizeram passar, durante os oito mezes do seu infernal dominio.

Quantas considerações não excita este acontecimento, favorecido sem duvida pela impunidade da morte do infeliz presidente do Rio Grande do Norte, pela immoralidade que as leis pela sua fraqueza tem derramado sobre o corpo social! ! Mas as dores que soffro não me permittem ir longe. Bem que leve o meu ferimento foi em parte tal, que me tem obrigado a guardar o leito, e ainda não posso saber quando chegará o momento do meu completo restabelecimento. Por esta razão permitta V. Exc. que finde aqui, certo de que longe de estar acobardado, sobra-me animo para cumprir a missão que S. M. houve por bem encarregar-me.

Deos guarde a V. Exc. Palacio do governo da Parahiba do Norte, 3 de setembro de 1841. — Illm. e Exm. Sr. Paulino José Soares de Souza, ministro e secretario de estado dos negocios da justiça. — *Pedro Rodrigues Fernandes Chaves.*

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1841 aos 23 de agosto, nesta cidade da Parahiba do Norte, e na prefeitura della, onde se achava o prefeito desta comarca Frederico de Almeida e Albuquerque, comigo escrivão de execuções, estando presentes o tenente-coronel Alexandre Francisco de Seixas Machado, mandado vir para o presente interrogatorio, o qual se achava preso por indiciado no crime de tentativa de morte contra o Exm. presidente da provincia, e estando em liberdade lhe foram feitas as seguintes perguntas. — Filinto Leoncio Victor Pereira, escrivão o escrevi.

Foi-lhe perguntado como se chamava, que idade tinha, seu estado e occupação. — Respondeu chamar-se Alexandre Francisco de Seixas Machado, casado, com idade de 34 annos, morador no engenho Santo Amaro, vive de plantar cannas e fazer assucar.

Perguntado se sabia o motivo da prisão, respondeu que ignorava; mas que suppõe ser por supposições de haver elle concorrido para o acontecimento dos tiros dados no Exm. presidente, e esta supposição delle respondente foi motivada por estar em sua casa na noite do dia 21 do corrente, quando voltava para esta cidade o mesmo Exm. presidente com outras pessoas, e então ouvio elle respondente uma voz de entre a que la gente que passava que dizia: — Aqui vai, não morreu: — por onde elle respondente conclue que se queria in-volve-lo naquelle acontecimento.

Foi mais perguntado se conhecia o pardo Antonio Joaquim de Souza.—Respondeu que o conhecia, por haver trabalhado em seu engenho; mas que ha oito dias, pouco mais ou menos, o havia botado para fora do engenho, por haver elle dado umas pancadas em uma preta do mesmo engenho.

Foi perguntado se era exacto ter elle convidado e mandado assassinar o Exm. presidente, como havia declarado o mesmo Antonio Joaquim no interrogatorio feito hontem. — Respondeu que era falso tudo quanto havia declarado o preso Antonio Joaquim de Souza em seu interrogatorio, que lhe foi lido; pois que elle respondente nunca teve tal tenção, e quando a tivesse não chamaria a esse Antonio Joaquim por o conhecer muito fraco, e por conseguinte incapaz para tal acto em sua [illegible] que lhe consta haver levado bordoadas [illegible] differentes pessoas por varias vezes; disse mais, que no principio do recrutamento que houve nesta cidade, depois da chegada do actual presidente, fôra o dito Antonio Joaquim ter-se com elle respondente e lhe dissera, que queriam prender seu filho para o recrutamento, e que elle respondente lhe dissera que o occultasse, ao que tornou o dito Antonio Joaquim, que se prendessem o seu filho, que só um tiro; á vista do que lhe disse elle respondente, que se elle fizesse isto dançaria na corda bamba, e estando tambem presente Manoel Theodoro, lhe disse que fizesse; mas tudo isto disseram por brincadeira, ao que finalmente disse o referido Antonio Joaquim, que se fizesse tinha muita gente a seu favor nesta mesma cidade, e que, sabendo disto João Tavares de Mello, depois de alguns instantes dissera que não havia elle respondente obrado bem em estar brincando com o cabra Antonio Joaquim, pois que com tal gente não se devia brincar.

Em continuação disse elle respondente, que não era de seu caracter envolver-se em semelhante facto, como se lhe quer atribuir, pois que elle he bem, conhecido, e se tivesse genio para isso tinha-o feito digo bem conhecido, pois que no tempo da vice-presidencia do doutor Trajano Alipio de Hollanda Chacon, foi elle respondente muito mal tratado por elle e perseguido, até por uma ordem do dia declarara, que elle respondente era sedento do sangue e ouro alheio, e nunca elle respondente lembrou-se de praticar acto semelhante, e por isso nenhuma razão tinha de promover um assassinato antes contra o actual presidente que nenhum mal lhe tem feito.

E não tendo mais nada a declarar, o prefeito mandou vir perante si o preso Antonio Joaquim afim de ser acareado, e confrontadas as suas respostas com as do tenente-coronel Seixas.

Foi perguntado ao preso Antonio Joaquim, se era verdade o que elle já havia respondido no seu interrogatorio, visto que o tenente-coronel Seixas declarára que tudo era falso.

Respondeu que era verdade o que havia dito, pois que, tendo elle respondente, no dia sabbado de manhãa, sido chamado por o preso Alexandre Francisco de Seixas para sua casa, ahi o convidára para uma empreza, e perguntando elle respondente qual era a empreza lhe disse o dito Seixas, que era para matar o presidente da provincia, achando elle respondente nessa mesma manhãa em casa do dito Sr. Seixas o outro preso Thomaz dos Santos Rocha, o qual ahi havia almoçado igualmente com Manoel Theodoro, que nesta occasião botou um ouvido de cobre no bacamarte que elle respondente levára para a emboscada, indo levar em sua companhia ao dito Thomaz dos Santos Rocha para unir-se com os outros que já estavam de emboscada: depois de lida esta resposta disse o preso Antonio Joaquim que o bacamarte que se botou ouvido foi entregue ao outro Thomaz, e que elle respondente levára una espingarda.

Disse mais o respondente, que era verdade haver entre elle e uma preta do engenho um briga, como havia referido o preso Alexandre Francisco de Seixas; mas que este o não despedira para fora de suas terras, onde ainda se achava morando com sua mulher.

Disse o respondente Alexandre Francisco de Seixas Machado que não era exacto o que affirmava o preso Antonio Joaquim, e que era verdade haver elle Seixas botado para fora de suas terras ao referido Antonio Joaquim, ficando a mulher deste morando na mesma casa onde morava por ser esta delle Seixas, e tanto he falsa esta declaração relativamente a dizer o preso Antonio Joaquim que o réo Thomaz dos Santos havia almoçado em casa delle Seixas sabbado de manhãa, que na occasião em que elle fôra preso pelo sub-prefeito desta cidade, e passando nessa occasião, e voltando o preso Thomaz dos Santos, aquelle sub-prefeito dissera que no sabbado ao meio dia havia visto aquelle Thomaz nesta cidade na quitanda. e requereu o mesmo Seixas que fosse ouvido o sub-prefeito sobre esta declaração.

Estando presente o sub-prefeito Joaquim Gonçalves Chaves disse que, era verdade haver dito que Thomaz dos Santos Rocha havia estado no sabbado ao meio dia na quitanda; mas que isto disse por lhe haver dito tambem um guarda, e que elle até então não conhecia o mesmo Thomaz preso. Finalmente, declarou o respondente Seixas, que era exacto tudo quanto tem dito, e falso o que declarára o preso Antonio Joaquim attribuindo elle Seixas este falso que lhe levanta o dito Antonio Joaquim ao haver-lo elle deitado fora de suas terras.

E desta forma houve por concluida a acareação entre os mencionados presos; mandando logo o prefeito vir perante a si o preso Thomaz dos Santos Rocha, foi acareado pela maneira seguinte:

Perguntando ao preso Thomaz dos Santos Rocha se era verdade o que havia dito no interrogatorio feito no dia de hontem perante esta prefeitura. Respondeu que tudo era verdade, e que no dia sabbado, 21 do corrente, ás seis horas da manhãa foi elle respondente para o engenho Santo Amaro, por mandado de Francisco Antonio de Almeida e que chegando alli almoçára e fôra para o lugar da emboscada conduzido por Antonio Joaquim, e que chegando na emboscada achou Angelo José Botelho e Manoel Bernardino, e depois chegou na emboscada Francisco Vintem.

Declarou mais, que Manoel Lobo de Miranda Henriques, tambem fallára a elle respondente para o mesmo fim; e tambem algumas vezes lhe fallou para o mesmo assassinato Luiz Vicente Borges, quando esteve nesta cidade, e que até por vezes lhe dera pequenas quantias em dinheiro, declarando mais, que quando elle respondente estava em Santo Amaro e se querendo carregar o bacamarte que elle levava, appareceu uma porção de polvora que não era boa, o interrogado Seixas mandou a cidade um seu mulato com um recado particular a Manoel Lobo, pedindo que lhe mandasse polvora melhor.

Declarou mais que um dos que lhe fallára a este respeito era o tenente-coronel Joaquim da Silva Medeiros.

Declarou o interrogado Alexandre Francisco de Seixas Machado, que o que dizia o interrogado Thomaz dos Santos Rocha não era verdade, e que elle Seixas nunca o conhecêra, apenas o vio uma vez, quando era prefeito supplente, não tendo depois disto o avistado em parte alguma, e que nunca elle foi ao engenho Santo Amaro.

Declarou mais o preso Thomaz dos Santos que o referido Seixas, foi quem envenenou a bala com que foi carregado o bacamarte, o que disse o mesmo Seixas que era falso, que tal veneno nunca teve.

Perguntou o interrogado Alexandre Francisco de Seixas Machado ao preso Thomaz dos Santos Rocha, se quando este fora preso foi conservado junto com o outro preso Antonio Joaquim, ao que respondeu que estiveram juntos.

Por esta forma houve o prefeito por concluidos os interrogatorios e acareação feita entre os interrogados.—Filinto Leoncio Victor Pereira, escrivão de execuções, o escrevi.— Almeida e Albuquerque.—Alexandre Francisco de Seixas Machado. — Thomaz dos Santos Rocha.— Antonio Joaquim de Souza.—Ignacio Ferreira Serrano Junior.— Genuino Antonio de Almeida e Albuquerque.

Não posso deixar de me alargar um pouco sobre este topico do discurso do nobre deputado, visto que elle, para contrariar aos meus dous hourados collegas, procurou provar que com effeito seus correligionarios da Parahiba não podiam ser taes quaes os haviam pintado aquelles illustres deputados.

Sr. presidente, eu não conheço a todos os individuos da facção rasgada da Parahiba; mas conheço mui de perto alguns, é a outros por informações; conheço por exemplo, a um de seus mais assignalados chefes o Sr. Manoel Lobo de Miranda Henriques; esse homem de quem para sempre minha provincia se recordará com horror e indignação (*apoiados*). E quem he o Sr. Lobo de Miranda Henriques ? Eu nunca o disse nesta casa, Sr. presidente, nem agora mesmo o diria, apezar de ser eu e minha familia uma das victimas desse homem verdadeiramente lobo, se por ventura não ouvisse hontem ao nobre deputado a quem me refiro, o mais pomposo elogio aos cinco deputados eleitos a camara futura pela provincia da Parahiba. Todos são homens de bem, honestos e virtuosos, diz o illustre deputado! Homem de bem honesto e virtuoso o Sr. Lobo de Miranda Henriques! Sr. presidente, eu o repito, não me occuparia nunca desse senhor, não obstante os males que causou a minha infeliz provincia durante sua detestavel administração (*apoiados*); porque não desejaria que se me tachasse de pouco generoso para com elle, principalmente sendo eu um dos muitos offendidos. Mas como hei de tolerar que na minha presença se teçam encomios ao homem que, quando presidente das Alagoas, levou a preseguição por todos os pontos da provincia, anarchisando-a; e praticou toda a especie de traficancia, para saciar a sêde de ouro que o devorava (*apoiados*)! ! Eu fallo senhores, perante meus illustres amigos e collegas.

O Sr. G. Ribeiro: — Apoiado: ha muitas mulheres que ainda hoje não sabem de seus maridos.

O Sr. Casado: — A presidencia do Sr. Lobo foi uma verdadeira calamidade para minha provincia, foi uma peste que a desolou, foi, em uma palavra, a immoralidade e a anarchia personificada com todos os seus horrores, que nessa época desgraçada se nos envion do Rio de Janeiro! E he este um dos dignos representantes do partido do nobre deputado! ? Mas, senhores, o que provam essas eleições da Parahiba, para com o seu resultado querer-se argumentar contra as proposições proferidas na casa contra essa facção sanguinaria da Parahiba (*apoiados*). Bastante se tem dito acerca do modo por que foram ellas feitas, e por isso semelhante argumentação para mim, nem para o paiz nada prova.

Publicando o documento que se segue, temos em vista fazer conhecida aos Portuguezes aqui residentes, a maneira porque são apreciados seus meritos e classe, pelos *notaveis Srs.* consul Joaquim Baptista Moreira, vice-consul Chanceler Miguel José Alves e o *celeberrimo* Sr. Mathias de Azevedo Villarouco e mais membros do conselho dos *dez*. Esses Srs. inculcando-se de commerciantes, emprestam aos seus compatriotas e colegas outros titulos e outros meritos, que talvez a elles sejam bem cabidos.

O conselho dos *dez* composto de logistas, taberneiros, 1 armazenario de assucar, e 1 caixeiro, se intitulam commerciantes, e só encontraram sete commerciante, portuguezes assignados na representação !..... e 100 logistas e 81 taberneiros, que sendo assim, não são commerciantes no bestunto do *celeberrimo conselho*.

CONSULADO DE PORTUGAL EM PERNAMBUCO.

Termo d'exame procedido nos nomes da representação contra o consul e vice-consul de Portugal, nesta provincia de Pernambuco.

Anno do nascimento de nosso Senhor Jesus Christo, aos quatro dias do mez de maio de 1854, nesta cidade do Recife de Pernambuco, na chancelaria do consulado de Portugal desta provincia, estabelecida na casa n. 6 da rua do Trapiche, onde se achavam o consul Dr. Joaquim Baptista Moreira e o vice-consul Miguel José Alves, e os dez commerciantes portuguezes, estabelecidos nesta cidade em diversos ramos de negocio, abaixo assignados, que precisamente haviam sido convidados pelo mesmo consul, para o fim de procederem a um exame nos nomes e empregos das pessoas, que assignaram e dirigiram desta cidade uma representação a S. M. el-rei regente de Portugal, contra aquelles funccionarios, foi apresentada aos referidos dez commerciantes a copia conforme dos nomes assignados, na mesma representação devidamente legalisada na secretaria d'estado dos negocios estrangeiros em Lisboa, aos 11 de março proximo passado, e sendo aquelles primeiramente contados, verificou-se que as assignaturas reconhecidas por verdadeiras, pelo tabellião publico desta cidade, Francisco de Salles da Costa Monteiro, aos 17 de janeiro de 1854 eram mil e sessenta e oito (1068); e passando por escolha dos ditos dez commerciantes presentes a serem lidos todos os nomes, por Mathias d'Azevedo Villarouco, conheceu-se depois de um minucioso exame, que 714 dos assignados são:... artistas, officiaes, e trabalhadores em differentes officios 76, armazenarios de assucar 11, augentes 5, alienado 1, caixeiros 272, cego 1, commerciantes 7, escripturario 1, fallidos em differentes ramos de commercio 24, fugidos 2, lojistas de differentes ramos de commercio 100, ditos moradores fóra da cidade do Recife 7, mascate 1, menores caixeiros 13, mortos 5, negociantes 5, os quaes são Eduardo Ferreira Balthar, João Tavares Cordeiro, José Moreira Lopes, Vicente Ferreira da costa, e José Affonso Moreira, padeiros 10, pharmaceuticos 3, proprietarios 6, reos de policia 3, vadios e sem emprego conhecido 9, taberneiros 81, vendedores de diversos generos, como carne secca, assucar, ditos de escravos, bilhetes de loteria, e outros objectos 55, nomes repetidos 16, de nomes inteiramente desconhecidos aos abaixo assignados, sendo 354 assignaturas, que os consideram apocryphos e inventados, ou do contrario serem de tal insignificancia, que he muito dificil distinguir-se-lhes a posição social, ou empregos que exercem.

E para constar onde convier quanto aqui se refere, eu Mathias de Azevedo Villarouco, do numero dos dez commerciantes, escolhido pelos mesmos para servir nesta occasião de secretario, lavrei este termo, que vai por todos assignado depois de lhes ser lido.

Mathias de Azevedo Villarouco. . . . . .
Com loja de fazenda muito pequenina no arco de S. Antonio.

Joaquim Monteiro da Cruz. . . . . . .
Com loja de miudezas.

Fortunato Cardoso de Gouveia . . . . . .
Taberneiro e cerieiro.

Thomaz Fernandes da Cunha . . . . . .
Com loja de ferragens.

Narciso Maria Carneiro . . . .
Com loja de fazendas.

Antonio Bernado Vaz de Carvalho . . . .
Socio de uma lojinha de miudezas.

Francisco João de Barros . . . .
Caixeiro do banco.

Luiz José de Castro Amorim . . . .
Negociante.

Delfino dos Anjos Teixeira . . . .
Com armazem de assucar. *P.*

Artigo a que se refere o Sr. Dr. Mosceso no seu communicado publicado hontem.

Estatistica do hospital regimental, dirigido pelo Sr. Dr. José Lourenço de Castro Silva, medico allopatha.

Entraram para o hospital. 171

Destes:

Restabeleceram-se. . . . 154
Morreram 17

Mortalidade de 10 por % em um estabelecimento onde ha todas as commodidades.

Estatistica do Dr. Liberato de Castro Carreira.

Clinica urbana na capital.

Homens 315
Mulheres. 358 673

Destes:

Restabeleceram-se. . . . 660
Morreram. 12
Não completou o tratamento 1

Mortalidade de 2 por %, medicação homeopathica, tratamento regular, toda a commodidade dos doentes.

Clinica da pobreza na capital.

Homens 360
Mulheres. 495. 855

Destes:

Restabeleceram-se 786
Ignoro o resultado. . . . 48
Morreram 21

Mortalidade menor de 3 por % entre os mortos e restabelecidos, despresada a cifra dos ignorados: tratamento homeopathico soffrendo os doentes muitas privações.

Estatistica do mesmo na cidade do Aracaty e San Bernardo.

Clinica urbana.

Homens 73
Mulheres. 66 139

Destes:

Restabeleceram-se. . . . 132
Morreram. 7

Mortalidade de 5 por %, tratamento homeopathico e regular, com toda a commodidade dos doentes.

Clinica da pobreza nos mesmos lugares.

Homens 141
Mulheres. 181 322

Destes:

Restabeleceram-se. . . . 283
Morreram 14
Ignoro o resultado. . . . 25

Mortalidade de 5 por % tratamento homeopathico e soffrendo os doentes privações.

Estatistica do mesmo na cidade de Sobral.

Homens 62
Mulheres. 79 141

Destes:

Restabeleceram-se. . . . 136
Morreram 5

Mortalidade menos de 4 por % tratamento homeopathico e regular, gozando os doentes de toda a commodidade.

Estatistica do mesmo no hospital de caridade.

Homens 8
Mulheres. 12

Destes:

Restabeleceram-se. . . . 17
Morreram 3

Para este estabelecimento, que o governo com tão boas disposições apromptou para a pobreza, não entraram senão aquelles, a quem a policia recolhia por acha-los de todo abandonados, o que acontecia quasi sempre quando a molestia ja muito adiantada pouca esperança dava de vida.

Estatistica allopathica.

Homens 31
Mulheres. 27

Destes:

Restabeleceram-se. . . . 52
Morreram. 6

Mortalidade de 12 por % tratamento allopathico, gozando os doentes de toda a commodidade.

Resumo da estatistica do Dr. Liberato de Castro Carreira.

Homens 959
Mulheres. 1191 2150

Destes:

Restabeleceram-se. . . . 2014
Ignoro o resultado de. . . 74
Morreram 62

Nesta clinica observada em differentes lugares deram-se os seguintes factos.

De vomitos pretos.	41	escaparam.	18	morreram	22
» de sangue.	17	»	13	»	4
» hemorrhagia.	22	»	18	»	4
» apoplexia	18	»	4	»	14
» dejecções pretas	20	»	12	»	8
» convulsões.	5	»	3	»	2
Tiphoides.	18	»	10	»	8
Casos graves.	136	»	81	»	55

Os outros sete doentes tiveram uma terminação, que não foi bem verificada.

ERRATA.

Na correspondencia do Sr. José Joaquim Botelho, publicada hontem, onde diz-se —dia 3 de junho— léia-se —30—

PUBLICAÇAÕ A PEDIDO.

Illm. e Exm. Sr. presidente.—Dizemos nós commerciantes da cidade da Victoria, que sendo o commercio uma das fontes da riqueza d'um paiz, que deve merecer a protecção do governo em promover todo o incremento a esse ramo de industria, do qual depende a felicidade de uma nação, nos he bastante detrimentoso, que este commercio subsista na rua da Lagoa do Barro, não só pela localidade não offerecer vantagem, que possa fazer-se uma boa praça de commercio, em razão do terreno ser contiguo a um rio, e situado a uma planicie, de mode quo nas estações invernosas este lugar torna-se intransitavel por aquelles que affluem ao mercado, como tambem por que a pouco soffremos uma total decadencia com a enchente do rio, o qual teve de innundar uma grande parte desta cidade, demolindo, e arruinando um grande numero de propriedades, aonde se acham a feira, e o commercio; e como esse facto he de summa importancia, e gravidade levamos ao conhecimento de V. Ex. para que dando a devida consideração nos outorgue a faculdade de podermos traspassar a feira, e o commercio do lugar em que está, para o da rua Direita nesta cidade em direcção ao pateo da Matriz, por ser mais asado, e adaptado a fim, que requeremos. Pedimos a V. Ex. que nos defira. E. R. Mc.

Manoel José Pereira Borges Junior, Joaquim Mauricio Wanderley, Jorge da Silva Coutinho, Joaquim Severianno de Leão, Antonio de Brito Junior, Francisco Antonio S. e Silva, Manoel Martins Pontes, Francisco de Paula Mello, João Dias Ferreira, José Jacinto de Medeiros, Felix Pereira da Silva Cavalcanti, Benedicto José Pereira, Manoel José da Rocha Cruz, Felix Cavalcanti de Albuquerque Mello, Miguel Bezerra de Abreu, Jeronymo José da Silva, Manoel de Moura Rezende, Martinho Garcia de Araujo, Francisco José de Araujo, Alexandre Alves Pereira, João Evangelista Bastos Leal, José Francisco de Mello, Daniel Alves Falcão Taques, Manoel Ignacio da Cunha, A rogo de João Chrisostemo Joaquim Ferreira da Silva, Dionisio Affonso D., José Joaquim Alves Junior, A rogo de José Felix d'Annunciação José Pereira Borges, Felix Gomes de Andrade, José Luiz de Souza, Joaquim Gonçalves Teixeira, Manoel José Teixeira, o padre Joaquim dos Prazeres Brayner, Felix José, José Francisco Pedroso, João José Ferreira, Severino Barros Passos, Antonio Miguel Bezerra, José Francisco Barros, Manoel Francisco de Barros, Caetano José Cabral, Felix Francisco de Moraes, Antonio Severino do Nascimento, Guilhermino Paes Barretto, Jeronymo Correia de Amorim, Antonio Carneiro da Silva, Zeferino de Lima Freire, Manoel Borges da Fonseca, Silvestre Rodrigues Figueiredo, José Conrado da Silva, Francisco Antonio Sobral, Manoel Leão da Rocha, Zacarias Rodrigues de Souza, Manoel José Pereira Borges Junior, Antonio Muniz d'Almeida, João d'Amorim Lima, Izidro Dias da Silva, Laurentino Alves Ferreira, Henrique de Souza Delgado, Manoel Ignacio d'Albuquerque, Jacinto José de Santa-Anna, Manoel Antonio Baptista Corrêa Nunes, Sebastião Antonio d'Albuquerque, Alexandre Bernardino d'Albuquerque Uchôa, Americo B. Cavalcanti de Albuquerque, Ignacio da Silva Oliveira, Alexandre Gonçalves de Miranda, Cosme José do Monte, Manoel Alexandre Ferreira, Candido Vieira, Gonçalo José de Mello, Severino José de Jesus, Antonio Lopes Firmino, Manoel Teixeira de Mello, Antonio do Monte Ferreira, Antonio Francisco da Silva, Pedro Anselmo de Souza, José Barbosa da Silva, José Joaquim de Santa-Anna, Manoel P. de Freitas, Hypolito José da Costa, Francisco Carneiro Sarmento Lima, Lucio Prudente de Nazianzeno, Lucio Camello Cavalcanti de Albuquerque, Joaquim Rodrigues Campello, Manoel Gregorio da Paixão, Vicente de Paula Bezerra Cavalcanti, Joaquim Manoel do Espirito Santo, Francisco Antonio M., Manoel Felix Nazario, Manoel José Carneiro, José de Souza Barbosa Moreno, Manoel José P., Manoel de Souza e Silva, Joaquim Ignacio de Mendonça, Angelo Custodio Barros, Manoel da Costa Fonseca, Vicente Ferreira da Silva Rego, Vicente Ignacio da Cunha, José Francisco Rodrigues Luna, Emilio Antonio Gonçalves, João Moreira Lins de Mello, Miguel Bastos, Lourenço José da Paixão, José Xavier Lins de Albuquerque, Caciano Teixeira de Mello, Francisco Gomes, Felix Fernandes Pinto, João Candido da Silva Rego, Francisco Gomes de Sales, João Vicente Ferreira, João Dias da Annunciação, Manoel Ferreira Chaves, Francisco das Chagas Ribeiro, Manoel Gomes Wanderley Junior, Themoteo José da Luz, Vicente Rodrigues da Silva, Pacifico Norberto do Espirito Santo, Angelo Custodio do Monte, João Baptista de Mello, José da Penha dos Santos, João Manoel de Mattos, Antonio do Carmo e Souza Goiabeira, Alexandre José de Mello, Ignacio Corrêa de Amorim, Joaquim Gomes Pereira, Antonio Basilio Rodrigues Luna, Felippe Nery da Cunha, Santiago de Lagos, João Baptista de Mello, Manoel João do Nascimento, Francisco Manoel de Freitas, Severino José de Souza, João Agostinho Bezerra, José Romão de S., Joaquim José Soares, Mauricio José de Souza, Manoel Ferreira Leite, Ignacio Corrêa Gomes de Aguiar, Vicente Ferreira da Costa, José M., André Domingues da Silva, Sergio Goes da Silva, Gonçalo José das Neves, José Lourenço do Nascimento, Simplicio Gomes de Brito, João Romão da Silva, Manoel Geraldo da Silva, João de F., João Antonio, Luiz Ignacio Alves, Antonio José da Silva, Luiz Antonio de França, Antonio José dos Santos, Bento José d'Albuquerque, João Baptista de Albuquerque, Antonio José Tiburcio, Luiz Falcão de Souza, Manoel Theodozio da Cunha, João da Rocha Lira, Antonio Duarte Leite, Victorino Francisco de Salles, Francisco Antonio de Luna, Manoel José de Oliveira, Francisco Mendes das Chagas, João Francisco do Espirito Santo, Herculano Ferreira da Silva, José Corrêa de Amorim, Lourenço Fernandes Alves de Andrade, Ceciliano José Marques, H. Balbino G. Ferraz, Bernardo Paulo de Santa-Anna, José Antonio de Faria, Manoel Antonio de Faria, José Manoel de Lima, José Pedro Ferraz, Manoel d'Araujo e Albuquerque, João Pessoa de Mello, L. José Marcelino, Manoel Filippe de Souza, Antonio Pereira da Silva, João Soares da Silva, Pedro Soares da Silva, Manoel Francisco da Paixão, Manoel Francisco de Barros, Francisco G. de Barros, Francisco José Pereira, Francisco P. dos Santos, José Lourenço Paz, José Francisco Maciel, Joaquim Antonio de Lira, Antonio A. de Oliveira Lins, Angelo de Barros Corrêa, Antonio Pereira de Abreu, Manoel Ferreira da Silva, Manoel Antonio de Barros, Antonio José da Silva, Francisco Xavier da Costa Monteiro, José Felix, Severino José da Silva, Sebastião Antonio dos Prazeres, Leonardo Ribeiro de França, Lourenço Antonio d'Oliveira, José Rufino de Miranda, Joaquim José Pereira, Antonio Corrêa Lima, Antonio Gonçalves da Silva, José Francisco da S., Raimundo Eugenio Gomes da Silva, Estevão José Barbosa, João Evangelista da Silva, Francisco Xavier das Chagas, José Francisco de Barros, Pedro Gonçalves da Meira, Vicente Ferreira de Veras, João Francisco de Lima, Ricardo José do Nascimento, S. R. da Silva, João Amaro, Felix José de Souza, José Pereira, Antonio Nogueira, Martinho Nunes dos Santos, Antonio do Monte Lima, Antonio José do Espirito Santo, Manoel Joaquim da Boa Sorte, Estevão Rodrigues Lima, Manoel José do Nascimento, Pedro Pereira das Neves, Manoel Antonio do Nascimento, José da Silva C., Manoel Gomes da Silva, Manoel Joaquim dos Santos, Manoel Gomes dos Passos, Joaquim Alves de Mendonça, José Ferreira da Silva, José Ignacio dos Santos, Alberto Francisco de Aguiar, Manoel Lazaro de M., Manoel d'Oliveira Lins, Francisco José da Silva, Antão Ferreira de Araujo, Joaquim Jorge de Souza, Manoel Antonio de Lira, José André G., Lauriano José de Souza, Herculano de Barros Lima, Elias Alves do Monte, Francisco Ferreira de Souza, José Rufino da Silva, Francisco Felix de Souza, Francisco José da Silva, Manoel de Barros Passos, João Baptista da Silva, Lucio Ferreira da Silva, José Domingues de Albuquerque, Manoel Affonso Cavalcanti, Joaquim José de Araujo, José Gomes da Silva, João Francisco de Souza, Manoel Ferreira da Costa, Antonio Dias de Coutto, José Francisco de Barros, Antonio F. da Silva, João Antonio d'Oliveira, Joaquim Manoel da Costa Figueirôa, Francisco Felix de Lemos, José Victoriano Corrêa d'Amorim, João Filippe da Fonseca, Bernardino M. B., Alexandre Pantaleão da Cunha, Antonio José Cabral, João Eleuterio d'Oliveira, Agostinho Antonio dos Santos, Marianno José de Mello, Simão Corrêa, Francisco Corrêa de Amorim, Vicente Ferreira de Mello, Raimundo José Galdino, José Alexandre de Brito, Virgulino Antonio de Lima, Francisco José Moreira, Jacinto Pereira da Silva, Filippe Nery Pereira, Manoel Justino da Silveira, Joaquim José de Santa-Anna, Ignacio Teixeira de Farias, Antonio José de Souza D., Dionisio Gomes da Silva, Antonio José Vieira, Conrado Gomes da Silva, Manoel Rodrigues dos Santos, Antonio Romão do Nascimento.

COMMERCIO.

PRAÇA DO RECIFE 5 DE JULHO AS 3 HORAS DA TARDE.

Cotações officiaes.

Desconto de lettras de 30 dias—7 % ao anno.

ALFANDEGA.

Rendimento do dia 1 a 4	26:986$215
Idem do dia 5	10:078$164
	37:064$379

Descarregam hoje 6 de julho.

Barca ingleza—*Philo*—mercadorias.
Brigue americano—*William Prince*—farinha.
Polaca hespanhola—*Lince*—pedra.
Brigue brasileiro—*Recife*—fumo e toucinho.
Brigue brasileiro—*Maria*—generos do paiz,
Hiate brasileiro—*Exalação*—idem.

CONSULADO GERAL.

Rendimento do dia 1 a 4	3:850$717
Idem do dia 5	655$496
	4:506$213

DIVERSAS PROVINCIAS.

Rendimento do dia 1 a 4	343$739
Idem do dia 5	255$376
	599$115

RECEBEDORIA DE RENDAS INTERNAS GERAES DE PERNAMBUCO.

Rendimento do dia 5	929$910

CONSULADO PROVINCIAL.

Rendimento do dia 1 a 4	9:736$115
Idem do dia 5	2:643$160
	12:379$275

RENDIMENTO DA MESA DO CONSULADO PROVINCIAL DO ANNO FINANCEIRO DE 1853-1854.

Imposto de 3 por cento do assucar exportado.	220:752$610
Dito de 5 por cento dos mais generos.	80:719$431
Decima dos predios urbanos. . . .	107:287$730
Sello de heranças e legados.	22:954$499
Meia siza de escravos.	17:127$037
Escravos despachados.	30:200$000
Emolumentos de passaporte de policia.	82$800
Novos e velhos direitos.	2:497$050
Imposto de 3 por cento dos estabelecimentos de botica.	90$000
Dito dito de loja a retalho.	1:616$129
Dito dito de dita de cambio. . . .	42$180
Dito dito de dita de mobilia. . . .	113$940
Dito dito de armazem de carne. . . .	368$580
Dito dito de dito de madeira. . . .	22$800
Dito dito de dito de tijolos.	11$400
Dito dito de dito de assucar.	201$000
Dito dito de dito de sal.	18$240
Dito dito de dito de fazendas. . . .	54$000
Dito dito de dito de farinha.	43$560
Dito dito de dito de massames. . . .	4$500
Dito dito de dito de couros.	39$480
Dito dito de dito de recolher. . . .	136$560
Dito dito de tabernas.	1:059$132
Dito dito de botequim.	19$200
Dito dito de serrarias.	53$100
Dito dito de olarias.	124$980
Dito dito de typographias.	6$000
Dito dito de cocheiras.	84$600
Dito dito de cavalharice.	40$200
Dito dito de prenças de algodão. . .	30$000
Imposto de 3 por cento de fabricas. . .	501$186
Dito dito de jogo de bilhar.	6$000
Dito de 40$ rs. sobre casas de modas. .	40$000
Dito de 20 por cento do consumo de aguardente.	801$800
Matriculas das aulas de instrucção superior.	1:205$000
Imposto de 600$ rs. por casas de vender cautelas de bilhetes de loterias de outras provincias.	3:600$000
Capatazia de 320 por sacca de algodão.	8:169$240
Imposto de 12$800 rs. sobre fabricas de chapeos.	51$200
Dito dito de olarias.	38$400
Dito dito de serrarias.	38$400
Dito dito de boticas.	12$800
Dito dito de loja a retalho.	38$400
Dito dito de tabernas.	12$800
Dito dito de mobilia.	38$400
Dito dito de armazem de farinha. . .	12$800
Dito de 100$ rs. sobre casas de vender bilhetes de loterias de outras provincias.	400$000
Multas.	684$376
Juros.	36$148
Custas.	255$126
	501:780$114
Pertencente ao trimestre addicional ao anno financeiro de 1852 a 1853. .	36:963$749
Idem ao anno financeiro de 1853 a 1854.	464:816$364
	501:780$114

Mesa do consulado provincial 5 de julho de 1854.
O escripturario,
Luiz de Azevedo Souza.

MOVIMENTO DO PORTO.

Navios entrados no dia 5.

Rio de Janeiro—16 dias, hiate brasileiro *Angelica*, de 85 toneladas, mestre José Joaquim Alves da Silva, equipagem 8, carga farinha de trigo; a Theophilo Seve & Companhia.

Maceió—24 horas, brigue inglez *Rosalie*, de 228 toneladas, capitão Thomaz White, equipagem 12, carga assucar e algodão; a Deane Youle & Companhia. Veio receber ordens e segue para Liverpool.

EDITAES.

— O Illm. Sr. inspector da thesouraria provincial, em cumprimento do disposto do art. 34 da lei provincial n. 129, manda fazer publico para conhecimento dos credores hypothecarios e quaesquer interessados, que as propriedades abaixo declaradas, foram desapropriadas, e que os respectivos proprietarios tem de ser pagos do que se lhes deve por esta desapropriação, logo que terminar o prazo de 15 dias, contados da data deste, que he dado para as reclamações.

E para constar se mandou affixar o presente e publicar pelo *Diario*, por quinze dias successivos.

Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco 30 de junho de 1854. — O secretario,

Antonio Ferreira d'Annunciação.

Uma casa de taipa, sita na direcção do 21.º lanço da estrada da Victoria, pertencente a D. Rita de Cassia Pessoa de Mello, pela quantia de.	60$000
Um lanço de muro e uma parte do sitio no lugar do Piza, na cidade de Olinda, pertencente ao Dr. Antonio José Coelho, pela quantia de.	598$000

Conforme.— O secretario, *Antonio Ferreira da Annunciação.*

—A camara municipal desta cidade, usando da autorisação que lhe confere o art. 15 da lei n. 348, publicada neste jornal, n. 140 de 20 do corrente, marca o prazo de um mez, contado do primeiro ao ultimo de julho subsequente, para no decurso delle, serem pagos os impostos atrazados sobre estabelecimentos industriaes; findo o qual, e não realisada a cobrança, ficam os contribuintes sujeitos a uma multa igual ao duplo do valor do imposto, como dispõe o citado artigo.—E para que chegue ao conhecimento de quem competir se manda publicar o presente.— Paço da camara municipal do Recife em sessão de 28 de junho de 1854.—*Barão de Capibaribe*, presidente.—No impedimento do secretario. — O official-maior, *Manoel Ferreira Accioli.*

O Dr. Francisco de Assis Oliveira Maciel, juiz municipal da segunda vara e do commercio desta cidade do Recife, capital da provincia de Pernambuco, por S. M. I. e C. o Senhor D. Pedro II, que Deos guarde, etc.

Faço saber aos que a presente carta de edictos virem ou della noticia tiverem, em como Souza & Irmão me dirigiram a petição do theor seguinte:

Dizem Souza & Irmão negociantes desta praça, que querem fazer citar a Guimarães & Braga tambem negociantes, pela quantia de 266$240, importancia das duas lettras juntas, e pelo juro estipulado, afim de nos 10 dias que lhe ficarem assignados, a primeira do juizo depois da citação, pagar os supplicados, ou alegar e provar os embargos que tiverem, sôb pena de a sua revelia serem condemnados na referida importancia, juros e custas, e porque os supplicados estão ausentes sem saber onde, requerem os supplicantes justificada dita ausencia, que se faça a citação por editos: assim pedem a V. S. Sr. Dr. juiz municipal da segunda vara e do commercio deferimento. —E R. M.—*Candido Autran.*

Como requer. — Recife 12 de junho de 1854. — *Oliveira Maciel.*

Distribuição — *A Baptista.* —*Oliveira.*

Nada mais se continha em dita petição e meu despacho, em cumprimento do qual produzindo o supplicante as suas testemunhas e subindo os autos a minha conclusão nelles dei a sentença do theor seguinte:

Visto que se acha provado pela justificação a folhas, que Guimarães & Braga estão ausentes em lugar não sabido, passe carta de edictos com o termo de 30 dias e custas. Recife 27 de junho de 1854. — *Francisco de Assis Oliveira Maciel.*

Nada mais se continha em dita minha sentença, em cumprimento da qual o escrivão que esta subscreveu fez passar a presente carta de edictos com o prazo de 30 dias, pelo theor da qual chámo, cito e hei por citado aos supplicados Guimarães e Braga por todo o conteudo na petição supra transcripta, para que compareçam neste juizo dentro do referido prazo, por si ou por seu procurador bastante, afim de responderem aos termos da acção, e assignação de 10 dias que lhes vai ser proposta pelos supplicantes, cuja citação será accusada na primeira audiencia deste juizo, findo que seja o referido prazo, ahi se assignarão os 10 dias da lei: sob pena de revelia, pelo que toda e qualquer pessoa, amigos, parentes e conhecidos dos supplicados Guimarães & Braga lhes poderá fazer sciente ao que ácima fica exposto, e o porteiro do juizo affixará esta na praça do Commercio, e outro do mesmo theor na casa das audiencias; e se publicará pela imprensa.

Dado e passado nesta cidade do Recife, capital da provincia de Pernambuco aos 30 de junho de 1854. Eu Manoel Joaquim Baptista, escrivão interino subscrevi. —*Francisco de Assis Oliveira Maciel.*

DECLARAÇO'ES.

— A escuna *Titania* recebe a mala para o Pará hoje (6) ás 4 horas da tarde no Correio.

ADMINISTAÇÃO DO PATRIMONIO DOS ORPHÃOS.

Perante a administração do patrimonio dos orphãos se hade arrematar a quem por menos fizer, o fornecimento dos medicamentos para o collegio dos orphãos, pelo tempo que ha de decorrer do dia da arrematação até o fim de junho do proximo anno de 1855: as pessoas que se proposerem a fazer dito fornecimento, poderão comparecer na casa das sessões da mesma administração no dia 7 do presente mez as 12 horas da manhãa.—Secretaria da administração do patrimonio dos orphãos 1 de julho de 1855. —*Joaquim José da Fonseca*, secretario interino.

— Tendo-se desconfiança que a ponte do Recife venha a soffrer alguma cousa pelo seu estado de ruina, não dando neste caso o transito que pela mesma se faz, o Illm. Sr. capitão do porto manda fazer isto publico, e prevenir que, dado elle, achar-se-hão estabelecidas duas linhas de conducção por meio de embarcações miudas, uma no caes novo de Apollo para o lado opposto junto a secretaria da policia, e outra na escadinha da Alfandega para o caes do Collegio, que lhe fica em frente; e manda prevenir mais, que pela passagem de cada pessoa não se deverá dar mais de 40 rs., como se estipulou. Capitania do porto de Pernambuco 28 de junho de 1854.— O secreterio, *Alexandre Rodrigues dos Anjos.*

— Pela mesa do consulado provincial se faz sciente aos proprietarios dos predios das differentes freguezias, que os trinta dias uteis para o recebimento da decima do segundo semestre do anno financeiro de 1853 a 1854, se finalisam no dia 10 de julho corrente.

Administração do patrimonio dos orphãos,

Perante a administração do patrimonio dos orphãos se ha de arrematar, a quem mais der, as rendas da casa n. 29 do largo do Paraizo, pelo tempo que decorrer do dia da arrematação até o fim de junho do futuro anno de 1855: as pessoas que se propozerem a arrematar ditas rendas, poderão comparecer na casa das sessões da referida administração no dia 7 do proximo mez, ás 12 horas da manhãa.—Secretaria da administração do patrimonio dos orphãos 1 de julho de 1854. — *Joaquim José da Fonseca*, secretario interino.

— Pela administração dos estabelecimentos de caridade se faz publico que as arrematações dos predios do mesmo estabelecimento serão levados a effeito nos dias 5, 6 e 7 do corrente: os pretendentes apresentem-se com os seus fiadores. Sala das sessões 3 de julho de 1854. —O escrivão, *Antonio José Gomes do Correio.*

PUBLICAÇAO' LITTERARIA.

ESTA' NO PRELO.

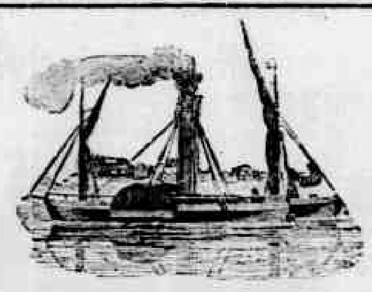
Elementos de direito internacional por Henry Wheaton, ex-ministro dos Estados-Unidos da America junto a côrte da Prussia, membro honorario da academia real das sciencias de Berlin, membro correspondente da academia das sciencias moraes e politicas no instituto de França, traduzido da segunda edição de 1852, por Euzebio José Antunes, segundo tenente da armada imperial, secretario e ajudante d'ordens do commandante da estação naval de Pernambuco, redactor do *Brasil Maritimo*, e traductor da segunda edição de 1853 das regras internacionaes e diplomacia do mar do capitão de fragata da marinha franceza Theodoro Ortolan. Recebem-se nesta typographia assignaturas para a importante publicação desta obra, a mais moderna e acreditada que se conhece. Ella constará de dous volumes brochados, e custará para os senhores assignantes 8$000 pagos na occasião que se assignar. Excellente papel e nitidez de impressão garante o traductor.

Publicação litteraria.

Instituições de Direito Civil Portuguez por M. A. Coelho da Rocha, lente da faculdade de direito da universidade de Coimbra, terceira e nitida edição, em 2 volumes em oitavo, adaptadas ao fôro do Brasil, com a legislação brasileira vigente, e algumas notas explicativas extrahidas das obras dos mais eximios Jctos para melhor illustração das doutrinas ensinadas nesse excellente compendio, por Antonio de Vasconcellos Menezes de Drummond, bacharel formado em sciencias juridicas e sociaes pela academia de Olinda, advogado nos auditorios do Recife. Para a publicação dessa obra tão interessante e indispensavel a todos os senhores juizes, advogados e mais pessoas, que se dedicam a mesma profissão, ou precisam possuir uma minuciosa e methodica compilação do Direito Civil Patrio, tendente a adquirir o pleno conhecimento dos seus direitos e obrigações; subscreve-se em Pernambuco, na praça da Independencia, loja n. 6 e 8; no pateo do Collegio, casa n. 28, lojas n. 6 e 20, e na rua do Hospicio n. 9. O preço da assignatura será de 16$000, pagos no acto de se entregar cada exemplar, a qual encerrar-se-há no dia da publicação da obra, e desde então vender-se-ha. Apenas haja numero de assignaturas sufficiente para satisfazer as avultadas despezas da impressão, ira a obra para o prelo.

MUTILADO

ILEGÍVEL



COMPANHIA DE LIVERPOOL

SUL AMERICANA DE NAVEGAÇAO' GERAL A VAPOR.

Bahiana	1,700	toneladas	capitão	D. Green.	
Brasileira	1,100	»	»	H. T. Cox.	
Lusitania	1,100	»	»	J. Brown.	
Imperador	1,800	»			Vapores novos, ajustados para ficarem promptos em agosto e setembro.
Imperatriz	1,800	»			

Os vapores desta companhia partirão de Liverpool (até novo aviso) na carreira de ida no dia 1.º de cada mez, e devem chegar em Pernambuco no dia 20 do mez, seguindo depois de algumas horas para a Bahia, Rio de Janeiro, e o Rio da Prata.

Na carreira de volta partirão do Rio de Janeiro no dia 6 do mez para a Bahia, Pernambuco, (aonde chegarão no dia 12), S. Vicente, Madeira, Lisboa e Liverpool.

Os vapores tem lugar para passageiros de todas as classes a preços muito commodos, e os bilhetes de ida e volta teem um abatimento de 25 por cento, e valem para 12 mezes.

Recebem aqui ouro, prata e miudezas para todos os portos de escala.

Como se tem publicado que alguns dos vapores da companhia se tiravam da carreira para serviço do governo inglez, publica-se a seguinte resolução tomada pela direcção no dia 26 de maio: — *Os vapores Lusitania e Brasileira não serão vendidos senão com a condição de serem sómente entregues quando o Imperador e o Imperatriz estiverem promptos para completarem a carreira com vapores maiores, em conjuncção com o Bahiana.*

As malas, os passageiros e a carga destinados para o Rio da Prata proseguirão ao Rio de Janeiro pelo vapor *La Plata*, o qual depois de tocar em Montevidéo seguirá até Buenos-Ayres. O *La Plata* partirá de Buenos-Ayres de volta no dia 19, e de Montevidéo no dia 21 do mez. Para fretes, passageiros e outros estabelecimentos se deve dirigir ás agencias da companhia. Recife 21 de junho de 1854.—Os agentes da companhia, *Deane Youle & Companhia.*

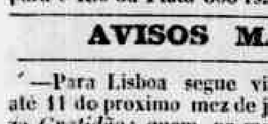
N. B. As cartas para qualquer porto estrangeiro recebem-se na agencia; as para os portos do imperio sómente no correio.

Recommenda-se ás pessoas que trouxerem cartas singelas, sejam acompanhadas logo com seu devido porte para evitar demoras, como constantemente está acontecendo, sendo o porte para a Europa 400 rs., e para o Rio da Prata 500 rs.

AVISOS MARITIMOS.

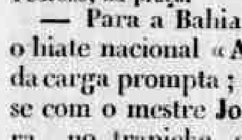
—Para Lisboa segue viagem impreterivelmente até 11 do proximo mez de julho, a barca portugueza *Gratidão*: quem na mesma quizer carregar ou ir de passagem, para o que tem superiores commodos, entenda-se com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho na rua do Vigario n. 19 primeiro andar, ou com o capitão Antonio Alves Pedrozo, na praça.

— Para a Bahia segue com brevidade o hiate nacional «Amelia» por ter parte da carga prompta; para o restante, trata-se com o mestre Joaquim José da Silveira, no trapiche do algodão, ou com Novaes & Companhia, na rua do Trapiche n. 54, primeiro andar.



O vapor brasileiro *Imperador*, commandante o capitão-tenente Gervasio Mancebo, espera-se dos portos do norte até 8 do corrente, e sahirá para os do sul no dia seguinte ao da sua chegada: agencia na rua do Trapiche n. 40, segundo andar.

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO A VAPOR LUZO-BRASILEIRA.



Os Srs. accionistas desta companhia, são convidados a realisar a quarta prestação de suas acções com a maior brevidade, para ser remettida à direcção na cidade do Porto, dirigindo-se ao baixo assignado na rua do Trapiche n. 26.—*Manoel Duarte Rodrigues.*

— Para o Rio Grande do Sul sabe na presente semana o brigue nacional «Magano», tem bons commodos para passageiros: quem nelle quizer ir de passagem entenda-se com o capitão a bordo, ou com os consignatarios Novaes & C., na rua do Trapiche n. 54.

— Para o Rio Grande do Sul, segue com a possivel brevidade o patacho nacional *Euterpe*, por ter parte de sua carga prompta, recebe o restante a frete: para tratar na rua do Apollo n. 14.

— Para o Aracaty segue viagem por estes dias, o hiate *Exalação*, por ter parte da carga prompta, para o resto da mesma, e passageiros: trata-se na rua da Madre de Deos n. 36.

RIO DE JANEIRO.

O brigue escuna nacional «Maria», segue com brevidade; para carga, trata-se com Machado & Pinheiro, na rua do Vigario n. 19, segundo andar, ou com o capitão na praça.

LEILO'ES.

— O Dr. Vicente Pereira do Rego fará leilão por intervenção do agente Victor, de todos os livros que foram do finado Dr. José Francisco de Paiva, quinta-feira, 6 do corrente, as 10 1/2 horas da manhãa, na rua do Collegio n. 8, primeiro andar.

— Quinta-feira, 6 do corrente, o agente Borja, fará leilão em seu armazem, rua do Collegio n. 14, as 10 1/2 horas da manhãa, de um completo sortimento de obras de marcineria, novas e usadas, diversas obras de ouro e prata, um rico alfinete de peito, gravado de brilhantes, dous botões de abertura tambem de brilhante, varias quinquilharias, e outros muitos objectos, que no dia do leilão estarão patentes.

AVISOS DIVERSOS.

— Joaquim Pinto, morador nesta cidade, e negociante de carne verde, faz ver ao respeitavel publico, que vende carne verde a 2$560 até o fim do corrente mez, e do meio dia para a tarde vende por menos como costuma.

— Todos os portuguezes que assignaram a representação, tem sua honra e credito empenhados em saber de que maneira foram classificados pelo conselho dos Dez. A rua Nova deu o exemplo, cumpre que seja seguida.—*Quebracante.*

— Pergunta-se ao Sr. Mathias de Azevedo Villarouca, se o estado de ceguez tira os sentimentos de ter nascido em Portugal, assim come de ser logista, e como tal commerciante, para não ser por esse senhor e o conselho dos Dez, separado e classificado ☞ um cégo!!—como que se fosse um mendigo!!!

— Aluga-se a loja do aterro da Boa-Vista n. 17, com bastante commodo: a tratar com Frederico Chaves, no mesmo sobrado.

— O vigia da policia tem perfeita satisfação de advertir ao Sr. Mathias de Azevedo Villarouco, secretario do conselho dos Dez (sem ser de Veneza) que quando se he rogado a declarar com o cunho da verdade qualquer acto por sua mercê praticado, não he mister exigir o nome de seu enterpelante, cumprindo, portanto dizer-lhe, que no prazo de 48 horas se digne responder à exigencia do vigilante; e isto feito com todo o compasso do decôro, e caso queira incorrer na falta desta obrigação terá por certo de queixar-se ao vigario da freguezia para lhe dar o remedio.—*O vigia da policia.*

— Desappareceu no dia 2 do corrente, pelas 8 horas da noite, a escrava parda acaboclada, de nome Mathilde, feia de cara, representa ter 30 annos de idade, desdentada, umbigo grande; levou saia de chita rôxa desbotada: quem a apprehender ou della tiver noticia, dirija-se à rua Imperial n. 31, que será generosamente recompensado; assim como que se protesta com todo origor da lei contra quem maliciosamente a tiver occulta.

— Manoel da Silva, subdito portuguez, por haver outro de igual nome, declara assignar-se d'ora em diante por Manoel José da Silva.

— Quem precisar de um caixeiro portuguez para taberna, do que tem muita pratica, e mesmo para tomar por balanço, dirija-se à rua do Rangel n. 36, que achará o mesmo para tratar.

— Sendo voz publica, que Belizario Adolpho Pereira dos Santos, Francisco Antonio Pereira dos Santos, José Nicoláo Pereira dos Santos, e mais filhos e herdeiros dos fallecidos Francisco Antonio Pereira dos Santos e sua mulher, em virtude do formal de partilhas a que procederam pelo juizo da comarca do Rio-Formoso, querem vender as partes que lhes tocaram dos engenhos Tentugal e Tanque ou Serra d'agua, e mais bens, previne o abaixo assignado a todas as pessoas que os queiram comprar, que os ditos engenhos acham-se hypothecados a João Firmino da Costa Barradas, e hoje seus herdeiros, e a outros negociantes desta praça, pelo valor da compra, e que existem acções intentadas no juizo do Rio-Formoso para serem pagas pelos ditos bens, sendo a do abaixo assignado pela quantia de 12:200$000 proveniente de dinheiro para o costeio dos engenhos; e nesta qualidade de credor protesta desde ja annullar qualquer venda pelos ditos herdeiros feita, valendo-se para esse fim das leis vigentes; e mesmo porque nas ditas partilhas não foram os credores contemplados por suas quantias. Recife 28 de junho de 1854.

Antonio Gomes Villar.

— O bacharel formado A. R. de Torres Bandeira, professor adjuncto de rhetorica e geographia, no lyceu desta provincia, propõe-se a dar lições destas mesmas disciplinas, na casa de sua residencia, na rua estreita do Rosario n. 41, segundo andar, onde poderá ser procurado para este fim, das 2 horas até as 6 1/2 da tarde.

— Perdeu-se na noite do dia 4 do corrente, da praça da Boa-Vista até o Manguinho, um capote de panno fino azul forrado de ganga encarnada, e com a gola de orêlo preto: a pessoa que o achou, queira fazer o favor entrega-lo na rua da Palma, em casa do bacharel Joaquim Ferreira Chaves, que será recompensado.

— Precisa-se de um feitor para trabalhar em um pequeno sitio, na Capunga: a fallar na rua Nova n. 51.

— Na rua Nova n. 51, ensina-se rhetorica e geographia.

— O abaixo assignado declara pelo presente, que he procurador bastante do Sr. Joaquim Soares Raposo da Camara, e como tal previne ao publico, que ninguem contrate com o Sr. alferes Ignacio Soares Raposo da Camara e nem com seus procuradores, venda ou arrendamento do vinculo, sito na ilha de S. Miguel, deixado ao dito Sr. Joaquim Soares Raposo da Camara, por seu fallecido pai Luiz Soares Raposo da Camara, visto dito vinculo se achar arrendado pelo abaixo assignado, como procurador bastante tambem do fallecido Luiz Soares Raposo da Camara, e ratificado pelo novo morgado o Sr. Joaquim Soares Raposo da Camara, e por tempo de 6 annos, em nome do qual novo morgado, protesta o abaixo assignado contra qualquer negocio que se faça com dito vinculo, pena de perderem o seu dinheiro, porque ainda está vigorando em Portugal a lei dos vinculos, em virtude da qual o meu constituinte está de posse do dito vinculo; e para que se não commettam abusos para o futuro, se publica o presente.—*José Dias da Silva.*

THEATRO D'APOLLO.

A commissão administrativa da companhia de accionistas convida pela segunda vez a todos estes senhores para a reunião ordinaria da assembléa geral que deve ter lugar no domingo 9 do corrente mez de julho ás 10 horas da manhãa, como he determinado na ultima parte do artigo 17 dos estatutos da mesma companhia, afim de se dar cumprimento ao disposto nos §§ do referido artigo.

—Pergunta-se ao Sr. Fortunato Cardoso de Gouvêa porque razão tendo elle uma taberna e uma loja de fazer pavios se intitulou commerciante, para classificar outros da mesma occupação em taberneiros? Se o que tem o estabelecimento, ou loja de pezo he taberneiro, devia não classificar-se o Sr. Gouvêa em commerciante porque tem o mesmo modo de vida, salvo se suppõe que os pavios o elevam a nobre cathegoria á que se arrogou. Virá a nobreza dos pavios?

— Precisa-se alugar uma preta que seja boa vendedora, ainda mesmo não tendo habilidades; paga-se bem: na rua do Padre Floriano n. 27.

— Antonio Lopes da Silva Campos, subdito portuguez, retira-se para fóra desta provincia.

— Os abaixo assignados portuguezes, moradores na rua Nova, rogam ao Sr. Mathias de Azevedo Villarouco e mais membros do conselho dos dez, queiram declarar, se elles estão comprehendidos no numero dos réos de policia, alienados, fallidos fingidos, ou cujos nomes são dos apocryphos ou insignificantes, de que trataram no exame a que procederam nas assignaturas da representação que a S. M. el-rei regente, dirigiram os portuguezes aqui residentes, ou então se dignem declarar os nomes dos que assim classificaram, para tranquillidade de muitos.—Francisco Ignacio Tinoco de Souza—Francisco Ribeiro Pinto Guimarães—José B. Gonçalves Vieira — Ventura Pereira Penna—Joaquim da Costa Maia— José Joaquim Alves —José Maria da Costa Carvalho — João Fernandes Parente Vianna—Antonio Domingos Pinto — Manoel Moreira da Costa—Sebastião José da Silva— Manoel Joaquim Alves Pitomba.

— Os abaixo assignados caixeiros na rua Nova perguntam aos senhores do conselho dos Dez, quaes são os treze de menor idade réos de policia, vadios ou insignificantes, como suas illustres senhorias mandaram declarar para S. M. el-rei regente contra os que assignaram a representação contra o Sr. consul e seu chanceler, e como os mesmos tenham assignado desejam saber se se entende com elles. —Albino José Gomes. — João José Ribeiro Guimarães. —José Gomes da Silva.—José Lopes da Silva Guimarães.—Antonio Duarte Carneiro Junior. — Victorino Martins Fernandes.—Francisco Marques Guerra.—João Ribeiro Castro.

LOTERIA DO RIO DE JANEIRO.

Acham-se a venda os bilhetes e meios bilhetes originaes da loteria nona, das obras publicas de Nictheroy. O pagamento dos premios sera' effectuado logo que se fizer a distribuição das listas que se esperam até 12 do corrente.

— Pergunta-se a Mathias de Azevedo Villarouco, se só he commerciante quem vende panno ao arsenal de guerra?—*D. & I.*

— O abaixo assignado faz sciente ao corpo do commercio, que tem autorisado a receber todas as suas dividas ao seu ex-socio Dionizio Vellozo de Macedo.— *José Joaquim Lima Bairão.*

— Pergunta-se ao Exm. Sr. commendador.... secretario do conselho dos Dez inquisidores da honra alheia, quem são os réos de policia e fallidos, a excepção de sua eminencia incomprehensivel.

O menino do trem.

— Precisa-se de uma ama para todo o serviço de uma casa de tres pessoas de familia em Fora de Portas: na rua de Guararapes por cima da padaria, primeiro andar.

— Perdeu-se uma letra, cujo theor he o seguinte; —Recife de Pernambuco 3 de julho de 1854.—Rs. 1:000$000. — A 12 mezes precisos da data desta minha unica letra pagará Vmc. a mim ou a minha ordem, em moeda legal, a quantia de 1:000$, valor recebido em igual especie e no vencimento fará prompto pagamento nesta praça, ou onde lhe for esta apresentada, e no caso de demora pagará o juro de um e meio por cento ao mez, pelo tempo que me aprouver esperar.— Ao Sr. Manoel Antonio Pereira Ramos.—José Maria de Mello Zumbão. — Antonio Lins Caldas.

— D. Anna Joaquina de Jesus Queiroz Guedes, viuva de Noberto Joaquim José Guedes, faz sciente que tem autorisado ao Sr. José Malaquias Leal, para receber e passar recibo aos devedores de seu casal.

— O Sr. que deixou um chapéo da sol na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia, queira mandar buscar.

— O Sr. Antonio José de Faria Machado podera' vender os bilhetes e meios bilhetes das loterias do Rio de Janeiro, cuja venda lhe foi por este juizo prohibida até segunda ordem, visto que o artigo 60 paragrapho 16 da lei provincial n 346 de 16 de maio do corrente anno, assim como o paragrapho 1.º da portaria do Exm. presidente da provincia, publicada hoje, não dizem respeito senão as cautelas e bilhetes originaes de que forem deduzidas. Subdelegacia da freguezia de Santo Antonio do Recife 4 de julho de 1854.

Manoel Filippe da Fonseca.

— O abaixo assignado, sumamente penhorado pelos obsequios que recebeu da Illma. Sra. Eufrasia Maria da Conceição Alves dos Santos, durante todo o tempo que elle residio nesta cidade, faltaria a um dever sagrado, se não manifestasse publicamente á Sra. Eufrasia Maria os seus cordiaes protestos de estima e profunda gratidão. Assim, em qualquer parte em que se achar o abaixo assignado sempre estará prompto para dar a Sra. Eufrasia Maria uma prova do seu reconhecimento.

Joaquim Octaviano da Silva.

— Desappareceu de bordo do brigue *Santa Barbara*, no dia 1. do corrente, o preto, crioulo, de nome Luiz, representa ter 30 annos de idade, pouco mais ou menos, côr fula, baixo, nariz chato, tem algumas marcas de bexigas; levou camisa azul, calça branca e bonete de côr, o qual he natural das Alagoas: roga-se portanto a todas as autoridades policiaes e capitães de campo a sua apprehensão, e leva-lo á rua da Cruz do Recife n. 3, escriptorio de Amorim Irmãos, ou a bordo do dito brigue, que será generosamente recompensado.

— Traspâssa-se o arrendamento de um grande sitio perto desta praça, que accommoda annualmente 16 vaccas de leite, com a condição de quem o pretender, comprar as vaccas e crias que nelle existir: na rua do Queimado, loja n. 31.

— O bacharel formado A. R. de Torres Bandeira continúa a advogar, e tem o seu escriptorio na rua estreita do Rosario n. 41, segundo andar, onde poderá ser procurado das 8 horas da manhãa até a 1 da tarde.

— A 30 do mez de junho proximo passado, desappareceu uma negra de nação Cabunda, de nome Isabel, com os seguintes signaes: corpo secco, cara com marcas de bexigas, saia de algodão azul, panno da Costa, e um taboleiro com miudezas: quem a pegar, leve-a á rua estreita do Rosario, casa n. 35, que será recompensado.

— A 18 do mez de junho proximo passado, desappareceu um escravo de nação Costa, de nome Luiz; quando anda pucha pela perna direita por ter o pé enchado; quem o pegar, leve-o a rua do Livramento, loja de louça, ou á rua estreita do Rosario n. 35, que será recompensado.

— O Dr. juiz municipal da primeira vara dá audiencia nas quinta-feiras as 10 horas da manhãa.

— O abaixo assignado segue para Lisboa a tratar de sua saude, levando em sua companhia seu filho menor de nome José.—*João José de Farias.*

Officiaes de funileiro.

Na rua da Cadeia do Recife loja n. 61, precisa-se de officiaes de funileiro.

— No dia 29 de junho desappareceu da ponte Velha 2 cavallos, estando estes pastorando com outro, por descuido da pessoa que os estava pastorando, suppõe-se não estarem os ditos animaes furtados, per consequencia roga-se a pessoa que os tiver achado ou encontrado pega-los e dirigir-se ao aterro da Boa-Vista numero 61, que será bem recompensado; signaes dos ditos animaes: ambos grandes, cauda e clina comprida, vindos do sertão, sendo um russo pedrez, cardão, com um dos quatro cascos rachado, outro castanho escuro, calçado dos tres pés, e estão bastante ferido no lombo por causa da cangalha, o castanho mais do que o russo, e ambos estão descarnados.

— Os abaixo assignados, fazem sciente a quem interessar possa, que a sociedade que tinham na fabrica de espiritos na rua Direita n. 17, está amigavelmente dissolvida pelo ex-socio Macedo se retirar para a Europa, ficando todo o activo pertencendo ao ex-socio Bairão, os mesmos nada devem, mas quem se julgar credor apresente suas contas para serem immediatamente pagas.—*José Joaquim Lima Bairão.—Dionizio Vellozo de Macedo.*

— Precisa-se de uma ama para casa de pouca familia, para cozinhar, engommar e fazer o mais serviço de casa, mas que seja de meia idade: na rua da Roda n. 52.

— Manoel José de Sá Araujo retira-se para fóra desta provincia, e pelo presente pede a quem se julgar seu credor apresente sua conta para ser paga, isto no prazo de 8 dias, na rua da Cruz do Recife n. 33.

Sociedade creadora.

Hoje principia esta sociedade, a fornecer de suas soltas de gado, carne para consumo dos habitantes desta cidade: por emquanto será vendida nos açougues da rua do Rangel, casas ns. 25, 49, 51 e 60, e na rua das Cruzes n. 33, e logo que possa obter maior numero de casas, ou dos talhos que está de posse o extincto contrato, metamorfoseado com o nome de *Sociedade Pernambucana*, annunciará para conhecimento do publico. Esta sociedade está abelitada, seja qualquer a estação que se apresente á fornecer regularmente parte do mercado deste importante genero, pelas soltas de gado que tem nas provincias do Rio Grande do Norte, e Parahyba; espera portanto a coadjuvação para bem de todos. O preço he o actual.

— Quem precisar de uma boa ama de leite, dirija-se á rua larga do Rosario, n. 32.

— Acha-se nas Cinco Pontas, casa n. 45, uma carta para a Sr.ª D. Marianna Alves de Lima, que foi tirada por engano: quem for seu dono venha recebe-la no prazo de tres dias.

— No dia 3 do corrente sahindo a vender, não voltou para casa a preta Benedita com os signaes seguintes: altura e corpo regulares, com o pé e perna esquerda enchados, alguns dentes podres na frente, bem falante, levando vestido de chita cor de ganga afogado, e panno da costa já usado: quem a pegar ou della tiver noticia, dirija-se á rua Nova n. 4 ou á rua da Santa Cruz n. 36.

— Uma pessoa que sabe ler, escrever e contar soffrivelmente, e tem alguma pratica de justiça, por quanto tem nella servido 12 annos, e tem 35 annos de idade, se offerece para qualquer emprego fóra desta capital, ou mesmo para caixeiro de qualquer engenho, visto poder nelles servir, e poder dar principios de primeiras lettras a qualquer pessoa do interior (sendo engenho): quem precisar annuncie ou dirija-se á rua da Assumpção na loja do sobrado n. 36.

— Os abaixo assignados, tendo de retirarem-se para Portugal, deixam os seus estabelecimentos em gyro, e como seus procuradores, em primeiro lugar Francisco da Costa Amaral, em segundo José Joaquim Dias Fernandes, e em terceiro Matheus Austin & C.—*João Antonio Carpinteiro da Silva & C.*

Trastes para vender.

Na rua Bella n. 28, ha para vender uma cama franceza, uma commoda, um guarda-roupa, e cadeiras, sendo tudo de amarello e de pessoa que se retira desta provincia.

—Luiz Carlos Amoedo com sua senhora, retira-se para o Rio de Janeiro.

— João Fortunato dos Santos Porto declara que deixou de vender bilhetes e cautelas das loterias do Rio de Janeiro, deste 30 de junho proximo passado

— O abaixo assignado faz pelo presente ver a seus credores, que paga suas contas vencidas e por vencer até o dia 15 do corrente mez: na rua da Praia n. 16.—*Antonio Manoel da Silva Maia.*

— No becco do theatro velho, por cima do botequim do Sr. Paiva, segundo andar, precisa-se de uma ama forra ou captiva, que tenha muito bom leite, para se encarregar da criação de um menino que anda em 2 mezes de idade: quem estiver nestas circumstancias, póde dirigir-se à mesma casa para se tratar do ajuste.

—O abaixo assignado, não podendo por falta de saude dedicar-se a outros negocios mais, além da restilação e deposito de espirito e aguardente, estabelecido na praia de S. Rita já ha 13 annos, o qual continua a girar por sua conta, espera que seus amigos e affeiçoados continuarão a honrar o dito estabelecimento com a mesma confiança que até agora lhe prestaram, certos de que serão sempre servidos com a mesma pontualidade e boa fé que tem experimentado, e previne-os ao mesmo tempo de que vai esforçar-se por levar este estabelecimento a ponto não só de satisfazer de prompto encommendas de grandes partidas dos sobreditos generos, como carregamentos inteiros, o que certamente não deixará de ser muito conveniente aos senhores negociantes que tiverem de effectuar negocios sobre taes artigos, em vista das difficuldades que actualmente sentem para conseguir um carregamento desta especie: quem tiver de entender-se sob qualquer negocio com o abaixo assignado, não querendo chegar a Praia de S. Rita, pode deixar por escripto o que pretende na travessa da Madre de Deos n. 7.—*Joaquim Lucio Monteiro da Franca.*

THESOURO HOMEOPATHICO OU VADE-MECUM DO HOMEOPATHA PELO DR. S. O.^E LUDGERO PINHO.

Rua de S. Francisco (mundo novo) n. 68 A.

FRAGMENTO DEUMA CARTA.

Foi assas acolhido e saboreado aqui o—Thesouro Homeopathico—; os curiosos não podem deixar de render a V. S. muitos agradecimentos pela publicação de tão importante obra, a melhor sem duvida nenhuma, das que tem apparecido, etc. etc. etc.

Engenho Guerra 1. de junho de 1854.

José Antonio Pires Falcão.

DENTISTA FRANCEZ.

Paulo Gaignoux, estabelecido na rua larga do Rosario n. 36, segundo andar, colloca dentes com gengivas artificiaes, e dentadura completa, ou parte della, com a pressão do ar.

Tambem tem para vender agua dentifrice do Dr. Pierre, e pó para dentes. Rua larga do Rosario n. 36 segundo andar.

— Offerece-se uma ama para casa de pouca familia: no becco do Luiz Gomes junto do Cunha.

ATTENÇAO'.

Luiz Cantarelli, tendo de se demorar por algum tempo nesta provincia, participa ao respeitavel publico, que continúa a dar lições de dança em sua casa rua da Cadêa de Santo Antonio n. 10, todos os dias das 7 até às 9 da noite. E tambem se presta a darlições em casas particulares e collegios, em horas combinadas, e ensina as seguintes dansas: contradansa franceza, valsa franceza, dita tedesca, dita russa, polka, dita sancalaltal, dita masurka, rodova, gavota, cachucha, solo Inglez, tarantella, cuttaüs, galope.

— J. A. M. A. comprou meio bilhete n. 1179 da loteria da matriz, que está para correr no dia 14 do corrente, por conta do Sr. Luiz José de Brito, de Maceió.

— Aluga-se uma escrava que saiba cozinhar e engommar: na rua da Assumpção, sobrado n. 36, primeiro andar, confronte ao muro do quintal da Penha.

PIANOS.

Paton Nash & C. acabam de receber de Londres dous elegantes pianos, feitio vertical, de jacarandá, iguaes em qualidade e vozes aos dos bem conhecido autores Collard & Collard, rua do Trapiche Novo n. 10.

—Roga-se a pessoa que apanhou um papagaio que voou no dia 2 do corrente mez, da casa n. 12, primeiro andar, da rua do Aragão, o qual tem em um pe dous dedos roidos e sem unhas, e no outro uma unha bastante crescida, se digne leva-lo á mencionada casa, que será generosamente gratificada.

— João Antonio Carpinteiro da Silva & C., roga aos seus credores que hajão de lhe apresentar suas contas até ao dia 8 do corrente para serem pagas, por ter de se retirar para Portugal.

— José Joaquim Pereira de Mendonça faz sciente ao Illm. Sr. administrador do consulado provincial, que deixou de vender bilhetes e cautelas das loterias do Rio desde 30 de junho proximo passado.

— Aluga-se um moleque para todo serviço de dentro de casa e de rua, he muito fiel e bem comportado, serve para tudo, menos para vender, por que não querer este serviço: quem o pretender, dirija-se á travessa da Trempe n. 9.

— O Sr. Manoel Ignacio de Oliveira, filho do Sr. Ignacio José Martins, do Rio Grande do Norte, tem uma carta na praça do Corpo Santo n. 6, escriptorio; roga-se ao mesmo Sr., de ir buscar pessoalmente.

— João Antonio Carpinteiro da Silva, tendo de se retirar para Portugal, deixa os seus estabelecimentos em gyro e como seus procuradores em primeiro lugar Francisco da Costa Amaral, segundo José Joaquim Dias Fernandes, terceiro Matheus Austin & C.

—A firma commercial de Franca & Irmão cessou de girar nesta data, e passa a ser liquidada pelo abaixo assignado; queiram portanto os credores de dita firma apresentarem suas contas para serem conferidas e pagas oportunamente: roga-se por conseguinte aos devedores hajam de realisar seus debitos com a possivel brevidade, e isto podem fazer ao ex-caixeiro, o Sr. Francisco Xavier da Fonseca Coutinho, que ainda fica encarregado destas cobranças.—Recife 1 de julho de 1854.—*Joaquim Lucio Monteiro da Franca.*

— Offerece um rapaz para criado: quem pretender dirija-se a rua do Cano n. 3.

— José Maria Sampaio, retira-se para Portugal, e nada deve nesta praça, porém se alguem se julgar seu credor apresente sua conta até o dia 8 do corrente.

Antonio Agripino Xavier de Brito Dr. em medicina pela faculdade medica da Bahia, reside na rua Nova n. 67, primeiro andar, onde pode ser procurado a qualquer hora para o exercicio de sua profissão.

— O Sr. José Antonio da Cunha, tem carta na livraria n. 6 e 8, da praça da Independencia.

— O abaixo assignado por si e por parte de seus irmãos Honorio Telles Furtado e João Telles Furtado, moradores todos nesta comarca de Garanhuns, previnem pelo presente ao publico desta provincia e limitrophes, para que de nenhuma fórma negociem com a madrasta dos mesmos, a Sra. Maria de Sant'Anna Leite Furtado, a respeito do dominio de uma escrava parda, de nome Sabina, que se acha em poder da dita senhora, no valor de cuja escrava tem os annunciantes suas cotas-partes, que em inventario por fallecimento do pai commum, lhes coube; e para evitarem qualquer fraude ou pretexto de ignorancia, fazem o presente. Villa de Garanhuns 9 de junho de 1854.—*José Telles Furtado.*

— O Sr. Antonio Soares da Cunha Nobre venha no aterro da Boa-Vista n. 18, a negocio de seu interesse, ou annuncie sua morada.

Duarte Borges da Silva.

—. O thesoureiro Francisco Antonio de Oliveira avisa ao respeitavel publico, que a loteria da matriz da Boa-Vista corre impreterivelmente no dia 14 de julho seja qual fôr a quantidade de bilhetes que ficarem por vender, e os respectivos bilhetes estão a venda nos lugares d costume.

PASSAPORTE PARA PAIZES ESTRANGEIROS.

Na rua da Cadeia do Recife n. 3, primeiro andar, tiram-se passaportes para os estrangeiros que quizerem viajar dentro e fóra do imperio: promette-se promptidão e commodidade de preço.

O Dr. João Honorio Bezerra de Menezes, formado em medicina pela faculdade da Bahia, offerece seus prestimos ao respeitavel publico desta capital, podendo ser procurado a qualquer hora em sua casa rua Nova n. 19, segundo andar: o mesmo se presta a curar gratuitamente aos pobres.

J. J. PACHECO.

NEW AND ELEGANT DAGUERREAN GALLERY.

Pictures taken at this Establishment Warranted to give satisfaction, n. 4, aterro da Boa-Vista, terceiro floor, chrystalotypo. Galleria enriquecida de magnificos quadros dourados e de alabastro, primorosas caixas e lindas cassoletas, alfinetes e anneis. Tiram-se retratos quer esteja o tempo claro ou escuro. O respeitavel publico he convidado a visitar o estabelecimento, embora não queira retratar-se: aterro da Boa-Vista n. 4, terceiro andar.

— O bacharel formado em mathematicas, Bernardo Pereira do Carmo Junior, ensina arithmetica, algebra e geometria, das 4 ás 5 e meia horas da tarde: na rua Nova sobrado n. 56.

— D. W. Baynon cirurgião dentista americano reside na rua do Trapiche Novo n. 12.

— Necessita-se de uma escrava ou escravo, que seja bom cozinheiro, e que entenda de tudo pertencente a cozinha: no consulado americano n. 4, rua do Trapiche, ou no armazem de Davis & Companhia, rua da Cruz n. 9.

— Aluga-se uma casa terrea, com bastantes commodos, sita na rua da União na Boa-Vista: a tratar na rua da Aurora n. 26, primeiro andar.

— Aluga-se uma preta que sabe cozinhar, engommar, coser bem e tratar de uma casa: na rua da Praia defronte da ribeira sobrado de um andar n. 1.

— Precisa-se de um criado e uma criada de meia idade: no aterro da Boa-Vista, loja n. 18.

— O francez Justin Norat, retira-se para os portos do norte do imperio.

— Faz-se todo o negocio com o traspasso de uma loja, propria para qualquer estabelecimento, por ser em uma das principaes ruas de commercio desta cidade: quem pretender, entenda-se com A. Colombiez na rua Nova n. 2.

— Aluga-se um escravo official de sapateiro, que cozinha o diario de uma casa, e he um excellente criado: nesta typographia se dirá.

J. Jane dentista, continúa rezidir na rua Nova, primeiro andar n. 19.

O Dr. Sabino Olegario Ludgero Pinho mudou-se para o palacete da rua de S. Francisco ('mundo novo) n. 68 A.

— Convida-se pelo presente a João Ferreira Leite, que se presume estár actualmente em Cariri-Velho, provincia da Parahiba, filho do velho Pedro Ferreira Leite, herões bem conhecidos na comarca de Bonito desta provincia, para que venha quanto antes satisfazer a quantia de rs. 200$000, constante de uma lettra que aceitou no dia 7 de abril do corrente anno, nesta comarca de Garanhuns, a prazo de 23 dias, em favor de quem elle bem sabe: se o não fizer com brevidade se fará publico todo esse negocio, que he sobremodo desairoso ao dito Leite.

— Precisa-se de uma escrava para o serviço de uma casa de pouca familia: na rua do Hospicio 3ª casa nova á direita depois de passar o quartel.

— Na rua de Hortas n. 142, primeiro andar, precisa-se de uma preta escrava para o serviço de de opuca familia.

BAZAR PERNAMBUCANO.

Os donos deste estabelecimento avisam ao respeitavel publico e a seus amigos e freguezes, que de hoje em diante acharão sobre o balcão um completo sortimento de fazendas de seda, assim como muitos outros objectos de phantazia, que se venderão por baratissimo preço, afim de se apurar dinheiro.

LOTERIA DA MATRIZ DA BOA-VISTA

AOS 10:000$ 4:000$ E 1:000$000 rs.

O cautelista Salustiano de Aquino Ferreira avisa ao respeitavel publico, que as rodas da mesma loteria, tem o seu impreterivel andamento no dia 14 de julho do corrente, em virtude do annuncio publicado no *Diario de Pernambuco* de 8 de junho n. 131, pelo thesoureiro o Sr. Francisco Antonio de Oliveira. Os seus afortunados bilhetes e cautelas estão expostos á venda nas lojas seguintes: rua da Cadeia do Recife n. 45, de José Fortunato dos Santos Porto; na praça da Independencia n. 4, de Fortunato Pereira da Fonseca Bastos, ns. 37 e 39, de Antonio Augusto dos Santos Porto; rua do Queimado n. 44, loja de fazendas de Bernardino José Monteiro & C.; rua do Livramento botica de Francisco Antonio das Chagas; rua do Cabugá botica de Moreira & Fragoso; rua Nova n. 16, loja de fazendas de José Luiz Pereira & Filho; Boa-Vista loja de cera de Pedro Ignacio Baptista. Paga sob sua responsabilidade os tres premios grandes sem o desconto de 8 por cento do imposto geral.

Bilhetes	11$000	10:000$000
Meios	5$500	5:000$000
Quartos	2$800	2:500$000
Decimos	1$300	1:000$000
Vigesimos	700	500$000

AS MAIS MODERNAS E RICAS OBRAS DE OURO.

Os abaixo assignados, donos da nova loja de ourives da rua do Cabugá n. 11, confronte ao pateo da matriz e rua Nova, franqueiam ao publico em geral um bello e variado sortimento de obras de ouro de muitobons gostos e preços que não desagradarão a quem queira comprar; os mesmos se obrigam por qualquer obra que venderem a passar uma conta com responsabilidade, especificando a qualidade do ouro de 14 ou 18 quilates, ficando assim sujeitos por qualquer duvida que apparecer.—*Serafim & Irmão.*

— O Dr. Firmo, medico, mudou sua residencia para a rua estreita do Rosario casa n. 50, segundo andar.

— Antonio José de Faria Machado, com loja de bilhetes das loterias da corte do imperio tem a satisfação de annunciar ao respeitavel, que na sua loja sita na praça da Independencia n. 40, existem os felizes e ha muito desejados bilhetes originaes, sendo os que a' venda se acham da nona loteria a beneficio das obras publicas da imperial cidade de Nictheroy, a qual tinha de ser extrahida em 30 do passado, a' vista do que devé pois chegar a competente lista em 10 ou 11 do corrente; e de hoje em diante continuara' tão sómente a vender meios e inteiros bilhetes, deixando de vender como d'antes as cautelas que dos mesmos bilhetes se desmanchavam, em consequencia do oneroso imposto que pela assembléa provincial foi novamente creado; adverte-se portanto a todas as pessoas que costumam comprar bilhetes, que na loja do annunciante encontrarão sempre um completo sortimento deste genero, mas lembra-lhes que para comprar bilhetes não se aguardem para o dia ou vespera da chegada do vapor, pois que se arriscam a não poder comprar, visto que nos ultimos dias não haverão para vender, como quasi sempre costuma succeder.

— Quem perdeu uma capa e um livro entenda-se com o despachante da alfandega Joaquim Antonio Carneiro, na alfandega ou no seu sitio, na Capunga, que dando os signaes lhe serão entregues.

— Precisa-se alugar annualmente um sitio perto da cidade, que tenha casa soffrivel e algum arvoredo; na rua do Amorim n. 39, ou annuncie para ser procurado.

ROUBO.

Na sexta-feira, 30 de junho proximo passado, do sobrado n. 9 da rua do Rangel, furtaram, das 11 horas da manhãa as 2 da tarde, duas trouxas com roupa lavada, de cima de uma marqueza existente na sala interior, contendo as mesmas trouxas o seguinte: 14 camisas de homem, novas, tendo 11 as aberturas de esguião e 3 do mesmo panno, 2 calças novas de brim fino, brancas, e 3 colletes de fustão, um branco e dous de cores. Suppõe-se que quem furtou taes objectos, aproveitou-se da occasião de achar-se a sala sem pessoa alguma: quem descubrir onde se acha dita roupa, além de prometter-se o maior segredo, será generosamente recompensado, e para isso podem dirigir-se ao mencionado sobrado.

— Precisa-se de uma ama para o serviço interno de casa de pouca familia: na rua do Rangel, sobrado n. 9.

— Precisa-se de um feitor que saiba tratar de pomar e enchertar: no aterro da Boa-Vista n. 43. Na mesma casa precisa-se comprar uma canoa de carreira para 6 ou 8 pessoas.

— Joaquim Soares Raposo da Camara, residente na cidade do Natal, faz sciente ao publico, que tendo fallecido seu pai o major Luiz Soares Raposo da Camara no dia 8 de junho de 1853, o qual administrava o morgado que possuia na Ponta Delgada, ilha de S. Miguel, reino de Portugal, e por fallecimento de dito seu pai lhe pertence o dito morgado, como filho varão mais velho, e que desde o dia do fallecimento de seu pai entrou na administração do mencionado morgado; avisa por isso ao respeitavel publico, que não contrate com seus manos ou seus procuradores negocio algum que diga respeito ao referido morgado, sob pena de perderem qualquer contrato que fizerem com ditos seus manos ou procuradores, pois que os referidos seus manos nada tem com o morgado. Cidade do Natal 22 de junho de 1854.

— O batalhão n. 2 de infantaria tem de contratar o fornecimento dos generos abaixo declarados, para o rancho do batalhão no segundo semestre do corrente anno, que são os seguintes: arroz pilado, toucinho, feijão, carne secca, dita verde, farinha, sal, bacalhao, azeite doce, vinagre, assucar, café, lenha, pães de 6 onças, ditos de 4: as pessoas que quizerem contratar, dirigirão suas propostas em carta fechada, á secretaria do mesmo, amanhãa 5 do corrente. Recife 4 de julho de 1854.—*Henrique Tiberio Capistrano*, alferes agente.

COMPRAS.

— Compra-se prata brasileira e hespanhola: na rua da Cadeia do Recife n. 24, loja de cambio.

— Compram-se periodicos para embrulho a 3$800 a arroba, garrafas e botijas vasias de todos os tamanhos e qualidades, vidros tambem de todos os tamanhos e potes de graixa, tudo usado: no pateo do Darmo venda da esquina da rua de Hortas n. 2.

— Compram-se acções do Banco de Pernambuco: na rua da Cruz, casa n. 3, de Amorim Irmaos.

— Compra-se um cordão de ouro de lei, que tenha mais de 2 varas de comprimento: quem tiver para vender, sem feitio, annuncie.

VENDAS.

CARTAS DE ENTERRO.

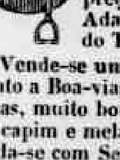
Vendem-se cartas de convite para enterro de gosto moderno: na livraria n. 6, e 8 da praça da Independencia.

— Vende-se uma cabra com bastante leite e muito moça, no areial do forte das Cinco Pontas, casa da esquina do lado da maré, n. 49.

— A taberna do largo do Carmo, quina da rua de Hortas n. 2, acha-se sortida de todos os generos novos, de boa qualidade e baratos; manteiga ingleza e franceza, boa, de 400 até 800 rs., toucinho novo, o melhor que ha no mercado a 360 a libra, cha a 2$080 e 2$560, azeite doce a 640 a garrafa, vinho o melhor possivel a 400 rs. e 480 a garrafa, queijos muito bons a quatro patacas e doze vintens, tambem se vende pão como na padaria a cinco por quatro, peneiras de arame para os senhores padeiros e refinadores a 7$ e 8$000 rs.

PARA A FESTA.

Sellins inglezes para homem e senhora.



Vendem-se sellins inglezes de patente, com todos os pertences, da melhor qualidade que tem vindo a este mercado, lisos e de burranne, por preço muito commodo: em casa de Adamson Howie & Companhia, rua do Trapiche n. 42.

— Vende-se um sitio, no lugar da Venda Grande junto a Boa-viagem, rendeiro, vendem-se as bemfeitorias, muito bom, de todas as plantações, boa baixa de capim e melancia, roça: quem o pretender entenda-se com Serafim Leite Pereira, no Remedio ou no Forte do Matto com Manoel Antonio Ribeiro.

— Relogios de ouro patente inglez ja bem conhecidos neste mercado, papel de peso proprio para se escrever por paquetes, linhas de algodão em carriteis de 200 jardas, fio de linho proprio para alfaiate e sapateiro, bicos de algodão em cartões pequenos, tudo por preço commodo, em casa de Russell Mellors & Companhia: na rua da Cadeia do Recife n. 36.

LINGUAS DO RIO GRANDE.

Para acabar, se vendem mais barato as boas linguas seccas do Rio Grande: no armazem da rua da Praia n. 66.

Aviso ao esquadrão.

Na rua do Queimado n. 50 ha para vender por preço commodo um sellim e seus pertences e um fardamento completo para um guarda de cavallaria: quem pretender dirija-se a mesma casa que achará com quem tratar.

— Vende-se um escravo crioulo bom official de sapateiro, com 24 annos de idade: quem o pretender procure na rua do Tambiá, casa do alferes do nono batalhão de infantaria Raymundo Nonato da Silva.

SACCAS COM MILHO.

Ja' chegou da Parahiba uma porção de saccas, e acham-se no trapiche da alfandega velha.

—Vendem-se duas moradas de casas terreas de pedra e cal, chãos proprios, novas, e de bons commodos, por preço razoavel, sitas na rua dos Prazeres nos Coelhos: a tratar na rua do Livramento loja n. 16.

—Na rua das Cruzes taberna do Campos, vendem-se e alugam-se, tanto a retalho como por junto, as melhores que ha no mercado bichas hamburguezas, por preço commodo.

LOTERIA DA PROVINCIA.

Aos 10:000$.

Na casa feliz dos quatro cantos da rua do Queimado n. 20 estão a venda os afortunados bilhetes e cautellas da loteria da Boa-Vista que corre no dia 14 e paga-se os premios de 1:000$ para cima sem desconto algum.

— Vende-se um escravo, pardo, com officio de sapateiro e perito cozinheiro em toda qualidade de assados e massas, e uma conducta boa a toda prova, o que se afiança ao comprador: na rua larga do Rosario n. 22, segundo andar.

— Vende-se um teiheiro grande, por preço commodo: quem quizer, a fallar com Frederico Chaves, no aterro da Boa-Vista n. 17.

— Vende-se ou permuta-se por uma casa terrea dentro da cidade, um bom sitio na estrada do Rosarinho, com casa de pedra e cal, boa cacimba, bastantes arvoredos de fructos, boa baixa, e em terras proprias: a tratar com Frederico Chaves, no aterro da Boa-Vista n. 17.

MOENDAS SUPERIORES.

Na fundição de C. Starr & Companhia em Santo Amaro, acha-se para vender moendas de cannas todas de ferro, de um modello e construcção muito superiores.

ARADOS DE FERRO.

Na fundiçao' de C. Starr. & C. em Santo Amaro acha-se para vender arados de ferro de superior qualidade.

— Vendem-se camisas de meia para crias recem-nascidas, pelo diminuto preço de 300 rs. cada uma: no Bazar Pernambucano, rua Nova n. 33.

— Vendem-se 4 molecotes de 14 a 18 annos, sendo 1 bom official de pedreiro, e 2 escravos moços: na rua Direita n. 3.

Farinha de mandioca.

Vende-se muito boa farinha de mandioca; a bordo do brigue nacional *Inca*, chegado de Santa Catharina: para porções, trata-se no escriptorio da rua da Cruz n. 40, primeiro andar.

— Vende-se rapé igual ao de Lisboa a 2$000 rs.: na rua da Senzala-Velha n. 70, segundo ou terceiro andar.

— Vende-se uma excellente casa de sobrado na rua das Cruzes: a tratar na rua do Queimado n. 10, segundo andar.

— Vende-se cera amarella do sertão, em porção ou a retalho: na rua Nova n. 27.

— Vende-se uma cabra (bicho) com um filho, boa criadeira: na rua das Larangeiras n. 8.

— Vende-se sal do Assú em pequenas e grandes porções, perto do embarque; a tratar nas Cinco Pontas n. 82.

Não pode ser mais barato.

Na rua do Queimado n. 10 vendem-se fazendas por preço tão barato, que so o comprador vendo acreditará.

Chita franceza larga. . . .	200	
Barege de lãa e seda para vestido de senhora	360	cov.
Cassas de cores muito finas.	500	var.
Riscados francezes	200	cov.
Córtes de casemira de lãa.	4$000	
Chapéos francezas.	6$000	
Brim de linho de cor. . .	600	var.
Chales de seda	5$000	
Chitas de barra largas . .	240	cov.
Filó de cor larga	640	var.

LOTERIA DA MATRIZ DA BOA VISTA.

Casa da Esperança rua do Queimado n. 61.

Nesta casa está a venda um completo sortimento de cautelas desta loteria, cujas rodas andam no dia 14 de julho.

— Vende-se uma balança romana com todos os seus pertences, em bom uso e de 2,000 libras: quem a pretender, dirija-se á rua da Cruz, armazem n. 4.

CORTES DE CHITAS A 1$920.

Continua-se a vender cortes de chita de cores fixas a seis patacas cada corte: na loja do sobrado amarello nos quatro cantos da rua do Queimado n. 29.

A 500 RS. A VARA.

Brim trançado branco de puro linho, muito encorpado: na loja da esquina da rua do Crespo que volta para a cadeia.

COBERTORES.

Vendem-se cobertores de tapete a 800 rs., ditos muito grandes a 1$400, ditos brancos com barra de côr a 1$280, colchas brancas com salpicos a 1$000: na loja da rua do Crespo n. 6.

BRIM DE PURO LINHO, PROPRIO PARA MILITARES.

Vende-se brim de linho branco muito encorpado a 500 rs. a vara, córtes de casemira elastica a 4$000, panno azul para fardas de guarda nacional a 3$000 e 4$000 o covado, dito preto para palitós a 3$000, 4$000 e 4$500, lenços de seda de 3 pontas, proprios para senhora botar pelos hombros a 640 cada um, e muito mais fazendas em conta; na rua do Crespo, loja n. 6.

SANDS.

SALSA PARRILHA.

Vicente José de Brito, unico agente em Pernambuco de B. J. D. Sands, chimico americano, faz publico que tem chegado a esta praça uma grande porção de frascos de salsa parrilha de Sands, que são verdadeiramente falsificados, e preparados no Rio de Janeiro, pelo que se devem acautelar os consumidores de tão precioso talisman, de cahir neste engano, tomando as funestas consequencias que sempre costumam trazer os medicamentos falsificados e elaborados pela mão daquelles, que antepoem seus interesses aos males e estragos da humanidade. Portanto pede, para que o publico se possa livrar desta fraude e distingua a verdadeira salsa parrilha de Sands da falsificada e recentemente aqui chegada; o annunciante faz ver que a verdadeira se vende unicamente em sua botica, na rua da Conceição do Recife n. 61; e, além do receituario que acompanha cada frasco, tem embaixo da primeira pagina seu nome impresso, e se achará sua firma em manuscripto sobre o involtorio impresso do mesmo frasco.

— Vende-se um cabrioiet com sua competente coberta e arreios, tudo quasi novo; assim como 2 cavallos do mesmo já ensinados e mansos: para ver, na cocheira do Pedro ao pé do arsenal de marinha, e para tratar, na rua do Trapiche Novo n. 14, primeiro andar.

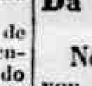
DEPOSITO DE PANNO DE ALGODA'O DA FABRICA DE TODOS OS SANTOS NA BAHIA.

Vende-se o superior panno de algodão desta fabrica, proprio para saccos e roupa de escravos: no escriptorio de Novaes & Companhia, rua do Trapiche n. 54, primeiro andar.

— Vendem-se 4 escravos, 1 mulato de 20 annos, 1 moleque de 17 annos, 1 preta lavadeira e engommadeira, 1 preto de 49 annos e 30 traves de pao darco: na rua larga do Rosario n. 25.

POTASSA BRASILEIRA.

Vende-se superior potassa, fabricada no Rio de Janeiro, chegada recentemente, recommenda-se aos senhores de engenho os seus bons effeitos ja' experimentados: na rua da Cruz n. 20, armazem de L. Leconte Feron & Companhia.



Vendem-se relogios de ouro e prata, mais barato de que em qualquer outra parte: na praça da Independencia n. 18 e 20.

— Vende-se por haver precisão um lindo casal de escravos, pardos e com habilidade, e se dirá o motivo da venda: na rua da Praia, primeiro andar n. 43.

— Continua-se a vender manteiga ingleza de superior qualidade a 480 rs. a libra: na rua larga do Rosario, taberna de 4 portas confronte a igreja n. 39.

Deposito da fabrica de Todos os Santos na Bahia.

Vende-se, em casa de N. O. Bieber & C., na rua da Cruz n. 4, algodaõ trançado d'aquella fabrica, muito proprio para saccos de assucar e roupa de escravoš, por preço commodo.

— Vendem-se em casa de Mc. Calmont & Companhia, na praça do Corpo Santo n. 11, o seguinte: vinho de Marseille em caixas de 3 a 6 duzias, linhas em novellos e carreteis, breu em barricas muito grandes, aço de milaõ sortido, ferro inglez.

AGENCIA

Da Fundiçao' Low-Moor. Rua da Senzala nova n. 42.

Neste estabelecimento continúa a haver um completo sortimento de moendas e meias moendas para engenho, machinas de vapor, e taixas de ferro batido e coado, de todos os tamanhos, para dito.

PECHINCHA PARA OS SRS. ARMADORES.

Na loja da rua do Queimado n. 22, vende-se setim azul claro de superior qualidade a 500 rs. o covado com pequeno toque de mofo, he para acabar

HE BARATISSIMO.

Cortes de brim de cores de puro linho e padrõe modernos a 1$750 rs., assim como gravatas de setim de cores muito bonitas a 600 rs. ditas de chita a 200 rs., venham ver para se capacitar, na loja de Leopoldo da Silva Queiroz, rua do Queimado n. 22.

CHALES DE ALGODAÕ MUITO BONITOS A 1,000 RS.

Quem os vir compra, ainda que não tenha vontade, na loja de Leopoldo da Silva Queiroz, rua do Queimado n. 22.

— Na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, tem para vender diversas musicas para piano, violão e flauta, como sejam, quadrilhas, valsas, redowas, schotickes, modinhas, tudo modernissimo, chegado do Rio de Janeiro.

Agencia de Edwin Maw.

Na rua de Apollo n. 6, armazem de Mc. Calmont & Companhia, acha-se constantemente bons sortimentos de taixas de ferro coado e batido, tanto rasa como fundas, moendas inetiras todas de ferro para animaes, agoa, etc., ditas para armar em madeira de todos os tamanhos e modelos os mais modernos, machina horisontal para vapor, com força de 4 cavallos, cócos, passadeiras de ferro estanhado para casa de purgar, por menos preço que os de cobre, esco vens para navios, ferro da Suecia, e folhas de flandres; tudo por barato preço.

— Na rua das Cruzes n. 22, vende-se um escravo, crioulo, de 20 annos, bonita figura, proprio para todo serviço, um dito de nação, de meia idade, proprio para sitio, e uma crioula com habilidades, de 26 annos.

— No aterro da Boa-Vista n. 80, vende-se gomma para engommar a 100 rs. a libra, ultimamente chegada do Aracaty, e alqueire e meio de feijão furado alguma cousa, por baratissimo preço.

— Vende-se um preto de nação, de muito bonita figura: quem o pretender, póde ir ve-lo na praça do Corpo Santo n. 11, ou em Santo Amaro, na casa pequena junto da taberna.

— Vende-se uma armação para deposito, bem construida: na rua Direita n. 84. Tambem se vendem os generos que tem dentro mais baratos, para liquidar contas.

— Na rua das Cruzes n. 22, vende-se uma optima escrava, bonita figura, engommadeira e cozinheira, cose chão e lava de sabão.

— Vende-se uma optima escrava, bonita figura, engommadeira, cozinheira, coze chão e lava de sabão: na rua das Cruzes n. 22.

— Vende-se a parte de um sobrado de tres andares: quem pretender, dirija-se á rua do Rangel n. 57.

— Vende-se um carrinho de 4 rodas, novo, muito elegante e maneiro, vindo de França: na rua da Cruz n. 26, primeiro andar.

— Vende-se vinho branco de Bordeaux, em garrafas, a 9$500 a duzia: no Recife, rua do Trapiche, em casa do Sr. Hebrard e Fernando de Lucas.

— Na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, vende-se cera tanto em grume, como em vellas, em caixas, com muito bom sortimento e de superior qualidade, chegada de Lisboa na barca *Gratidão*, assim como bolachinhas em latas de 8 libras, e farello muito novo em saccas de mais de 3 arrobas.

Deposito de vinho de champagne Chateau-Ay, primeira qualidade, de propriedade do condi de Mareuil, rua da Cruz do Recife n. 20: este vinho, o melhor de toda a champagne, vende-se a 56$000 rs. cada caixa, acha-se unicamente em casa de L. Lecomte Feron & Companhia. N. B. As caixas são marcadas a fogo — Conde de Mareuil — e os rotulos das garrafas são azues.

—Na rua do Vigario n. 19 primeiro andar, tem para vender-se chapeos de castor brancopor commodo preço,

— Vendem-se pregos americanos, em barris, proprios para barricas de assucar, e alvaiade de zinco, superior qualidade, por preços commodos: na rua do Trapiche Novo n. 16.

Taixas para engenhos.

Na fundiçao' de ferro de D. W. Bowmann, na rua do Brum, passando o chafariz, continua haver um completo sortimento de taixas de ferro fundido e batido de 5 a 8 palmos de bocca, as quaes acham-se a venda, por preço commodo e com promptidao': embarcam-se ou carregam-se em carro sem despeza ao comprador.

— Vende-se peixe secco de varias qualidades e muito bom: na rua da Cruz n. 15, segundo andar; assim como botins de couro pelo diminuto preço de 2$500 o par.

5$000 cada um.

Vendem-se chapéos de sol de seda, boa qualidade, por 5$000 rs. cada um, ditos de panninho, por 1$280: na praça da Independencia n. 35.

Attenção.

Na rua Direita n. 19, ha um lindo caixão proprio para deposito de padaria, o qual se vende muito em conta, um braço de balança de Romão & Companhia com as competentes conchas, uma porção de taboas e uma porta de louro, tudo se vende em conta em razão do dono não ter commodo para o caixão.

— Vendem-se cobertores de algodão grandes a 640, e pequenos a 560: na rua do Crespo n. 12.

QUEIJOS E PRESUNTOS.

Na rua da Cruz do Recife no armazem n. 62. de Antonio Francisco Martins, se vende os mais superiores queijos londrinos, presuntos para fiambre, ultimamente chegados na barca ingleza *Valparaizo.*

— Vende-se uma distilação completamente montada: o alambique he excellente por sua fornida construcção, e ser de cobre puro; a serpentina he de estanho, e só essa peça tem o peso de 200 libras, a bomba he igualmente de cobre, as cubas são de optimo amarello vinhatico, e mui bem construidas. Tudo está em proporção para produzir uma pipa de aguardente diaria: trata-se na rua da Cadeia do Recife n. 3, primeiro andar.

Na rua da Cadeia do Recife n. 60, armazem de Henrique Gibson:

vendem-se relogios de ouro de sabonete, de patente inglezes, da melhor qualidade e fabricados em Londres, por preço commodo.

—Na rua do Vigario n. 19 primeiro andar, tem á venda a superior flanella para forro de sellins chegada recentemente da America.

— Vende-se um excellente carrinho de 4 rodas mui bem construido, em bom estado; está exposto na rua do Aragão, casa do Sr. Nesme n. 6, onde podem os pretendentes examina-lo, e tratar do ajuste com o mesmo senhor acima, ou na rua da Cruz no Recife n. 27, armazem.

Moinhos de vento

com bombas de repuxo para regar hortas e baixas de capim, na fundição de D. W. Bowman: na rua do Brum ns. 6, 8 e 10.

Padaria.

Vende-se uma padaria muito afreguezada: a tratar com Tasso & Irmãos.

Aos senhores de engenho.

Cobertores escuros de algodão a 800 rs., ditos muito grandes e encorpados a 1$400: na rua do Crespo, loja da esquina que volta para a Cadeia.

Devoto Christão.

Sahio a luz a 2.ª edição do livrinho denominado— Devoto Christão, mais correcto e acrescentado; vende-se unicamente na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia a 640 rs. cada exemplar.

Redes acolchoadas,

brancas e de cores de um só panno, muito grandes e de bom gosto: vendem-se na rua do Crespo, loja da esquina que volta para a cadeia.

AOS SENHORES DE ENGENHO.

O arcano da invençao' do Dr. Eduardo Stolle em Berlin, empregado nas colonias inglezas e hollandezas, com grande vantagem para o melhoramento do assucar, acha-se a venda, em latas de 10 libras, junto com o methodo de emprega-lo no idioma portuguez, em casa de N. O. Bieber & Companhia, na rua da Cruz, n. 4.

VINHO DO PORTO MUITO FINO.

Vende-se superior vinho do Porto, em barris de 4., 5. e 8.: no armazem da rua do Azeite de Peixe n. 14, ou a tratar no escriptorio de Novaes & Companhia, na rua do Trapiche n. 54.

ESCRAVOS FUGIDOS.

— Ausentou-se da casa do Sr. Sebastião Antonio do Rego Barros, em agosto de 1851, em occasião que se achava morando no aterro da Boa-Vista, o seu escravo, pardo, de nome Vicente, de altura regular, que representa ter 30 annos de idade, pouca barba, bons dentes, olhos na flor do rosto, corpo e pernas bem feitas, tendo nos cotovellos dos braços dous lobinhos; suppõe-se estar acoutado em uma casa nesta cidade, e seu senhor protesta desde já por perdas, damnos, dias de serviço, etc. etc.; assim como gratifica a quem o apprehender.

— Antonio, moleque, alto, bem parecido, côr avermelhada, nação Congo, rosto comprido, barbado no queixo, pescoço grosso, pés bem feitos, tendo o dedo index da mão direita aleijado de um talho, e por isso o traz sempre fechado, com todos os dentes, bem ladino, official de pedreiro e pescador; levou roupa de algodão e uma palhoça para resguardar da chuva. Ha toda probabilidade de ter sido seduzido por alguem; fugido a 12 de maio do corrente anno, pelas 8 horas da manhãa, tendo obtido licença para levar para Santo Antonio uma bandeja com roupa: roga-se, portanto, a todas as autoridades e capitães de campo, hajam de o apprehender e leva-lo a Antonio Alves Barbosa, na rua de Apollo n. 30, ou em Fóra de Portas, rua dos Guararapes, onde se pagarão todas as despezas.

— Desappareceu no dia 15 de janeiro do corrente anno o escravo José Caçange, de idade 40 annos, pouco mais ou menos, com falta de dentes na frente, testiculos crescidos, e cicatrizes nas nadegas; gratifica-se generosamente a quem o levar ao aterro da Boa-Vista n. 47, segundo andar.

Pern.— Typ. de M. F. de Faria.— 1854.

MUTILADO

ILEGÍVEL